



Universidade de Brasília
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

AMANDA SUCUPIRA PEDROZA

FUTUROS POSSÍVEIS:
um estudo antropológico do Museu do Amanhã (RJ)

BRASÍLIA
2018

AMANDA SUCUPIRA PEDROZA

FUTUROS POSSÍVEIS:

um estudo antropológico do Museu do Amanhã (RJ)

Monografia apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais com habilitação em Antropologia da Universidade de Brasília.

Orientador: Guilherme José da Silva e Sá (DAN/UnB)

Banca examinadora:

Prof. Dr. Guilherme José da Silva e Sá (DAN/UnB) - Orientador

Prof. Dr. Fabrício Monteiro Neves (SOL/UnB)

BRASÍLIA, 16 de março de 2018

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais que me apoiam com tanto amor e ternura. Pelo cuidado com que me incentivaram, pelos puxões de orelha, colos, exemplos, orientações, leituras e imensa paciência. Por tudo que compartilham comigo, agradeço com muito amor.

Ao meu irmão e minha irmã, que admiro tanto e são meus maiores exemplos. Por me inspirarem e ensinarem mais do que podem imaginar. À Aina, pelo carinho e companhia.

À família Abranches Sucupira, que me acolheu no Rio de Janeiro e em suas vidas com tanto carinho. Ao tio João e tia Elaine, a quem me faltam palavras para expressar minha gratidão. Ao Guiga, pela parceria de todas as horas, das festas aos momentos no laboratório.

Ao Guilherme, pelas orientações que ultrapassam essa monografia. Pelo respeito aos meus processos e por acreditar e me incentivar sempre.

Às amigas e amigos, de Brasília e do Rio, que me ajudaram das mais diversas formas e que, de perto ou de longe, estiveram sempre presentes nos meus afetos e pensamentos. Aos amigos que conheci no Museu, que me acolheram em suas vidas e compartilharam tanto. Por me mostrarem o Rio de Janeiro do Centro, da Lapa, do Nanam, da Pedra do Sal, do chorinho da Glória.

Ao professor Luiz Fernando Dias Duarte, por ter estabelecido o contato com a curadoria e diretoria do Museu do Amanhã, tornando possível esta pesquisa. Ao Alfredo Tomalsquim, por ter possibilitado minha entrada e permanência por dois meses no Museu. À Melina Almada e à Polyana Lourenço, por terem acompanhado de perto a minha pesquisa. A todas as pessoas do Museu do Amanhã que me acolheram, conversaram e me ensinaram tanto.

Ao Departamento de Antropologia, em especial pelo auxílio financeiro para a realização do trabalho de campo. Às professoras, professores e funcionárias que tive contato ao longo do curso, que marcaram e enriqueceram minha formação.

Ao professor Fabrício Monteiro Neves, por ter aceitado avaliar e contribuir com este trabalho.

A todas as pessoas que fizeram parte da minha vida e me acompanharam nesses momentos, agradeço de todo coração.

RESUMO

O Museu do Amanhã é um museu de ciências “diferente”, que explora perguntas e ideias sobre como podemos construir e viver os futuros possíveis dos próximos 50 anos. A partir de diversos recursos tecnológicos, cenográficos e interativos de seu acervo virtual, o museu estabelece conexões entre arte, ciência e tecnologia para compor suas exposições. Os caminhos da exposição principal levam o público por cinco grandes áreas: Cosmos, Terra, Antropoceno, Amanhãs e Nós. Uma narrativa conduzida pelas perguntas: De onde viemos? Quem somos? Onde estamos? Para onde vamos? Como queremos ir? Esta pesquisa objetivou explorar como as perguntas e narrativas do Museu do Amanhã possibilitam discussões e reflexões sobre relações e experiências humanas, em diálogo com a Antropologia. Assim, durante os meses de maio e julho de 2017, realizei uma pesquisa de campo no Museu do Amanhã, na qual acompanhei a rotina de construção de seus amanhã, a partir do conteúdo das exposições, dos discursos e práticas dos mediadores da exposição e de suas relações com os visitantes. Dessa forma, observei como as narrativas do museu se ampliam com as pessoas que constroem suas possibilidades para o futuro.

Palavras-chave: Museu do Amanhã; Museu de Ciência; Antropologia da Ciência.

SUMÁRIO

Apresentação.....	1
1 Cosmos – De onde viemos?.....	8
2 Terra – Quem somos?.....	16
2.1 Cubo da Matéria.....	17
2.2 Cubo da Vida	28
2.3 Cubo do Pensamento.....	43
3 Antropoceno – Onde estamos?	52
4 Amanhãs – Para onde vamos?	65
5 Nós.....	89
Referências Bibliográficas.....	95

APRESENTAÇÃO

A chegada no “Porto Maravilha”, no Centro da cidade do Rio de Janeiro, é irreconhecível para quem antes só observava o tráfego intenso da Via Perimetral (hoje inexistente). À beira do porto, em meio a grandes espaços vazios destinados a um grande fluxo de pessoas, um prédio estranho, “futurístico”, se destaca. É o Museu do Amanhã, inaugurado em dezembro de 2015. A sua construção consolida a mudança na paisagem do Centro do Rio de Janeiro. A Zona Portuária e a Praça Mauá foram muito alteradas com esse projeto urbanístico. Se antes essa era uma região de tráfego intenso, com a Perimetral, e de um porto invisibilizado, existe agora uma vista aberta para o mar da Baía de Guanabara, complementado pelo prédio orgânico e monumental do Museu do Amanhã.

O Museu faz parte do projeto Porto Maravilha, que é um projeto urbanístico que começou a ser desenvolvido em 2001 e propõe a “Recuperação e Revitalização” da Zona Portuária da cidade do Rio de Janeiro. Esse projeto faz parte de um grande e polêmico contexto de intervenções urbanas nessa cidade, que foram intensificadas em 2009, após ser escolhida como cidade-sede das Olimpíadas e Paralimpíadas de 2016. Por mais de um ano, um grande letreiro com o slogan “#Cidade Olímpica”, instalado na frente do Museu, não deixava esquecer que esse espaço era parte desse megaevento. O slogan foi substituído pelas palavras “Rio _ Te Amo”, mas a interação com as letras continuou sendo a mesma: pessoas escalando-as e tirando fotos com elas e o Museu ao fundo. As fotografias são uma constante na Praça Mauá e ao redor do Museu do Amanhã: é um espaço absurdamente fotogênico, que nasceu como cartão-postal e parada turística.

Nos finais de semana – em que o Centro fica silencioso, vazio de pessoas e de carros – a Praça Mauá continua movimentada, especialmente durante os períodos de férias, e algumas pessoas já fazem fila para entrar antes mesmo de o museu abrir. Em um domingo de sol, duas feiras, um evento de esportes de rua e vários vendedores ambulantes se somam ao público do Museu do Amanhã e do M.A.R. – Museu de Arte do Rio, ocupando a praça. Esses dois museus foram concebidos pela Fundação Roberto Marinho como âncoras culturais no projeto de revitalização da região portuária. Subindo no terraço do M.A.R., é possível observar toda a Praça Mauá, com a escultura do barão de Mauá no centro. Pode-se ver também os prédios vizinhos do Arsenal da Marinha, o Edifício Rio Branco, o Edifício A Noite (primeiro arranha-céu do país), e o Museu do Amanhã no píer, que adentra à Baía de Guanabara e passa a sensação de que poderia zarpar a qualquer momento.



Figura 1: Foto da Praça Mauá e do Museu do Amanhã vistos do M.A.R.

A presença de feiras de artesanato e gastronomia é constante na praça, assim como a realização dos mais diferentes eventos. Várias músicas compõem a trilha sonora, desde rodas de samba, ao blues ou até mesmo um grupo de música irlandesa com suas gaitas de fole. A praça também funciona como um polo de prática de esportes, com pessoas praticando boxe de manhã cedo e outras andando de patins e skate à noite. Durante a semana, o espaço fica mais calmo, e tanto trabalhadores da região quanto turistas podem ser vistos deitados nas sombras das árvores ou sentados nos bancos descansando depois do almoço. Apesar de ser uma praça pensada para grandes fluxos, em especial durante o período das Olimpíadas, as pessoas se apropriam dela e a transformam em um espaço de permanência.

Nos dias mais vazios da baixa estação, a praça Mauá e os espaços ao redor do Museu parecem imensos e vazios, e os visitantes se dispersam na imensidão. Esses vazios ao redor do museu e na praça aumentam a sensação de se contemplar um prédio-monumento. O enorme prédio de concreto branco tem um quê de Brasília que fazia me sentir em casa e ao mesmo tempo estranhá-lo, em contraste com os outros prédios mais antigos ao redor. Em dias de sol intenso, a claridade reflete na praça e é difícil olhar para o Museu, que se torna um

objeto ainda mais estranho. A claridade deixa tudo difuso e a forma incerta do Museu aponta para múltiplas possibilidades de futuro e o Amanhã parece mais longe, indefinido, uma forma orgânica e branca que não conseguimos distinguir muito bem.



Figura 2: Foto do Museu do Amanhã em um dia de sol

A experiência com o museu começa antes mesmo de entrar nele e a sua arquitetura se integra à praça, ao jardim e ao mar ao redor. O prédio e seus arredores fazem parte da experiência dos visitantes e começam a construir as narrativas para o Amanhã. O concreto branco me remete a um papel em branco, onde o futuro ainda está para ser escrito, o que parece apagar o passado e o presente que constituem o porvir. Suas formas inusitadas, que só são possíveis graças ao desenvolvimento das tecnologias da arquitetura e da engenharia, marcam como os avanços das tecnologias são centrais para esse museu. Na entrada, um grande vitral se ramifica em possibilidades para o globo terrestre, que pode ser visto girando através do vidro. Entrando no museu, a primeira coisa que avistamos é essa grande esfera de LED suspensa que reproduz um mapa-múndi digital. O mapa também exibe

informações como os fluxos de correntes marítimas e massas de ar, e seu conteúdo é constantemente atualizado para passar informações atuais.



Figura 3: Foto da perspectiva inversa: de dentro do museu, com o vitral mostrando a praça.

No átrio, o visitante compra seu ingresso na bilheteria e recebe o cartão interativo chamado “Íris”. Esse cartão funciona como uma assistente virtual que permite ao visitante interagir com as telas de conteúdo virtual ao longo da exposição. Após o cadastro, que em geral, é realizado na Galeria dos Horizontes, logo após a área do Cosmos, o visitante acessa o acervo do Museu com esse cartão. Como são muitas telas com muito conteúdo, a Íris registra os percursos do visitante para que ele possa explorar outros caminhos em sua próxima visita.



Figura 4: Foto do átrio do Museu do Amanhã

Um texto em uma das paredes do átrio apresenta a proposta do Museu e o título é seu slogan: “O Amanhã é hoje. E hoje é o lugar da ação”. Se hoje é o “lugar da ação”, a proposta é que essa ação seja orientada pelos valores éticos da “Convivência e Sustentabilidade”. Nos seus próprios termos, o Museu do Amanhã é um museu de ciências “diferente”, que explora perguntas e ideias sobre como podemos construir e viver os futuros possíveis dos próximos 50 anos. O Museu se propõe a promover a inovação, divulgar os avanços da ciência e publicar os sinais vitais do planeta.

A partir de diversos recursos tecnológicos, cenográficos e interativos de seu acervo virtual, o museu estabelece conexões entre arte, ciência e tecnologia, compondo a exposição principal, as exposições temporárias, as exposições itinerantes e as mostras experimentais. Os caminhos da exposição principal levam o público por cinco grandes áreas: Cosmos, Terra, Antropoceno, Amanhãs e Nós. Uma narrativa conduzida pelas perguntas: De onde viemos? Quem somos? Onde estamos? Para onde vamos? Como queremos ir?

“E por que um Museu do Amanhã?”, o texto expositivo questiona. A resposta apresenta a época em que vivemos como um momento de grandes transformações em que a

ação humana tornou-se uma força de alcance planetário, modificando e intervindo em moléculas; continentes; rios; florestas; na atmosfera e no clima. Essa perspectiva da centralidade do ser humano na construção do futuro do planeta está presente em toda a exposição, mas é na área Antropoceno que esse impacto passa a ser nomeado, como resposta à pergunta “Onde estamos?”.

As perguntas e narrativas do Museu do Amanhã provocam discussões e reflexões sobre as relações e experiências humanas, e foi isso o que despertou meu interesse para estudar esse museu na minha monografia de conclusão de curso. Assim, durante os meses de maio e julho de 2017, realizei uma pesquisa de campo no Museu do Amanhã, na qual acompanhei a rotina de construção de seus amanhãs, a partir do conteúdo das exposições, dos discursos e práticas dos mediadores da exposição e de suas relações com os visitantes.

A equipe com a qual tive mais contato durante o trabalho de campo foi a equipe do Educativo. Formada de maneira interdisciplinar, essa equipe é responsável pelas visitas mediadas de grupos ao museu. As visitas mediadas acontecem tanto com grupos agendados pelo site como escolas e outros grupos organizados, quanto com grupos de visita espontânea no projeto chamado “Trilhar”. Além disso, essa equipe realiza ações educativas, na tentativa de promover a interação entre pessoas de diversos perfis a partir dos eixos temáticos do museu. Também tive contato com a equipe de Orientação de Público, que é a responsável pela parte mais operacional da exposição, mas que também media a experiência dos visitantes com esse espaço. Além disso, tive a oportunidade de conversar com a gerente de Educação; o gerente de Exposições e do Observatório do Amanhã; o gerente de Pesquisa e Engajamento de Públicos; e a diretora do Laboratório de Atividades do Amanhã.

Junto com o fluxo de visitantes que participavam das visitas e ações educativas, essas pessoas mediaram minha experiência com o Museu do Amanhã e foi a partir dessas relações que esta monografia foi composta. Não tive contato com todas as pessoas que fazem o Museu do Amanhã, mas, da forma que foi possível me inscrever na pesquisa de campo, busquei construir saberes parciais e localizados sobre os sentidos e narrativas desse museu.

Entre os vários formatos e caminhos possíveis que esta monografia poderia ter tomado, escolhi construí-la a partir das reflexões que os diferentes espaços da exposição principal evocam e provocam em relação às discussões da antropologia com as quais tive contato durante o curso de graduação. A sequência da exposição serviu como uma possibilidade de dar sentido às múltiplas experiências e debates que vivenciei nesse museu. Entre os vários estímulos sensoriais que o museu desperta, as experiências visuais me

afetaram particularmente e achei importante registrar isso por meio de fotografias¹. Assim, segui a estrutura de uma visita mediada para apresentar os meus caminhos e reflexões dentro do Museu do Amanhã. Para começar a visita, subimos as escadas em direção à exposição principal. Nas paredes das duas escadas está estampada a seguinte frase: “A natureza ama o mistério”.



Figura 5: Foto da frase na parede das escadas do Museu do Amanhã

¹ Todas as fotos apresentadas nesta monografia são de minha autoria.

1 COSMOS – DE ONDE VIEMOS?

“De onde viemos?”

Vimos do Cosmos, o Todo que nos envolve e nos constitui. Pertencemos a uma Totalidade inacabada na qual espaço, tempo, corpo e movimento se combinam em uma dinâmica contínua, formando estruturas diversas, desde escalas atômicas até astronômicas. Nosso Universo está em permanente evolução. E quanto mais o conhecemos, mais mistérios surgem a ser desvendados.” (Texto da exposição principal do Museu do Amanhã)

Depois de uma breve conversa no átrio sobre os objetivos do Museu, a visita mediada começa com os educadores levando os visitantes até as maquetes que ficam no andar de cima. Essas maquetes fazem parte da Galeria das Formas, que dispõe de uma série de maquetes táteis como recurso de acessibilidade para apresentar o conteúdo para pessoas com baixa visão. Além das maquetes, o museu conta com um áudio-guia e um vídeo-guia. A primeira maquete mostra o Museu em seu contexto, apresentando essa parte do Centro do Rio de Janeiro, com as avenidas Rio Branco e Presidente Vargas, o Morro da Conceição, o Mosteiro de São Bento e a Praça Mauá. Mostra também a ponte Rio-Niterói e as ilhas Das Cobras, Fiscal e Das Enxadas.

Ao apresentar essa maquete, um dos educadores destacou a importância de falar do contexto em que esse museu está inserido, porque se a primeira pergunta que o museu propõe é “De onde viemos”, ele também deveria questionar isso para si mesmo, embora ele não o faça em nenhum momento da exposição principal. Em geral, como as visitas são feitas com uma dupla de educadores, outro educador completou o que o colega começou, contando que os morros da Conceição e da Providência foram as primeiras áreas da cidade a serem ocupadas.

A relação do Museu do Amanhã com a zona portuária é importante pois, como mencionado anteriormente, o museu foi pensado como âncora para a revitalização dessa área no projeto “Porto Maravilha”. Martins (2015) reflete sobre os discursos desse projeto e como ele, em consonância com outras configurações da cidade, é sustentado pela perspectiva do embelezamento. As áreas de intervenção dessas obras são a Zona Portuária e seus arredores no Centro da cidade. A autora ressalta que o termo não significa um “centro” geográfico literal mas uma zona central, com serviços e transporte. Embora seja central e com um grande fluxo de pessoas, existe um discurso sobre sua “decadência” e “degradação”.

Para ela, esse projeto, que incitou mudanças controversas e disputas, teve como referência os modelos de cidades estrangeiras, principalmente Barcelona. O sucesso da cidade espanhola foi usado como justificativa legitimadora e inspiradora. O Museu do Amanha foi inclusive desenhado pelo mesmo arquiteto que fez projetos para a Barcelona olímpica, o espanhol Santiago Calatrava. Ela apresenta um histórico do projeto “PORTO DO RIO”, que começa a ser desenvolvido em 2001 e ainda não foi concluído, pois prevê ainda mais intervenções urbanísticas. Iniciativa da prefeitura, trata-se de uma Parceria Público-Privada – PPP que conta como principal parceiro um consórcio de empreiteiras (Norberto Odebrecht, OAS e Carioca Engenharia). O projeto é realizado pela Companhia de Desenvolvimento Urbano da Região do Porto do Rio de Janeiro (Cdurp).

A autora destaca, ainda, que as ideias de valorização do passado e da memória junto com as de avanço tecnológico e futurismo são centrais nos discursos do projeto. Argumenta que a “retórica do abandono”, retórica de que faltaria vida no Centro, ignora as pessoas que permanecem e chegam a esse local. Dentre os discursos sobre a decadência do Centro, o prefeito Eduardo Paes atribuiu a culpa por esse processo ao Viaduto da Perimetral, cuja retirada causou grandes controvérsias (MARTINS, 2015). Outra justificativa para a implantação dessas obras foi o desejo de intensificar o turismo na região portuária e no Centro, valorizando tanto os aspectos históricos quanto os futurísticos resultantes das intervenções. Dessa forma, Martins (idem) argumenta que a proposta envolve valores de um Rio de Janeiro futurista, renovado e aberto às dinâmicas internacionais. O Museu do Amanhã está fortemente ligado a esse contexto, não só em seu conjunto arquitetônico e projeto futurista de museu, mas também em seu acervo e suas exposições, nas quais propõe conexões de processos históricos para a construção do futuro.

Valadão e Dodebei (2012) analisam a revitalização da Zona Portuária a partir das tensões entre memórias de ontem e memórias do amanhã, levando em consideração a valorização da memória e do patrimônio. Em sua análise, identificam o Instituto de Pesquisa e Memorial dos Pretos Novos como representante da memória/tradição, e o Museu do Amanhã como representante de uma memória e patrimonialização do futuro. Argumentam que a Zona Portuária é um importante espaço de memória e identidade afro-brasileira, tendo em vista os marcos da tombada Pedra do Sal, do Morro da Conceição, da nova Cidade do Samba na Gamboa, do Memorial dos Pretos Novos e do recentemente descoberto Cais do Valongo. Este é um antigo local de desembarque de africanos escravizados, que foi “redescoberto” em 2011 durante as obras de revitalização da Zona Portuária.

Pinheiro e Carneiro (2016) contextualizam o Cais do Valongo como um dos lugares que integram o Circuito Histórico e Arqueológico de Celebração da Herança Africana (Circuito de Celebração Africana) e que, embora antes ocultado e invisível, agora faz parte dos espaços de patrimônio e identidade da cultura negra brasileira. O Circuito é formado pelos seguintes marcos: Cais do Valongo; Jardim Suspenso do Valongo, Largo do Depósito, Cemitério dos Pretos Novos e Centro Cultural José Bonifácio. Elas explicam que, embora seja divulgado que o Cais tenha sido “descoberto” durante as obras, sua localização não era desconhecida dos pesquisadores.

Em uma visita, um dos educadores comentou que era muito simbólico terem construído um enorme museu branco em cima da maior ossada de negros do mundo. As relações do Museu com a zona portuária e com esses espaços de memória e identidade afro-brasileira não aparecem em nenhum momento da exposição principal. Conversando com o gerente de Pesquisa e Engajamento de Públicos, ele defendeu que isso não estava na exposição principal porque sua narrativa era mais voltada para o global do que para o local, e que essas questões eram tratadas em uma série de outras atividades, como ações de caminhada pelo Cais do Valongo e a Semana da Matriz Africana. Ele reforçou, contudo, que “é importante que a gente saiba onde a gente está, né, e a gente está nesse lugar, que é fundamental pra herança africana do Rio de Janeiro e do Brasil, que é um lugar dentro da Baía de Guanabara. Então, essas duas questões [da herança africana e da Baía de Guanabara] são questões que são obrigatórias para o Museu tratar, e colocar em evidência”. Já o gerente de Exposições e do Observatório do Amanhã argumentou que a Praça Mauá, a região do porto e as pessoas que ali habitam são o tema de exposições virtuais do Museu, que podem ser acessadas pela plataforma Google Arts & Culture.

Na segunda maquete que é apresentada na visita educativa, o foco é o prédio do Museu do Amanhã. Valadão e Dodebei (2012) explicam que a arquitetura do Museu do Amanhã foi projetada para se integrar à paisagem da cidade e reaproximar o público dos seus marcos de fundação, o Morro da Conceição e o Morro de São Bento, deixando-os visíveis. A forma longilínea foi inspirada nas bromélias do Jardim Botânico, com uma forma etérea que dá a impressão de estar flutuando sobre o mar, explica o arquiteto que assina a obra (MUSEU DO AMANHÃ, 2017b).

Nessa mesma visita, o educador perguntou ao grupo o que achavam da arquitetura do Museu e as respostas foram: esqueleto de baleia ou de dinossauro; barata gigante; caravela; corredor de pratos; espaçonave; nave alienígena; ou transatlântico. O educador replicou

que: “todas as respostas de vocês estão certas, porque são sensações que essas formas provocam. Para o arquiteto, é uma bromélia, para vocês é o que vocês sentem”.

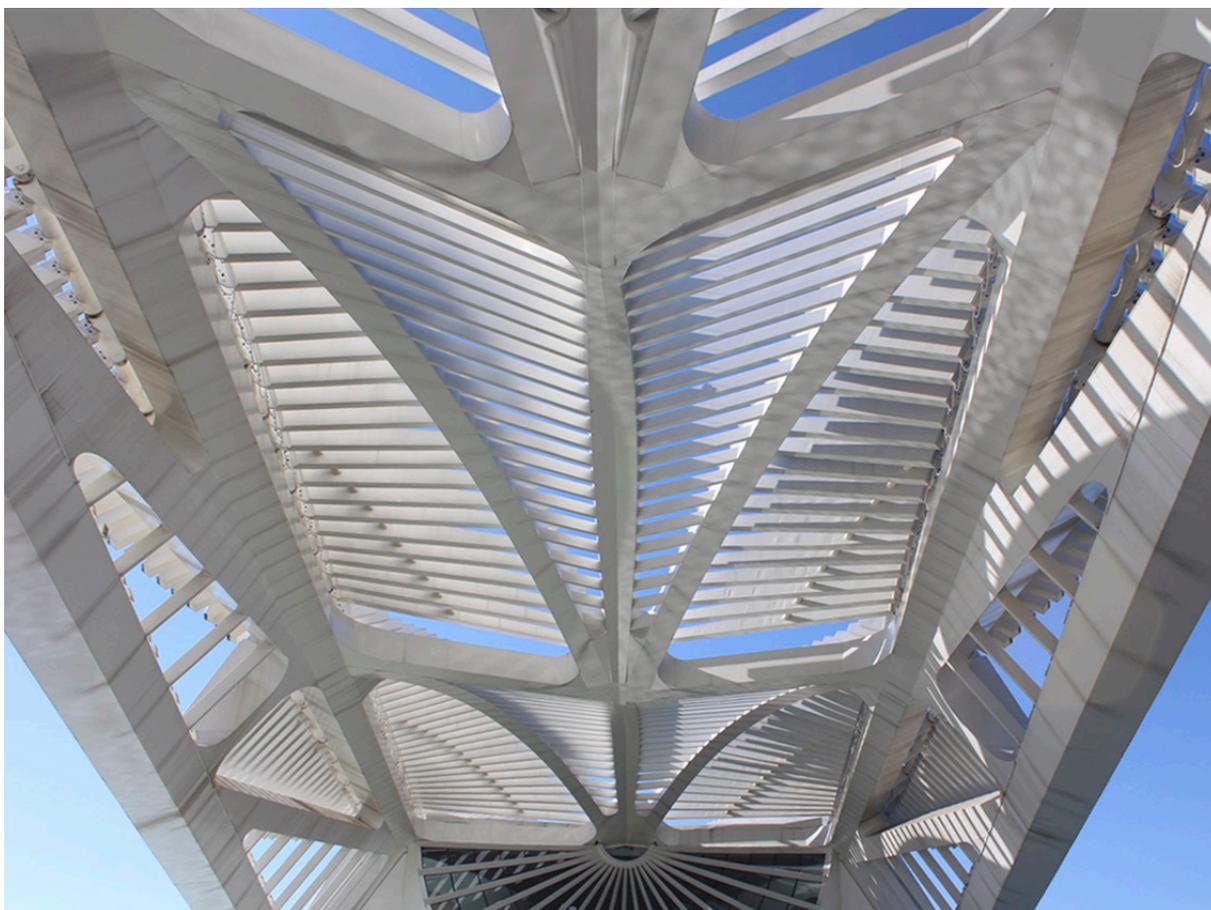


Figura 6: Foto do teto do Museu na entrada

O educador apontou que os espelhos d’água ao redor do museu ajudam a passar a ideia de uma bromélia, porque elas são plantas aquáticas. Esses espelhos d’água têm um papel climatizador, pois abaixam a temperatura ao redor do prédio e deixam o passeio por ali mais agradável. Além disso, são abastecidos com águas da Baía de Guanabara e integram um sistema que utiliza essa água para resfriar o sistema de ar-condicionado, para que não seja necessário o uso de poluentes como o CFC. A água utilizada para o resfriamento é depois devolvida limpa à Baía.

Ele assinalou as tentativas de tornar esse prédio uma construção mais sustentável. Além dos espelhos d’água, outra proposta é a cobertura do prédio, que possui um sistema de aletas com placas solares que se move no decorrer do dia, para captar o máximo de luz possível. Segundo ele, as aletas não suprem nem a demanda do museu, cujo acervo é repleto

de equipamentos eletrônicos, mas ajuda a compensar seu impacto. Além disso, as enormes janelas do Museu, que remetem a vitrais de igrejas, permitem que grande parte da iluminação provenha da luz natural, diminuindo o gasto com energia. A arquitetura do Museu reforça o discurso de ser um museu de sustentabilidade. Por causa dessas especificações arquitetônicas, o Museu recebeu a certificação Leed (Liderança em Energia e Projeto Ambiental), concedida pelo Green Building Council, e o prêmio internacional MIPIM, na categoria “Construção Verde Mais Inovadora”.

O arquiteto Santiago Calatrava ressalta que quis fazer um edifício “que se projetasse para o futuro”, com sua arquitetura leve, dinâmica e cambiante, que pretende voar (OLIVEIRA, 2015). A estrutura de aletas que se movem remete a asas e, junto com a forma de bromélia, se referendam ao crescimento biológico. O museu objetiva harmonizar a arquitetura, a curadoria e museografia para oferecer aos visitantes uma experiência única. O objetivo de construir a narrativa do Museu não só pelo conteúdo como a partir de experiências sensoriais é reforçado pela concepção museográfica, assinada pelo escritório Ralph Appelbaum Associates:

Para ele [Ralph Appelbaum], essa nova maneira de conceber os museus implica a criação de um ambiente no qual inúmeros recursos – da iluminação, à mídia audiovisual, do apelo aos sentidos à arquitetura interior – são empregados com o objetivo de fazer o visitante vivenciar determinado sentido ou informação” (idem, p. 115).

Ralph Appelbaum também foi responsável por propor que a estrutura do museu obedecesse uma evolução rítmica, como em uma partitura musical. Dessa forma, os espaços vazios fazem parte do projeto arquitetônico, assim como os silêncios fazem parte da música. Já Andres Clereci, diretor de criação, explica que foi dada preferência a formas elementares para compor as estruturas da exposição, para evitar que uma visão criada hoje logo ficasse defasada. A primeira forma elementar da exposição principal é o “ovo” do Cosmos: uma grande esfera preta, que bloqueia a visão para o resto da exposição e insere o visitante na temporalidade proposta pelo Museu. Sua forma remete à unidade, representando a ideia de origem e pertencimento ao Universo.

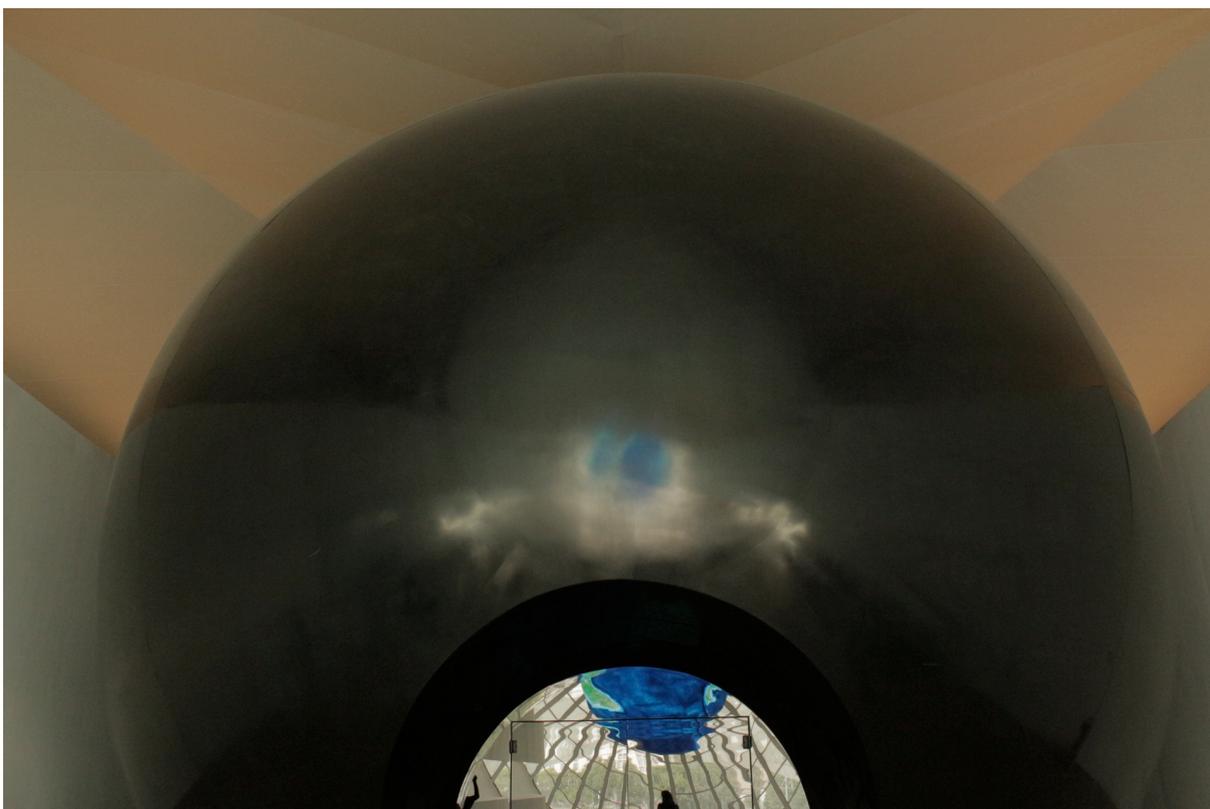


Figura 7: Foto da entrada do Cosmos

Enquanto esperamos na fila para entrar nessa esfera, uma educadora pergunta para o grupo “de onde viemos? De onde vocês vieram?”. Essa pergunta é comum na fila do Cosmos, e gera diversas respostas, que vão desde o lugar de origem do grupo, à família, à teoria da evolução e à criação divina. A educadora explica então: “A história aqui vai voltar uns 14 bilhões de anos, não só o tempo dos seus avós. A ideia desse museu é trazer a ciência aplicada aos nossos dias e aos dias que virão. A ideia desse espaço aqui é que vocês experienciem o Big Bang. Nos anos 60, esse nome de Big Bang era motivo para deboche, mas agora é considerado uma teoria, que também pode voltar a ser contestada, porque a ciência é assim. Isso aqui é um discurso, é a escolha de alguém. Não é uma verdade absoluta, porque não existe verdade absoluta. O problema da ciência para quem não é cientista, é pensar que aquilo é uma verdade única e que nunca muda”. Com sua explicação, a educadora focou nos processos de transformações e incertezas da ciência, assumindo que vários discursos sobre a realidade são possíveis.

Os museus e espaços de coleção passaram por muitas modificações em seus significados ao longo dos séculos, e esse discurso de processos, incertezas e possibilidades marca uma nova forma de apresentar a ciência. Os museus de ciência tem origem nos séculos

XV e XVI, durante a expansão colonial, com os “gabinetes de curiosidade”, em que eram organizadas coleções dos diferentes objetos que chegavam na Europa (LOUREIRO, 2003; SOUZA, 2009). Já no século XIX, o Imperialismo e a formação dos Estados também influenciaram o desenvolvimento de museus de ciência e tecnologia. Nesse contexto, essas instituições eram voltadas para os desenvolvimentos científicos e tecnológicos e o “progresso” trazido por eles (SOUZA, 2009). É nessa época que se consolidam os museus de ciência e tecnologia no Brasil, entre os anos de 1870 e 1930, marcados pelo positivismo, naturalismo e evolucionismo (LOUREIRO, 2003). É possível pensar nos grandes museus de história natural como exemplos dessa primeira geração de museus de ciência.

Na segunda metade do século XX, surgem os “centros de ciência”, em oposição aos museus de ciência tradicionais. O centro de ciências é caracterizado por utilizar diversos meios de comunicação e de exposição de caráter interativo para motivar e aproximar o visitante através da experiência (SOUZA, 2009). Essa segunda geração de museus de ciência, em geral, apresenta demonstrações e experimentos, e um exemplo dessa forma de museu é a Cité des Sciences et de l’Industrie no parque de La Villette em Paris.

Por fim, a terceira geração se caracteriza pela preservação e difusão da história e influências socioculturais da ciência (LOUREIRO, 2003). Estes museus procuram valorizar a exposição museológica como uma forma de divulgação científica. O Museu do Amanhã se apresenta em seu plano museológico como um museu de terceira geração, dialogando com as mudanças trazidas pelas tecnologias digitais (MUSEU DO AMANHÃ, 2016). Dessa forma, trata-se de um acervo digital de “possibilidades”, que é acessado interativamente pelo visitante. Além de mostrar a parte histórica da ciência, o objetivo é apresentar as possibilidades para o futuro.

Um educador explicou aos visitantes da fila do Cosmos: “Esse é um museu de ciências, que usa tecnologia, filosofia e arte como linguagem. É um museu de possibilidades, não existe certo ou errado, tudo é relativo e nada é absoluto. É um museu de perguntas, não um museu de respostas”. Será que o Museu não apresenta respostas às suas perguntas? Para o Cosmos, a resposta parece ser a narrativa científica do Big Bang.

Entrando na esfera do Cosmos, o visitante pode escolher se encostar em um dos apoios de madeira ou deitar em um dos colchões no chão, para poder observar o domo revestido com painéis de vídeo, que exibe um filme de cerca de oito minutos, produzido pela O2 Filmes. O filme, projetado em 360°, tem uma proposta imersiva, com a tentativa de passar a sensação de estar dentro do Big Bang e acompanhar a história do Universo. Depois de

alguns avisos, uma voz masculina convida para o embarque no “Portal Cósmico do Museu do Amanhã”, uma máquina do tempo que nos leva até o início do Cosmos.

“Somos o vazio”, começa uma voz feminina, que narra o filme, “somos tempo e espaço”². Depois desse vazio, uma explosão faz sentir o Big Bang. A viagem passa pela formação do Universo, dos elementos, planetas e astros. As cenas do filme sobrepõem imagens digitais com imagens filmadas, em escalas que vão do micro ao macro, cujas proporções não estamos acostumados a observar sem instrumentos científicos. A narração não tem legendas, para não distrair o visitante da experiência imersiva. A trilha sonora sobrepõe instrumentos de orquestra com *samples* digitais para criar uma sonoridade de grandiosidade e forte experiência sensorial.

O percurso do Cosmos anuncia a narrativa que será desenvolvida ao longo do museu. Depois do Cosmos, a próxima área da exposição principal é a “Terra”, que responde a pergunta “Quem somos?” através de três cubos em que o universo do Cosmos está constantemente se desdobrando, como narra a voz feminina: “O Universo está constantemente se desdobrando. Se desdobrando em matéria, e matéria se desdobrando em vida. Vida que é mutação e evolução. Vida que se desdobra em instinto. Vida que se desdobra em pensamento”. Os Cubos da Matéria, Vida, e Pensamento são, assim, o tema do próximo capítulo.

Tanto o Cubo do Pensamento da próxima área quanto a palavra “pensamento” no filme do Cosmos marcam a aparição do ser humano no percurso narrativo. No filme, o surgimento da humanidade intensifica o fluxo de imagens. A intensidade da ação humana sobre o planeta vai resultar na área Antropoceno, que responde à pergunta “Onde estamos?” e é a terceira parte desta monografia.

A última frase do filme mostra como é a partir do Antropoceno, essa época em que vivemos, que podemos imaginar o Amanhã: “Somos o pensamento que imagina o Amanhã, Amanhã que é aqui e agora”, narra o filme. A quarta parte deste trabalho apresenta então a área dos Amanhãs, com a pergunta “Para onde vamos?”, em que são apresentadas as principais tendências para o futuro. Os Amanhãs também servem para pensar as ações do Museu que carrega esse nome, e outras ações e espaços, com os quais tive contato para além da exposição principal. O Museu e esta monografia chegam ao fim explorando a área do Nós, que tem como pergunta norteadora “Como queremos ir?”. A proposta desse espaço aponta para uma construção coletiva de futuro.

² A transcrição do filme está disponível em: https://museudoamanha.org.br/sites/default/files/Roteiro_Portal-Cosmico.pdf. Acesso em: 8 de fev. de 18.

2 TERRA – QUEM SOMOS?

“Quem somos?”

Somos Matéria, Vida, e Pensamento.

Somos feitos dos mesmos elementos que compõem a Terra. Fomos moldados pela combinação de ritmos que forma o clima. Compartilhamos o código básico que define características de todos os seres vivos e somos parte inseparável da rica biodiversidade que habita o planeta. Possuímos um cérebro muito complexo, capaz de criar a incrível multiplicidade das culturas. Somos um sistema interligado a todos os sistemas que nos cercam. Somos Terra.” (Texto da exposição principal do Museu do Amanhã)

Saindo do Cosmos, a segunda área da exposição principal chama-se Terra. A pergunta aqui é: Quem somos?

Em uma visita mediada, a resposta de um dos educadores foi que “Somos todos poeira das estrelas”. Essa frase poética, que encantou o grupo de visitantes desse dia, é uma resposta bastante atual para a ciência. A astrônoma da NASA Michelle Thaller conta que “então o que é a existência humana? Como a gente pode resumi-la? Na verdade, é bem simples. Nós somos estrelas mortas, olhando de volta para o céu.”³, para em seguida explicar que cada elemento químico que nos compõe vem do instante anterior à morte de uma estrela.

Essa ideia também aparece resumida no filme do Cosmos, que nos diz que matéria se desdobra em vida e vida, em pensamento. Assim, a resposta apresentada na exposição conta que somos formações da matéria, organizações da vida e invenções do pensamento (OLIVEIRA, 2015). E disso se desdobra a organização dessa parte da exposição, que é composta por três cubos enormes de 7 metros de altura, cada um com um tema: Matéria, Vida e Pensamento. Os cubos são pensados como formas geométricas elementares, simples, que podem ser reconhecidas de maneira atemporal e que concentram as informações sobre o planeta, a vida e a cultura (OLIVEIRA, 2015). A reação de um pequeno visitante de cinco anos que passeava com a mãe, ao ver o primeiro dos cubos, o Cubo da Matéria, foi: “olha, mãe, um Cubo Mágico!”.

³ Disponível em: <https://aeon.co/videos/we-are-born-of-supernovas-our-spectacular-and-totally-ordinary-origin-story>. (Todas as traduções são de minha autoria)

2.1 CUBO DA MATÉRIA

O lado de fora do primeiro cubo, o Cubo da Matéria, é uma composição de fotos tiradas com satélite, “do lado de fora da Terra”, da mesma forma que estávamos fora do Cubo, como explicou um dos educadores. Contou que a voz que é possível ouvir saindo do cubo é uma gravação de Yuri Gagarin, o primeiro homem astronauta a ir para o espaço e ver a Terra, “mas se vocês quiserem se aprofundar”, complementou ele, procurem por Valentina Tereshkova, que foi a primeira mulher a ir para o espaço.

A primeira face do cubo, em tons de azul, tem a famosa frase desse astronauta, “A Terra é azul”. Cada face tem 49 fotos que tem majoritariamente uma cor. As outras três tonalidades do planeta são branco, laranja e verde, com as respectivas frases para cada cor: “A Terra é finita”; “A Terra é única”; “A Terra é dinâmica”.

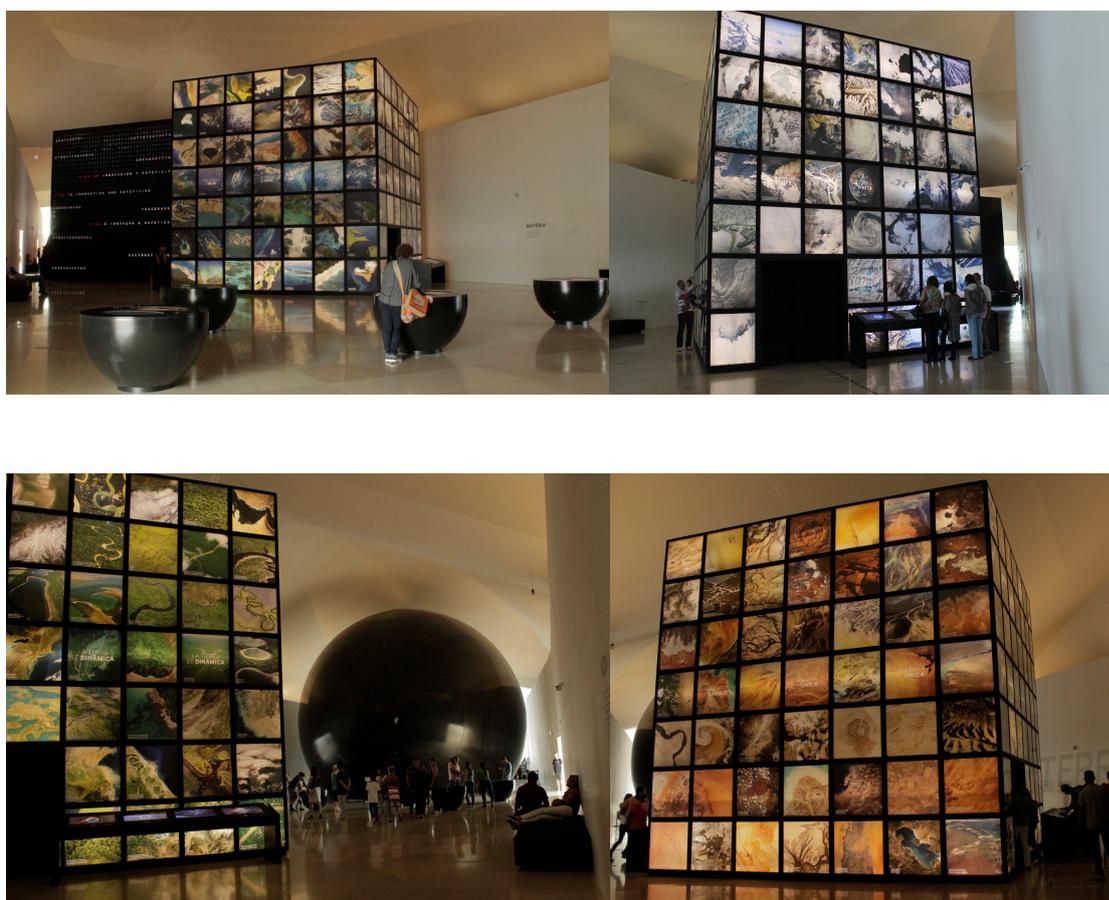


Figura 8: Fotos dos quatro lados do Cubo da Matéria

Falando sobre essa frase de Gagarin, um outro educador provocou: “Em que momento o céu fica azul?”, ao que o grupo de visitantes respondeu, “é imaginação”. “Será que a gente tá num grande delírio coletivo então?” respondeu de volta ele, e depois seguiu

para a explicação que a física nos fornece, deixando claro que essa explicação não era a única possível. A provocação dele mostra como narrativas incertas também são possíveis, dúvidas são possíveis. Apesar de a narrativa do museu ser estruturada através de perguntas, os textos de cada área apresentam respostas e uma narrativa definida, com poucas incertezas e dúvidas.

A pergunta aqui é “Quem somos?”. Uma das educadoras questionou essa pergunta: “O quão poderoso a gente é quando diz que a gente está destruindo nosso planeta. Talvez a gente esteja destruindo só a nossa permanência aqui?”. Essa pergunta é interessante para pensar a agência do ser humano tanto em seu papel no aquecimento global quanto na tentativa de salvar o planeta. Será que podemos impedir esse processo?

É curioso que em nenhuma das fotografias tiradas com satélite aparecem humanos, apenas paisagens da Terra. Um dos orientadores refletiu sobre isso: “Mas assim, para a gente estar vendo essas imagens, a gente precisou da tecnologia produzida pela humanidade. Tanto para fazermos a foto quanto para estarmos nesse espaço, então quando eu vejo essas fotos, apesar de não ter nenhuma figura humana, eu não ignoro que isso só é possível por causa dos humanos.”

Ingold (2015) percebe uma diferença entre o que é um ser humano e o que significa ser humano, discutindo a separação entre ser humano enquanto espécie e enquanto condição. Para ele, a ciência acaba por criar uma separação forçada entre ser e saber. A humanidade não é nem algo que vem do território, da espécie, nem de uma condição separada do território, mas sim um processo de autocriação mútua e coletiva.

O que somos, ou podemos ser, é algo que nós continuamente moldamos através das nossas ações – nas quais temos constantemente que trabalhar, e com cuja responsabilidade somente nós devemos arcar. Mas ao moldarmos uns aos outros nós também moldamos a Terra, pela qual nós também somos responsáveis. Essa moldagem não é uma questão de impor forma à substância amorfa do mundo material. Em vez disso, a forma da Terra emerge, seja na imaginação ou no chão, ou em ambos simultaneamente, através de nossas próprias práticas de habitação. A Terra não é nem um objeto no espaço nem um espaço para objetos; nem uma bola redonda nem uma base plana. Ou, se você preferir, é ambas as coisas e muito mais além disso. (Idem, p. 177-178)

Em outro momento, um educador falou: “Usa-se muito a justificativa de salvar o planeta. Ele precisa ser salvo? Ou será que é a nossa espécie que precisa ser salva?”. Esse educador gosta muito de falar na teoria de Gaia, desenvolvida por James Lovelock. Segundo essa teoria, que surgiu inicialmente nos anos 1970, a Terra é um planeta vivo em que os organismos e seu ambiente material evoluem como um sistema único, capaz de regular o clima e a química para manter um estado adequado para a vida (LOVELOCK, 2003). Nesse

sentido, o final do texto explicativo dessa parte do museu, que resume que somos a Terra, ganha outro sentido, para pensar o humano como parte de um sistema integrado.

Stengers (2015) nomeia – na tentativa de fazer sentir e pensar naquilo que o nome suscita – de intrusão de Gaia o período de desastres que se anunciam. Ela explica que a forma como a Terra, enquanto sistema, se autorregula e se mantém coesa não é tranquila. O argumento de Stengers se aproxima ao dos educadores do Museu, que falam em como a Terra vai sobreviver, mas a humanidade talvez não. Nas palavras da autora: “Pois a própria Gaia não está ameaçada, diferentemente das inúmeras espécies vivas que serão varridas pela anunciada mudança de seu meio, com uma rapidez sem precedentes.” (Idem, p. 40)

A autora caracteriza esse processo como intrusão, para que não se pense em pertencimento, uma vez que seu agenciamento é indiferente aos nossos pensamentos e projetos. Defende que não existe um futuro possível em que seja possível ignorar as respostas de Gaia e acredito que nesse ponto ela é menos otimista do que o Museu, que atribui uma agência maior ao indivíduo, como será possível perceber em outras partes da exposição.

Se a Terra é um sistema, pensando junto com as narrativas do museu, esse sistema é fluxo e movimento, que desaguam na obra quatro oceanos no interior do Cubo da Matéria. Ao entrar em cada espaço do museu, a primeira coisa que eu tentava fazer era dar sentido ao que estava ao meu redor, uma vez que um turbilhão de informações estéticas estava me afetando. A narrativa do Museu do Amanhã é pensada para articular experiências, conteúdos, sensações e vivências para afetar e provocar a reflexão nos visitantes. A minha proposta nesta monografia foi articular essas experiências e vivências no Museu para pensar sua narrativa e sentidos, a partir das formas que me afetaram.

Passando pelas cortinas pretas, o interior desse cubo é escuro, com uma iluminação centrada em destacar a única obra ali dentro, a instalação “Quatro Oceanos” do físico Daniel Wurtzel. Em uma das laterais, telas mostrando imagens de placas tectônicas, águas correndo, oceanos e um texto que resume “Na Terra, tudo é movimento”. Pouca gente para pra olhar essas telas, acho que só uma vez notei uma mulher de costas para a obra assistindo a tela, o foco aqui é a obra de arte.



Figura 9: Foto da obra “Quatro Oceanos” de Daniel Wurtzel

“O que vocês vêm aqui?”, pergunta um educador, ao que os visitantes respondem: “Uns panos voando”. Realmente, o que se distingue na instalação de Wurtzel são os panos de organza que dançam, flutuando com um fluxo constante de ar. O nome da obra é “Quatro Oceanos” em uma associação com os quatro elementos. Assim, cada parte da obra é pensada para representar um elemento. Os panos, que flutuam e dançam, são a água; o fluxo de ar que faz com que os tecidos flutuem é o ar; o pedestal redondo de onde sai esse fluxo é a terra; e a luz que ilumina os tecidos é o fogo.

O educador continua: “tem gente que vê uma dança, tem gente que vê uma metáfora para o amor”, e os visitantes se encantam. Em outra visita, as respostas variaram, com pessoas dizendo que parece o movimento do mar, um ballet, a aurora boreal. Enquanto uma senhora idosa fala que “vendo esses tecidos, eu fiquei pensando em como tem uma coisa muito superior à gente que faz a gente estar sempre em movimento”, os moradores de rua que participam do projeto do Coral no museu entram em uma discussão pois alguns veem anjos e outro responde “isso é tudo caô, tudo mentira, não tem nada lá em cima, a vida é aqui em baixo mesmo, o inferno e o céu são aqui mesmo.”. Na foto a seguir, eu vejo uma pomba:



Figura 10: Foto da obra “Quatro Oceanos” de Daniel Wurtzel

Será que essas diferentes percepções vão muito além da ideia inicial? É uma obra de arte feita por um físico, mas a linguagem é outra e essas diferentes percepções compõem seu significado. “A ciência faz uma pergunta e tenta responder. A arte muitas vezes faz várias perguntas sem a intenção de responder”, comenta um dos educadores, que cursa história da arte.

O Museu do Amanhã propõe uma experiência estética com a ciência, pensando em múltiplas relações possíveis com essa forma de conhecimento. Gabrys e Yusoff (2012) argumentam que as conexões entre arte e ciência permitem encontrar novas perspectivas e novos espaços para a inovação e sínteses disciplinares. Nesse sentido, entendem que tanto a arte quanto a ciência são múltiplas e situadas, ao invés de singulares e universais, e são formas de construção de conhecimento cujos questionamentos e propostas reordenam e realinham as práticas de fazer o mundo. Além disso, as colaborações entre as práticas materiais e sensíveis da ciência e da arte geram múltiplas possibilidades de engajamento e experimentações políticas.

As autoras apresentam o símbolo de “zero graus”, que marca o ponto de fusão em que o gelo vira água, para pensar as mudanças no clima. Apontam que as imagens de geleiras derretendo predominam na mídia, arte e ciência e se acumulam no imaginário coletivo sobre essas mudanças. Elas usam essa figura para questionar como e de que maneiras as mudanças de estado relacionadas às mudanças climáticas dão origem a novas práticas e interseções entre arte e ciência, que podem gerar novos entendimentos e capacidades de ação frente às questões

políticas, tais como a questão ambiental. Nesse sentido, a obra de Wurtzel faz parte desse fluxo de possibilidades para pensar a questão ambiental, uma vez que seus quatro elementos estão instalados de forma a estar em equilíbrio.

“A intenção do autor é que tudo está sempre em movimento. Essa obra quer mostrar como nós estamos em movimento, e o planeta também está em movimento. E se a gente não achar um equilíbrio entre esses movimentos, é nossa espécie que está em risco”, explica uma das educadoras sobre a instalação. Mais uma vez, os educadores propõem ideias que dialogam com o pensamento da Terra enquanto sistema. A educadora continua seu discurso, falando que a ciência e a arte são produções humanas que fazem a gente refletir sobre quem somos. Acredito que essas duas produções humanas são justamente o eixo condutor do museu para refletir sobre suas cinco questões: de onde viemos, quem somos, onde estamos, para onde vamos e como queremos ir.

Para mostrar mais sobre a obra, um orientador de público mediou a intervenção de tampar a saída de ar, o que fez com que os tecidos parassem de se movimentar e caíssem no suporte. Enquanto os tecidos estavam parados no pedestal e todo o público ouvia, ele falou: “Se a gente retira algum elemento, a obra perde todo o sentido. Se a gente tapa os buracos de ar, os tecidos param de se movimentar; se a gente apaga a luz, a gente não vê mais nada; se a gente tira os tecidos, a obra não faz mais sentido. É como a Terra, que reage, como reagiu no desastre de Mariana causado pela Samarco”.



Figura 11: Foto da intervenção dos mediadores na obra de Daniel Wurtzel

Para os orientadores, esse é o Cubo do Sono, já que fica escuro, e eles ficam sentados, sem ter muito o que fazer. Exceto quando o tecido voa para cima de alguém. Se os visitantes podem intervir na obra, tampando a saída de ar, acontece também de o Museu interagir com o público inesperadamente quando os panos voam para fora do suporte. Não é só o visitante interagindo com o museu, mas o museu interagindo com o visitante.

A primeira vez que o tecido voou pra cima de uma mulher, eu não entendi como do nada aquilo tinha acontecido. Conversando com meu pai, que é professor de física, sobre essa instalação, ele falou que é um bom exemplo de sistema caótico. Na física, um sistema caótico é um sistema em que pequenas mudanças nas suas condições iniciais levam esse sistema para situações completamente diferentes umas das outras. Assim, a trajetória dos panos é completamente aleatória e, por isso, nunca estão exatamente do mesmo jeito, podendo sair de cima do suporte e voar para cima de um visitante. Acho que essa aleatoriedade é o que me fascina e esse Cubo é minha parte preferida da exposição. Meu pai também achou uma das melhores partes do museu.

Várias pessoas ficam hipnotizadas com o fluxo dos tecidos. Um certo dia, um menino, de cerca de 4 anos, não queria sair dali por nada, de tão encantado que estava. É muito comum tirarem fotos e gravarem também. A necessidade de fotografar esse espaço, ao menos para mim, revela uma outra beleza da obra, ao fixar um instante e permitir a

contemplanção do instante com a lembrança do fluxo. Talvez seja uma tentativa de capturar o fugaz, a beleza dos panos no instante, pois eles nunca estão exatamente do mesmo jeito.

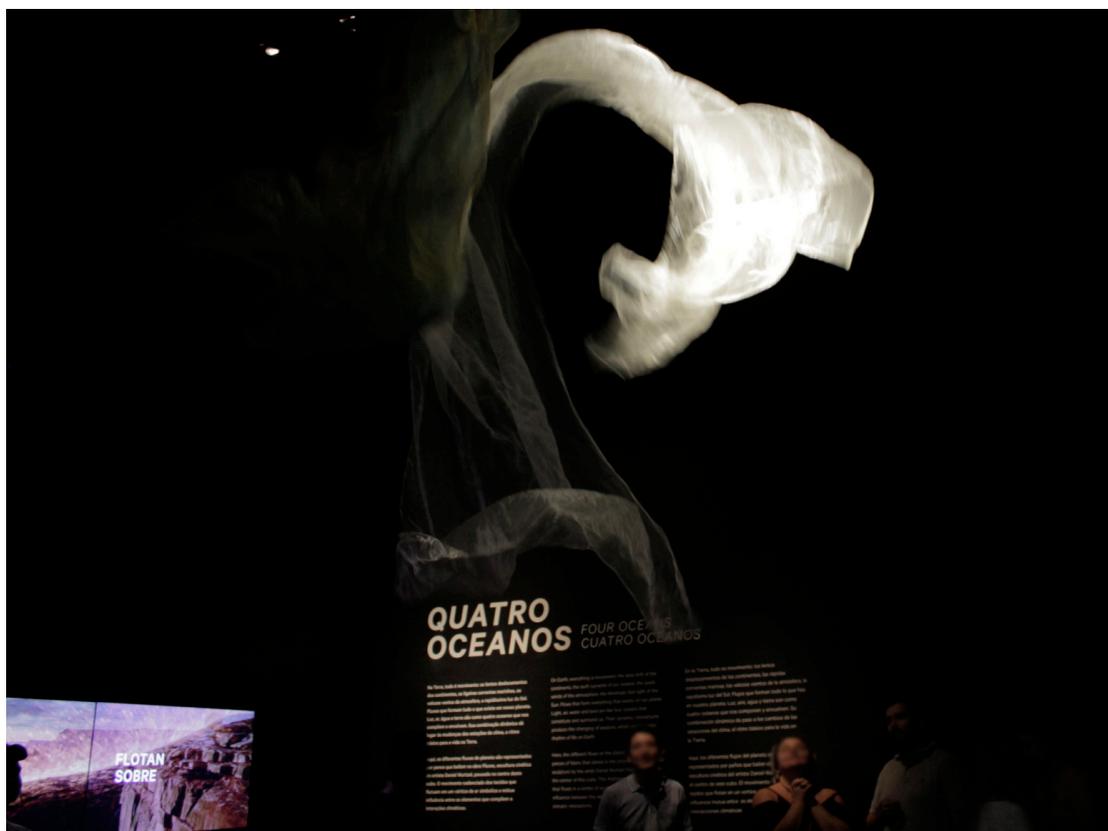


Figura 12: Foto do interior do Cubo da Matéria

Eu passei um bom tempo dentro do Cubo da Matéria com a câmera, primeiro porque me fascinava, segundo porque como fotógrafa amadora, era difícil fotografar nesse ambiente escuro. No Museu do Amanhã, ao contrário de outros campos, esse não é um objeto estranho porque as pessoas ali estão sempre tirando fotos, inclusive as que ali trabalham. Enquanto estive lá, vi várias pessoas tirando fotos com flash, mesmo não podendo, e ainda achando ruim quando o orientador de público reclamava.

Aqui, como no museu inteiro, as fotos são uma constante. O Museu do Amanhã anuncia que, a cada semana, mais de 3.000 fotos são postadas nas redes sociais com a *hashtag* #museudoamanhã, o que o tornou mais “instagramado” do Brasil em 2016 com base em geotags (MUSEU DO AMANHÃ, 2016). A fotografia é uma questão que incomoda os educadores. Mais de uma vez eles falaram que esse seria o museu da fotografia, pelo tanto de fotos que as pessoas tiravam. Uma educadora comentou que parecia mais um museu da *selfie*, porque não eram só fotos, as pessoas querem aparecer junto. Ela me contou revoltada de uma visitante que reclamou que os vidros das janelas estavam sujos e isso piorou a *selfie* dela.

Comentei então que no Museu do Louvre muitas pessoas vão visitar o quadro da Mona Lisa de Da Vinci para tirar foto, para tirar *selfie*, mas nem por isso esse museu é chamado de Museu da *Selfie*. E ela me respondeu que acha que toda a propaganda que tinha sido feita pela Rede Globo para o Museu do Amanhã mostrava essa forma de interação com a exposição, então a instituição tinha uma certa culpa sim. Outro educador falou que as fotos acabavam servindo como uma certa propaganda para o Museu e para a Globo, porque essa imagem de sustentabilidade acabava de alguma forma redimindo essas instituições por todos seus outros problemas.

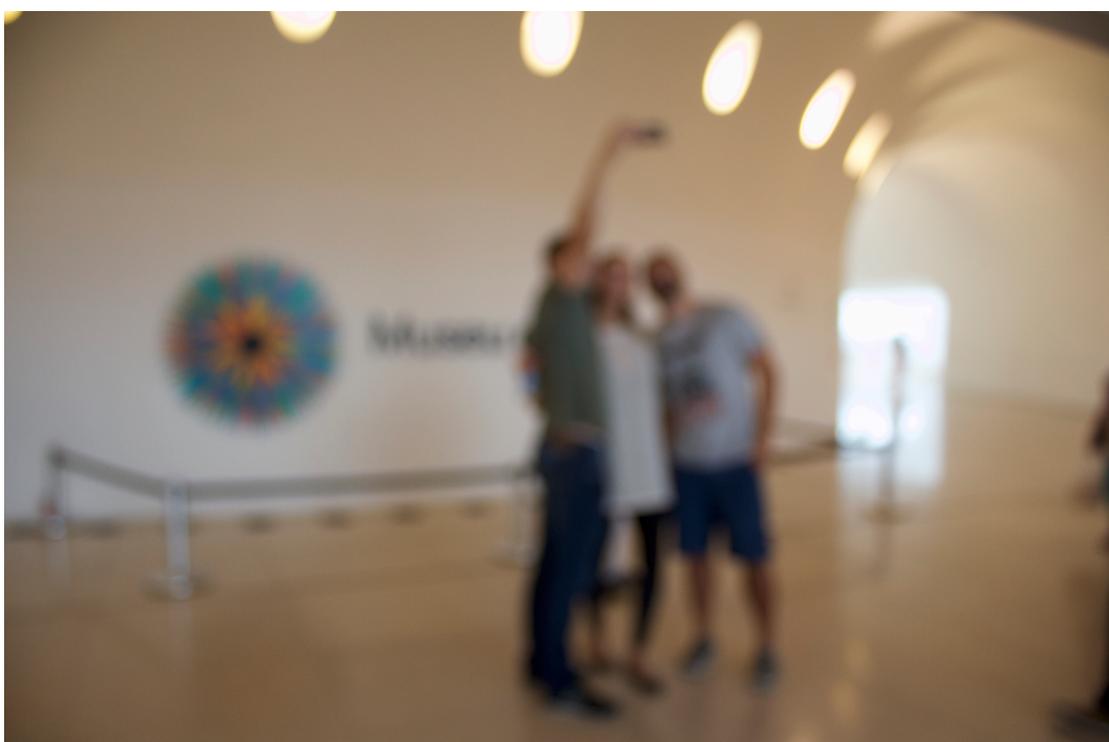


Figura 13: Foto dos visitantes no átrio do Museu do Amanhã tirando uma *selfie*.

Conversando com o gerente de Pesquisa e Engajamento de Público, ele me falou que acha essa crítica à *selfie* uma certa distração, porque acaba parando em um nível muito superficial de discussão e talvez existam outras críticas a serem feitas. Para ele, ao contrário de alguns educadores, a gente – e aí ele se referia tanto ao Museu do Amanhã quanto a mim na minha pesquisa – devia estar olhando para a experiência, e não para o público. Isto é, esse tipo de crítica à *selfie* é na verdade uma crítica ao público, e faz parecer que “nós [o Museu do Amanhã] é que somos perfeitos e esses caras que não sabem usar essa maravilha que nós criamos, sabe”. Para ele, parece ser mais interessante olhar para que tipo de experiência o Museu está propondo.

A gerente de Educação defende que a visita ao museu tem um movimento como o da respiração. Às vezes são movimentos de expansão, de expiração, de coletivo. Outros momentos são de inspiração, momentos mais introspectivos e individuais. Então em alguns momentos, ela acha que, para aproveitar, o visitante precisa de um tempo para a reflexão. Mas aí ela percebe um debate, do museu enquanto conteúdo ou enquanto fruição: “A gente não pode esquecer que o museu também é um consumo, é um ponto turístico, um cartão-postal, que as pessoas estão sempre tirando fotos. E essa é uma questão pra gente: o que fica para o público? Será que o museu mudou, teve algum impacto naquela pessoa?”.

Para um dos educadores, o museu tem mesmo um aspecto de consumo e pode ser só um cartão-postal, um lugar para as pessoas irem tirar foto, mas o papel deles como educadores é justamente promover a crítica e a reflexão. Essa preocupação com o impacto do conteúdo do museu nas pessoas, com o que elas aprenderam ao sair dali e quais ações ela vai tomar, é uma preocupação frequente entre as pessoas da equipe do Museu.

O gerente de Pesquisa e Engajamento me contou que às vezes surge essa discussão, se deve poder tirar fotos ou não. Mas ele acha que essa discussão é meio absurda, porque essa é a sociedade da *selfie*, e essa também pode ser uma forma de experienciar o museu. Ele relatou que uma coisa que aconteceu muito no começo do Museu era as pessoas entrarem e perguntarem onde é a praça de alimentação. Uma orientadora de público também me contou de certa vez que um visitante entrou, andou o museu inteiro e quando saiu foi reclamar que não tinha encontrado os peixes, achando que era o aquário AquaRio.

O gerente falou que é comum que as pessoas da equipe do Museu vejam essas situações de forma pejorativa, mas ele acha que “a gente precisa entender que a associação com o shopping não é uma associação negativa, o shopping, ele é outro espaço. É suntuoso, chique, público, que a pessoa se sente à vontade. Então assim, essa pessoa está acostumada a

ir ao shopping, ela podia ter ido ao shopping hoje. Ela está aqui. Qual que é o seu papel, uma vez que ela está aqui?”.

Para ele, é preciso reconhecer que algumas pessoas não estão interessadas em tudo do museu, talvez estejam ali para ticar uma coisa da sua lista, e isso é uma experiência possível. Algumas pessoas entram no Museu porque acham bonito o lado de fora e ele acredita que isso seja positivo, porque eles acabam pegando as pessoas desprevenidas para a mensagem que eles querem passar.

Eu comentei com ele que ouvi de alguém da equipe de Atendimento que para algumas pessoas estar nesse espaço é uma dádiva, um presente, e faz elas felizes. E com isso fiquei pensando se algumas fotos não são tiradas para marcar esse momento de estar feliz e se sentir acolhido. Ele me respondeu que é importante que o museu também seja esse lugar de lazer, que as pessoas possam se divertir e aproveitar a experiência. E esse aproveitar, para ele, pode acontecer de muitas formas: “O Museu é cheio, é barulhento, as pessoas se comportam de diversas formas, vai ter uma turma ali que vai se afundar numa tela, e vai ficar ali por duas horas, vão ter outras que vão passar direto... Mas a experiência já foi legal para ele”.

Se o museu se propõe a pensar nos futuros possíveis, porque não pensar em várias experiências e interações possíveis? Ainda assim, a crítica à espetacularização e ao consumo no museu são pertinentes. Esse gerente concordou e disse que é muito fácil cair nesse lugar de pensar apenas no entretenimento, e por isso, o museu deve constantemente se renovar para desafiar as pessoas. Essa conversa com o gerente de Pesquisa e Engajamento me afetou muito e me fez pensar de forma diferente, concordando mais com o seu posicionamento.

Amaral (2014) explica que o museu enquanto instituição tem seus sentidos e funções sociais construídos historicamente. Ela mostra como essa instituição se moldou ao contexto social da Indústria Cultural e se abriu às práticas de diversão e consumo. Essas mudanças de significado foram impulsionadas, por um lado, por movimentos artísticos como cubismo, dadaísmo, surrealismo e o *pop art*, que questionaram a categoria de arte e o que pode ser exibido nos museus. Por outro lado, para garantir sua viabilidade econômica no contexto capitalista, tornou-se imprescindível popularizar esse espaço e garantir a visita de diversos públicos. Para isso, espaços voltados para o consumo como cafés, restaurantes e lojas de *souvenirs* se tornaram alternativas comuns em museus. Embora as relações dos museus com a Indústria Cultural estejam relacionadas ao consumo, esses processos provocam uma democratização desses espaços, possibilitando ressignificações e outras formas de interação com essa instituição.

Dessa forma, não se trata de rejeitar essas relações do Museu do Amanhã com a Indústria Cultural, o consumo e o espetáculo, mas de reconhecer que o Museu tem uma responsabilidade pelo conteúdo e narrativas de sua exposição. Essa responsabilidade é marcada pelo seu comprometimento com os eixos éticos de sustentabilidade e convivência e pelo seu discurso de provocar a ação. Além disso, esse museu é uma instituição com financiamentos e apoios de recursos públicos. Acredito que o museu deve ser um espaço democrático, onde diferentes públicos se sintam bem, e possam experimentar e explorar a exposição, a partir daquilo que lhes afeta.

O Museu do Amanhã acaba exercendo as funções de democratização do espaço e de formação de público, além da proposta de divulgação e popularização científica. Esse gerente relatou que, de acordo com uma pesquisa realizada em janeiro de 2016 pela sua equipe – de Pesquisa e Engajamento de Público –, mais de 10% do público nunca tinha visitado um museu; somados à quem não visita museus há mais de 5 anos e há mais de um ano, a categoria de pessoas que não costuma frequentar museus alcança quase metade do público. Apesar do custo da entrada ser relativamente alto para quem não se encaixa no sistema de gratuidades⁴, o Museu têm recebido uma variedade muito grande de públicos.

Da mesma forma que os tecidos dos “Quatro Oceanos” – que estão sempre em movimento, nunca estão da mesma forma e provocam diversas sensações nas pessoas –, os múltiplos públicos são um fluxo constantemente diferente, que estabelecem com ele as mais diversas relações e lhe atribui inúmeros significados, que vão compondo o Museu do Amanhã. Contornando a obra dos “Quatro Oceanos”, chego à outra porta de cortinas pretas. Passando por elas, a matéria se desdobra em vida e dou de frente com o Cubo da Vida.

2.2 CUBO DA VIDA

Pensando nos meus tempos de escola, em que as matérias eram bem separadas, esse seria o Cubo da Biologia, tanto por dentro quanto por fora. Considerando que o tema desse cubo é a Vida, seria possível uma série de abordagens para as instalações. Porém, acredito que o Museu assume a proposta de uma área voltada para a Biologia, uma vez que o capítulo do livro da exposição (OLIVEIRA, 2015) – que está disponível em formato digital e

⁴ O preço da entrada é de R\$ 20,00 a inteira e R\$ 10,00 a meia. Além de estudantes, a meia entrada inclui pessoas com deficiência e moradores da cidade do Rio de Janeiro. O sistema de gratuidade inclui: estudantes da rede pública até o ensino médio; professores da rede pública; crianças com menos de 5 anos e idosos com mais de 60; participantes dos programas “Vizinhos do Amanhã” e “Amigos do Amanhã”; funcionários da Shell e Santander; funcionários de museus; e grupos em vulnerabilidade social. Além disso, o Museu do Amanhã é gratuito todas as terças-feiras.

aprofunda as discussões da exposição principal – referente a essa área coloca duas biólogas para falar sobre o que é DNA. Além disso, as telas da Íris na porta do Cubo são protagonizadas pela bióloga Maria Alice dos Santos Alves. Apesar da minha percepção de que a abordagem escolhida é muito fechada nessa disciplina, as biólogas defendem que o futuro dessa disciplina depende de uma abordagem interdisciplinar.

Cada face do Cubo tem várias letras ACTG, que são as letras dos ácidos nucleicos que compõem o DNA. No meio da sequência de letras, estão as frases que são parte dos processos bioquímicos relacionados ao DNA, mas que se abrem para outras interpretações sobre a vida, sendo elas: “Vida é inovação e repetição”; “Vida é código e combinação”; “Vida é cooperação e competição”; “Vida é mutação e evolução”. Cada frase está relacionada a processos biológicos. A primeira se refere à duplicação do DNA, que é ao mesmo tempo um processo de inovação e repetição. A segunda também referencia essa molécula, pois ela estabelece um código genético no sequenciamento de suas bases nucleicas, em um processo de combinação de pares. Já a terceira, aponta para conceitos de ecologia. Por fim, a quarta destaca as duas palavras centrais para as teorias da evolução.

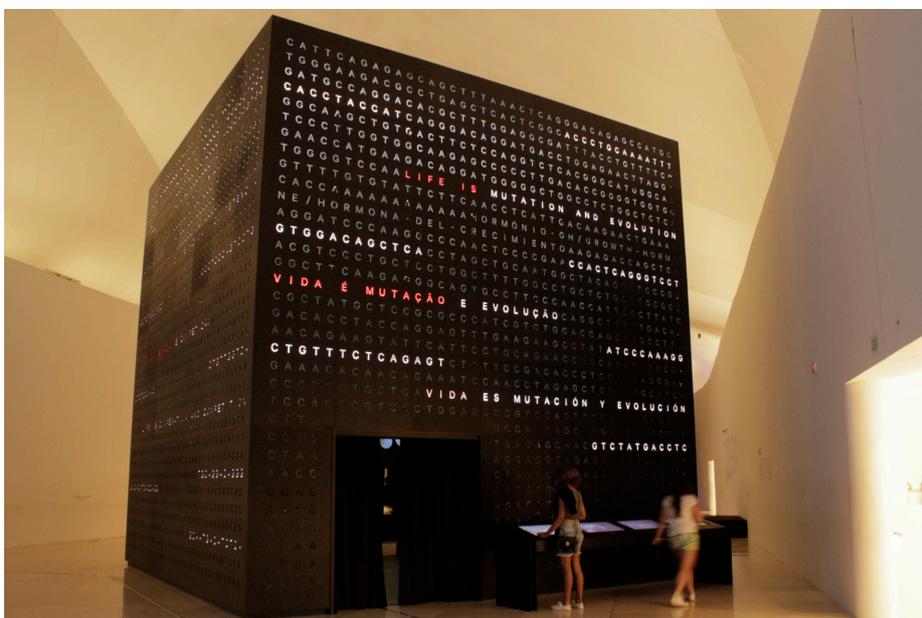


Figura 14: Foto do Cubo da Vida

Para interpretar a parede do Cubo da Vida, um dos educadores foi explicar o que era o código genético, o DNA. Esse educador é surdo, então, para se comunicar com o grupo, fez uma representação. Para começar, puxou um menino e uma menina brancos, colocou-os

como se estivessem casados um ao lado do outro. Apontou para um outro menino da turma, negro, e simbolizou como se fosse o filho do casal. Expressou, então, o estranhamento de como o menino negro poderia ser filho de um casal branco. Daí explicou que esse estranhamento era possível porque sabemos que a cor da pele é determinada pelo nosso DNA. Minha lembrança é quase como se ele tivesse falado, mas ele explicou tudo isso em libras e gestos. O símbolo do DNA em libras era uma dupla hélice com os dedos. Para mim, a explicação dele evidenciou a questão racial desse grupo, que vinha de um colégio particular de elite, pois marcou que só uma das crianças era negra.

O livro sobre a exposição (OLIVEIRA, 2015) define o DNA em quatro categorias: “alfabeto da vida”; “origem da diversidade biológica”; “como funciona”; “material genético e características físicas”. Cada uma dessas categorias apresentadas no livro é desenvolvida na exposição de forma diferente: enquanto a dinâmica do educador surdo nos explica as relações entre “material genético e características físicas”, as paredes do cubo são uma metáfora de “como funcionam” esses processos.

Já outro educador propõe uma discussão sobre o “alfabeto da vida”. Esse é o educador que cursa história da arte, e ele nos falou sobre uma aula que teve na universidade sobre a história da letra A. Ele contou como a letra A surgiu para representar uma cabeça de boi, na forma de um desenho. Essa história me fez lembrar das explorações de Ingold (2015) sobre as formas, funções e propriedades dessa letra, que usa essa mesma história como um de seus exemplos. Ingold argumenta que, apesar de todas as letras que escrevemos serem cópias de letras anteriores, a escrita é um processo de encontros, de duplicação em um fluxo contínuo. Nesses encontros e interações, o texto vai sendo tecido. Essa reflexão sobre a escrita me ajuda a entender os processos dos ácidos nucleicos – DNA e RNA: embora as bases de nucleotídeos sejam sempre copiadas de bases anteriores, o genoma de um organismo vai se constituindo nesse processo de encontros e interações.

Embora a princípio a proposta pareça ser focada na biologia, os educadores puxam a discussão para uma série de outras redes de conhecimento. Da mesma forma que o educador usou a letra A do DNA como ponto de partida para falar de uma aula de história da arte, a reflexão de um antropólogo sobre o processo de escrita pode ajudar a entender os processos biológicos. Para o educador, “a escrita é antes de tudo um labirinto, que vai te levar para algum lugar ou vai te fazer se perder nas suas estruturas”.

Já o educador que é formado em biologia foca mais na sua área, nos dizendo que “é apenas 0,01% que faz a gente ser diferente entre a gente” e nos explica a “origem da diversidade biológica” pelo material genético, a última categoria do livro da exposição para

definir o DNA. Certo dia, quando ele falou sobre como o DNA faz com que sejamos diferentes, uma senhora de um dos grupos contestou: “Claro, porque o Criador nos fez assim.”, associando o argumento científico à sua crença religiosa, o que foi aceito como uma possibilidade pelo educador e pelo grupo.

Enquanto no Cubo da Matéria a ideia da instalação é ver a Terra “de fora” para depois ver “por dentro” seus elementos, no Cubo da Vida partimos “de dentro” das células e seus processos de duplicação, transcrição e tradução, para a parte “de fora” que se expressa na biodiversidade e no ecossistema da Baía de Guanabara. A proposta do Museu do Amanhã é que o lado de fora do Cubo destaque a unidade, e o lado de dentro explore a multiplicidade (MUSEU DO AMANHÃ, 2017a, p.16). Mas, de certa forma, o DNA também é multiplicidade em suas diversas formas de sequenciamento e o ecossistema plural também é uma unidade enquanto sistema.

Seguindo na visita guiada, o educador pergunta ao grupo quais foram os animais que eles viram no caminho até aqui no museu: peixes, aves, pombos. Ele ligou essas respostas com a explicação de que o objetivo do Cubo da Vida é mostrar o ecossistema da Baía de Guanabara, não somente os animais como os outros seres vivos.

O Museu está localizado na Baía de Guanabara e, ao entrarmos no Cubo, a proposta é estar dentro desse ecossistema. O visitante é bombardeado por 200 fotos e vídeos que apresentam a multiplicidade desse ecossistema, desde microrganismos, plantas, paisagens de matos e florestas, imagens de água correndo, a animais e suas inter-relações com o ambiente.



Figura 15: Foto do interior do Cubo da Vida

Apesar de ser um lugar cheio de telas e fotos, nesse museu tecnológico, a ideia é estar dentro dessa “natureza”. Por sua vez, Debary e Roustan (2017) descrevem a visita ao Musée du Quai Branly como uma jornada de iniciação cheia de mistérios, em que a natureza parece assumir o controle sobre a modernidade parisiense. O mesmo parece acontecer aqui, nesse espaço que quer nos fazer sentir a natureza a partir de vídeos e fotos. A sonoridade também contribui para essa sensação e mistura sons que associamos à “natureza” – bichos, sons de vento, água correndo – junto com uma música instrumental minimalista e o contínuo ritmo de um coração batendo. Em algumas visitas, os educadores propõem que as pessoas coloquem as mãos no Cubo, para sentir esse batimento.

Com essa instalação, o Museu propõe uma forma específica de representar a “natureza”, mas como assim “natureza”? Descola (2016) explica que, a princípio, seria fácil distinguir o que pertence à natureza ou à cultura. Natural seria tudo o que se produz sem a ação humana e cultural seria aquilo que é produzido pela humanidade. Porém, como perceber o ambiente desconectado da humanidade, ou como pensar o ser humano sem o natural? As relações de continuidade e mediação entre natureza e cultura evidenciam que faz pouco sentido a oposição da natureza como algo dado e da cultura como algo construído. Ele argumenta, contudo, que não hesitamos muito em classificar os objetos que nos cercam como pertencentes à cultura ou à natureza.

O museu, cuja apresentação é pensada para certo tipo de visitante, também não hesita nessa classificação e esse é o Cubo da “natureza”, marcado pela ausência da representação do ser humano. Essa categorização, contudo, não é universal e não representa nem os conceitos de outros povos, nem todas visões dentro de nossa própria sociedade. Pensar a natureza e a cultura enquanto uma oposição é uma construção histórica e social. Isso não significa que essa distinção não adquira uma materialidade, que se autonomiza e ultrapassa a representação, passando a orientar a ação.

Essa instalação parece reforçar um certo dualismo entre humanidade e natureza, pois um dos animais que faz parte desse ecossistema não está representado em nenhuma das fotos e vídeos: o ser humano. Um educador pergunta: “Por que vocês acham que o nome desse Cubo é vida e a nossa espécie não está representada?” e responde, “apesar de a gente não estar representado, a gente está aqui no centro do cubo”. Embora nenhuma imagem mostre seres humanos, nós estamos aqui nesse espaço, visitando o museu.

Pensando na presença do ser humano nesse ambiente, existem neste Cubo três interativos da Íris, cujo foco é fazer pensar sobre o risco da extinção de espécies e as intervenções da nossa espécie nesse processo. Na interação, escolhe-se um ecossistema e

depois uma espécie; é possível então uma simulação do impacto de retirar uma espécie e ver o resultado dessa ação no resto do ecossistema. Dessa forma, o visitante observa o impacto de sua escolha sobre os outros seres do ecossistema, visto que a extinção de uma espécie impacta todo um conjunto de seres que estão a elas relacionadas.

De certa forma, esse interativo não se encaixa nesse dualismo entre natureza e cultura ao propor justamente a ação humana e seu poder de fazer desaparecer uma espécie, e as fronteiras entre o natural e o construído perdem o sentido. O interativo é bom para pensar sobre as relações entre o ser humano e o ambiente.

Descola e Pálsson (2004) contam que a antropologia, desde seu princípio, tinha a natureza como uma de suas principais preocupações e o dualismo entre natureza e cultura era um dos dogmas centrais da disciplina. Eles mostram como diferentes correntes da disciplina encaravam esse dualismo: os materialistas, por um lado, viam a natureza como principal determinante para a ação humana; já os ecólogos culturais, a sociobiologia, e alguns marxistas consideravam que o comportamento humano e as características culturais eram uma resposta fundamentalmente adaptativa ao ambiente. Por outro lado, os estruturalistas e a antropologia simbólica usaram essa oposição para explicar rituais, mitos e sistemas de classificação. De toda forma, pouca atenção era dada para os conceitos que outras culturas davam para sua relação com o ambiente e essa oposição entre natureza e cultura era considerada idêntica e universal. Esses autores argumentam, porém, que estudos recentes têm fornecido uma mudança na perspectiva antropológica e oposições radicais entre indivíduo e sociedade, natureza e cultura, pessoa e ambiente têm perdido força. Eles defendem que essa oposição não permite um entendimento adequado para outras culturas e nem mesmo das práticas da ciência moderna.



Figura 16: Performers fantasiados na frente do Museu do Amanhã

Entre esses autores, o próprio Descola (2005) mostra que existem múltiplas formas de classificar, descrever e tornar inteligíveis as relações entre humanos e não-humanos. Para deixar esses sistemas mais claros, o autor organiza quatro fórmulas ontológicas – naturalismo, animismo, totemismo e analogismo – para descrever as formas de objetivação da natureza, utilizando como principal critério suas identificações de interioridades e materialidades.

Viveiros de Castro (2002) aponta que o pensamento ocidental naturalista está centrado em uma ideia de mononatureza e multiculturalismo, enquanto, nas terras baixas amazônicas, muitos povos percebem todos os seres compartilhando de um único socius, sendo que alguns deles passaram por uma metamorfose na sua natureza – tornando-se o que nós chamamos animais, entre outros. Essa cosmologia é uma cosmologia da transformação e da instabilidade, que estabelece conceitos sobre mundos diferentes dos nossos.

Os argumentos desses autores têm uma dimensão política e epistemológica de “levar a sério” as diferentes formas de construir a realidade e romper com um representacionalismo que não abre mão do modelo ocidental de classificação das diferenças. Não se tratam apenas de crenças, mas de perspectivas de mundo diferentes. Viveiros de Castro (idem) propõe tomar as ideias indígenas como conceitos, e colocar em pé de igualdade suas cosmogonias/cosmologias para dialogar com as nossas.

Ainda pensando no interativo da Íris, que propõe pensar a intervenção humana em um ecossistema, um educador provoca: “e se tivesse um botão de fazer desaparecer nossa espécie, o que vocês acham que aconteceria?”. Ao que uma senhora responde: “ficaria melhor sem!”. O que pensar sobre isso? Somos necessariamente ruins?

Alguns ecologistas defendem projetos de renaturalização, isto é, o processo deliberado de reintroduzir espécies e seus nichos para recuperar um ecossistema. Essa poderia ser considerada uma ação “positiva” do ser humano, para tentar compensar todo um histórico de degradação de ecossistemas. Sá (2017) argumenta que, para esses ecologistas, a natureza não só pode como deve ser (re)composta por processos que poderiam ser considerados “artificiais”. Aqui, da mesma forma que costumamos pensar para a cultura, a natureza é construída. A partir disso, o autor propõe que novas relações entre humanos e não-humanos são possíveis, ao renunciarmos a uma ideia de natureza exclusivamente não-antrópica.

Na visita, os mediadores propõem que as pessoas explorem um pouco esse interativo. Como eles estavam de certa forma livres, aproveitavam para conversar comigo enquanto as pessoas interagiam. Conversando sobre como era o trabalho deles, um comenta comigo: “Eu amo trabalhar aqui, todo dia é diferente. O museu tá diferente, as pessoas tão diferentes”. Pensando que são as pessoas que fazem esse museu nas suas interações com ele, faz sentido que o museu esteja cada dia diferente.

“Eu fico imaginado o que você tanto escreve nesse seu caderninho”, uma das educadoras observou, aproveitando que o grupo estava explorando as telas interativas. Perguntei o que ela achava que era e ela respondeu que ficava refletindo sobre qual parte do que eles tinham falado era interessante para minha pesquisa. Eu expliquei qual era o meu objetivo e ela falou que seria interessante que eu pensasse sobre o consumo, o espetáculo desse museu, mostrando de novo uma preocupação com que tipo de mensagem o visitante apreende do museu. Ela criticou que algumas pessoas entravam ali, só olhavam os animais e nem entendiam a questão da Baía de Guanabara. Ela contrapôs esse tipo de experiência lembrando da ocasião em que sua vó veio ao Museu e mexia em tudo, queria ler tudo. Como na questão da *selfie*, discutida anteriormente, essa educadora defendia um tipo de experiência era mais legítimo do que a outra.

Eu mesma fui esse tipo de visitante criticado pela educadora e me lembro que quando fui pela primeira vez, não tinha nem ideia de que esse Cubo era sobre o ecossistema

da Baía ou de que o interativo era sobre a extinção de espécies desse bioma. Nessa ocasião, como em muitos outros dias, tinha tanta gente nesse espaço que não dava para interagir com as telas, então muitos visitantes acabavam não conhecendo essa simulação.

Mas os vários círculos de fotos e vídeos são muito chamativos. Que mensagem fica das fotos? Cheguei a ouvir visitantes achando que eram fotos da Amazônia e a educadora falou que era muito comum escutar isso, apontando que isso acabava trazendo uma ideia de que só a Amazônia precisa ser preservada, tirando todo o envolvimento com esse bioma local da Baía de Guanabara. Isso seria um problema do público ou do museu? Como trazer o foco para informação sem deixar de ser um museu artístico, conceitual, interessante? Essas perguntas evidenciam uma tensão latente entre os objetivos e a prática cotidiana de visitação.

A questão da valorização e da proteção da Amazônia e em detrimento de outros biomas também apareceu no seminário “Áreas Protegidas no Brasil: o Amanhã ameaçado”, que aconteceu no Observatório do Amanhã. Esse seminário foi realizado em parceria com a organização WWF, como uma forma de lembrar do “*overshooting day*”⁵. O debate foi feito por dois especialistas no assunto junto com um dos diretores da WWF/Brasil e teve como foco o colapso da legislação ambiental voltada para as Áreas Protegidas.

Os palestrantes falavam de como é comum perguntarem para alguém que não é da área se a pessoa se preocupa com a conservação do meio ambiente e ela responder que sim e que acha muito importante a conservação da Amazônia, sem necessariamente se preocupar com o resto. Um dos palestrantes chamou isso de conceito de “alteridade do ambiente”, para chamar a atenção de que a percepção de ambiente das pessoas se dá em relação a algo distante do seu cotidiano. Para ele, é importante para trazer essa questão de proximidade para o dia a dia das pessoas, para que, de fato, seja feita alguma diferença.

Ele defende que o envolvimento da população local é essencial para que a proteção dessas áreas seja efetiva, porque é ela que tem acesso a esses lugares e pode fazer pressão e lutar contra a desafetação⁶ das Áreas Protegidas. Contudo, ele descreve que, historicamente, houve um silenciamento dessas populações e de suas lutas, já que essas pessoas não têm voz, suas mortes não aparecem no Jornal Nacional ou viram capa de jornal. Cabe destacar que essas pessoas também não aparecem na exposição principal do Museu do Amanhã, e apenas cientistas e “especialistas” têm voz nos interativos da Íris.

⁵ Esse dia marca a data de quando as demandas da humanidade por recursos naturais extrapolam o quanto a Terra pode regenerar desses recursos em um ano. Esse conceito foi desenvolvido pelo instituto de pesquisa britânico New Economics Foundation em parceria com a organização Global Footprint Network.

⁶ Ato jurídico que retira a proteção legal de uma Área Protegida.

Esse Cubo sobre a Baía de Guanabara é a única parte do Museu que trata de uma temática local. As outras áreas da exposição apresentam uma perspectiva mais “global”. Seria essa a melhor estratégia para provocar o engajamento e a ação do visitante? A lógica da narrativa do Museu parece contrariar o argumento do palestrante de que o envolvimento da população local é fundamental para o engajamento com biomas e problemas locais, já que a exposição principal é majoritariamente focada em problemas locais.

No final de sua fala, o palestrante da WWF aproveitou o fato de estar neste museu para colocar a pergunta “Como a gente olha para o Amanhã?”, ao mesmo tempo em que propunha medidas práticas para fortalecer a proteção dessas áreas e para que sua salvaguarda não seja apenas nominal. Na minha percepção, medidas práticas também não aparecem na exposição principal. Apesar de o Cubo da Vida instigar a conscientização sobre os problemas da Baía de Guanabara, ele não fornece ao visitante meios para seu engajamento e sua ação.

Os palestrantes defendiam que a situação atual de desmatamento e danos ao meio ambiente requerem ações de recuperação dessas áreas desmatadas, para além da proteção das áreas que possuem salvaguarda. Dessa forma, mostram como a mudança na legislação ambiental, que deveria ser repensada para ampliar a proteção, está se encaminhando para o desafetamento das áreas protegidas. Stengers (2015) argumenta que as previsões mais pessimistas já estão acontecendo. Ela resume o período em que vivemos da seguinte forma:

Em suma, estamos, nessa nova época, diante não apenas de uma natureza “que deve ser protegida” contra os danos causados pelos homens, mas também de uma natureza capaz de incomodar, de uma vez por todas, nossos saberes e nossas vidas. (2015, p. 11)

A autora, que nomeia essa natureza capaz de incomodar como a “intromissão de Gaia”, argumenta que Gaia não pede para ser protegida, para ser amada e não se comove; ela não pede nada. Para Stengers, Gaia não precisa ser salva, pois continuará existindo mesmo sem nossa espécie e os efeitos de sua intromissão já podem ser observados. Nesse sentido, os retrocessos na legislação ambiental brasileira não são apenas ruins “para a natureza”, mas também para as próprias condições de existência da humanidade.

Esse foi um dos eventos que tive a oportunidade de acompanhar que foram organizados pelo Observatório do Amanhã. O Observatório tem basicamente duas funções para o Museu do Amanhã: a primeira é de promover eventos, seminários e debates sobre os conteúdos da exposição; a segunda é a de atualizar os conteúdos do museu. Essa atualização acontece tanto pela atualização de dados, a partir de instituições de referência, por meio de

um sistema chamado Cérebro⁷, quanto pela incorporação de novas questões e tendências, feitas pela equipe.

Para entender um pouco mais sobre o Observatório, conversei com o gerente de Exposições e do Observatório. Ele me contou que a sua equipe trabalha tanto para a exposição principal quanto para as temporárias. Eles fazem essa relação do Museu com as instituições de pesquisas e sustentabilidade, para as exposições e para os eventos. Os eventos são criados por eles ou às vezes são sugeridos por parceiros. O Museu do Amanhã tem parcerias com uma série de instituições, como grandes empresas que podem ser vistas no site oficial (Fundação Roberto Marinho; Grupo Globo; Santander; Engie; IBM; IRB Brasil Finep; Shell; Prefeitura e Governo do Rio de Janeiro), mas também com instituições de pesquisa e agências supranacionais, como a ONU.

Segundo esse gerente, o Museu acaba priorizando essas instituições parceiras, que já têm acordos de cooperação, para a realização dos eventos e para a atualização das informações. Além das instituições supranacionais e universidades, as informações são obtidas de institutos e centros de pesquisa como a NASA e a NOA nos Estados Unidos, e o Impa, no Brasil, entre outras, especialmente aquelas que publicam estudos regularmente e que os disponibilizam publicamente. Segundo ele, desde que o Museu abriu, em novembro de 2015, já tinham sido feitas quase 250 atualizações na exposição principal. Isso significa que, em um ano e meio, as atualizações foram feitas quase um dia sim, um dia não.

Em geral, os eventos do Observatório costumam ter um público mais especializado nos assuntos discutidos. O gerente argumentou que é interessante que venham pessoas que conhecem sobre o assunto e sabem quais são os problemas, porque elas trazem a polêmica, questionam os palestrantes e deixam o debate mais quente, por não aceitarem tudo o que é falado.

Ele destaca, porém, que qualquer pessoa pode participar e as discussões são sempre abertas e gratuitas. A presença de alguns visitantes corrobora com essa posição. Entre eles, uma delas é a Odete⁸, uma senhora aposentada que encontrei em vários eventos e atividades ao longo dos dois meses que estive no museu. Com a presença público não-especializado, o Museu assume mais a função de divulgação científica.

Além disso, alguns eventos, como esse das Áreas Protegidas, são transmitidos ao vivo pelo *Facebook* do Museu. Segundo esse gerente, o engajamento do público vai depender do perfil dos eventos. Ele percebe que temas como saúde e inovação costumam atrair muitos

⁷ Sistema que gerencia o conteúdo da exposição e controla o funcionamento da Íris.

⁸ Nome fictício.

interessados. Ele contou que um evento sobre esse tema teve mais de 14 mil visualizações no *Facebook*, enquanto o seminário das Áreas Protegidas teve apenas 6 mil. Acredita-se que o motivo para isso tenha sido de que esse último tratava de um tema mais específico e por isso, além de ser uma discussão mais politizada, não teve a mesma popularidade. Apesar disso, as transmissões do *Facebook* visivelmente aumentam o alcance das discussões que acontecem no Observatório. O tema das Áreas Protegidas tem muita importância no cenário político atual, com destaque para a discussão sobre a área de Jamanxim⁹, em que uma bancada ruralista sobre-representada tem conseguido modificar a legislação de proteção ambiental com certa facilidade.

Perguntei a ele qual era o critério de escolha dos temas que são discutidos nas palestras do Observatório e ele me falou que os temas da exposição principal são os norteadores para a escolha. Desde cidades e transportes, passando por identidade e diversidade, até cosmologia e oceanografia, eles tentam balancear isso ao longo do ano. A ideia é tentar mapear o que já foi abordado, não como uma proibição de repetir, mas como uma tentativa de abordar diferentes campos do saber.

Nessa conversa, também surgiu o assunto da relação do Museu com a Baía de Guanabara, que é o tema deste Cubo. Ele destacou a importância da Baía e o compromisso do Museu em catalisar essa discussão, uma vez que eles fazem parte desse ecossistema. Contou que existe um projeto de instalar outro interativo nesse Cubo, que trataria da despoluição dessa e de outras quatro baías internacionais.

Dentro do Cubo, em uma visita mediada, um educador falou para um grupo de alunos da escola pública: “Tem um animal no peito de vocês que também é muito importante para a Baía de Guanabara”. Um dos meninos logo respondeu que é o boto, o símbolo da cidade que está no brasão da prefeitura do Rio de Janeiro, “mas eles estão em extinção, né?”, completou ele. Outra educadora disse que eles não estão em extinção ainda, mas não querem ficar mais desse lado da Baía. “O lance do boto, é que o fato de eles estarem morrendo e não querem mais estar desse lado mostra como a gente se relaciona com a Baía”, disse ela, explicando que seria possível outra relação, em que a coexistência entre as atividades humanas e dos botos fosse possível.

Em um outro evento organizado pelo Observatório do Amanhã, o diretor de Conteúdo do Museu, em sua apresentação, comentou que um grupo de vizinhos que eles consideravam muito importante para o Museu era essa população de botos da Baía. Apontou

⁹ Área de proteção ambiental no Pará cuja salvaguarda esteve ameaçada.

que o Museu faz parte desse ecossistema porque está literalmente dentro da Baía, que foi ocupada com a construção desse píer, na década de 1950, sobre o qual hoje está o prédio. A própria arquitetura do Museu é pensada para integrar esse espaço à Baía, uma vez que o sistema de refrigeração é alimentado pelas suas águas, e essa água é filtrada e devolvida despoluída para o mar.

Esse evento aconteceu no auditório do Museu, que tem capacidade para 374 pessoas e estava lotado. Esse seminário chamava-se “A Baía do Amanhã” e foi o primeiro de uma série de encontros sobre essa questão, que aconteceram nos meses de julho, setembro e novembro deste ano. O diretor deu mais detalhes sobre o interativo que eles querem colocar na exposição principal. A ideia é tornar visível para o visitante os parâmetros de conservação da Baía, para que a mobilização deles seja possível. Segundo ele: “O nosso Amanhã não está dado a priori. Nós trabalhamos com a ideia de vários futuros possíveis”. Ele defendeu que o papel do museu é tirar o visitante do seu lugar de conforto para fazê-lo refletir e mobilizá-lo a realizar ações para o Amanhã que ele deseja, “para que o visitante não só possa passear e visitar a Baía, nesse lugar que tem sido um dos preferidos para a observação do pôr do sol, mas que possa entender o que está acontecendo com esse meio ambiente”. A proposta é interessante e tem a sua importância, mas mostra uma das contradições deste Museu, uma vez que o Observatório é apresentado pela Shell, que ocupa o 9º lugar na lista de empresas que mais emitem gases de efeito estufa (THE GUARDIAN, 2017).



Figura 17: Vista do pôr do sol a partir do Museu do Amanhã

Mesmo depois de dois meses frequentando o Museu do Amanhã, ainda acho espetacular a vista do pôr do sol que temos ao andar ao redor desse prédio-monumento. Caminhando nessa área externa, os visitantes hoje podem ver grandes caixotes de madeira com árvores e vários tipos de plantas. É o projeto da Horta do Amanhã.

Na primeira vez que acompanhei uma das oficinas da Horta, o público era a equipe do Museu, com funcionários da recepção, terceirizados da equipe de limpeza, orientadores de público e membros do educativo, e até um dos gerentes. Foi o primeiro dia do projeto, que foi desenvolvido pelo grupo de trabalho de biodiversidade do educativo, em parceria com a “CARPE – Produtos Socio-Ambientais” e o “Clube Orgânico”, e é apresentado pelo NOZ – o Programa de Amigos do Museu do Amanhã.

A primeira parte da oficina consistiu em uma aula teórica, dada pelos integrantes da CARPE. A CARPE é uma empresa que trabalha com agricultura inteligente, gestão de resíduos e educação ambiental. O trabalho deles está alinhado com os princípios da agricultura sintrópica de Ernst Goscht, que às vezes também é chamada de agrofloresta. A parte teórica da oficina consistiu em explicar esses princípios para o público, que são,

basicamente: desenvolver favorecendo a vida; aumentar a quantidade e qualidade das vidas (o que pressupõe uma intervenção humana); e favorecer o sistema.

A segunda parte da oficina consistiu em realizar o plantio das mudas nos módulos – grandes caixotes de madeira – segundo esses princípios. Foram plantadas várias espécies em um mesmo módulo, que funcionam como um “consórcio”, e a proposta é de trabalhar “a favor da natureza, e não contra ela”, segundo me explicou o palestrante. Além disso, a matéria orgânica usada para adubar as hortas é o próprio material resultante das podas.

Quando voltei a segunda vez para o campo, as hortas tinham crescido muito e já estavam começando a fazer algumas colheitas. A proposta é de que os produtos sejam consumidos pelas pessoas do museu e seus vizinhos. O tema da alimentação tem tido uma série de desdobramentos para o museu. Entre eles, o “Festival Comida e o Feminino” – que fez parte da Virada Sustentável do Rio de Janeiro, e contou com rodas de conversa, painéis de debate e oficinas de alimento e autocuidado. E também uma parceria que está sendo estabelecida com o Science Museum de Londres. A ideia dessa parceria é criar uma exposição itinerante sobre o tema da alimentação e, segundo o gerente de Exposições, a abordagem também será política, no sentido de pensar as formas de produção e consumo.

Em uma segunda visita à Horta do Amanhã, percebi que foram instaladas tem algumas placas explicativas sobre o projeto, princípios da agrofloresta e as PANC – Plantas Alimentícias Não-Convencionais. As PANC têm a vantagem de manter a biodiversidade e estimular a produção local. De volta para dentro do Cubo, um dos educadores se apropriou desse conhecimento sobre as PANC para apontar para as plantas do Jussá e Taboa, que são negligenciadas como comestíveis e pertencem a esse bioma. Ele defendeu que a biodiversidade do nosso país poderia ser aproveitada para acabar com o problema da fome, e explicou como o consumo de espécies que não são produzidas localmente desgasta mais o meio ambiente.

Esse mesmo educador destacou a representação de microrganismos no Cubo e a sua importância para o ecossistema da Baía de Guanabara. A presença desses microrganismos, junto com todos os outros grupos de seres vivos expostos, marca a ausência da nossa espécie. O que nos distingue desses outros seres vivos para que não estejamos aqui representados? Pensando na especificidade da nossa espécie, um dos educadores perguntou: “animais têm consciência?” ao que uma mulher respondeu, “têm, muita”. O educador argumentou: “pelo que a gente conhece até hoje, o ser humano é o único que tem consciência de ter consciência”. Ou pelo menos, é o único que fala sobre isso e que nós conseguimos

entender. É por aí que vida se desdobra em pensamento e atravessamos novamente as cortinas pretas para avistar o Cubo do Pensamento.

2.3 CUBO DO PENSAMENTO

A parte externa do Cubo do Pensamento é preta com pequenos pontos de LED que vão formando imagens de conexões, redes neurais, e a imagem principal: o cérebro humano. Algumas frases também se formam, como: “Pensamento é Complexidade” e “Cérebro é Rede”. Um som de eletricidade/estática ajuda a compor essa sinfonia neural.



Figura 18: Fotos do Cubo do Pensamento

As imagens foram elaboradas a partir de um conjunto de registros cerebrais, gravados a partir de um eletroencefalograma, realizado pela equipe do professor Álvaro Machado Dias, do Laboratório de Neurociências Clínicas da Universidade Federal de São Paulo (MUSEU DO AMANHÃ, 2017b). Lisboa e Zorzanelli (2014) apontam que o desenvolvimento desse tipo de exame nas neurociências, em especial a partir da década de 1990, tem difundido o papel central do cérebro para explicar o que somos. Esses autores examinam as metáforas sobre o cérebro presentes nos materiais de divulgação científica para debater sobre suas representações na contemporaneidade. Eles explicam que as metáforas são importantes tanto na divulgação quanto no fazer científico, sendo constituintes e indispensáveis para o discurso científico. Os autores apontam que as metáforas sobre o cérebro são historicamente situadas e têm mudado com o desenvolvimento da tecnologia. Em um primeiro momento, a principal metáfora era o cérebro como máquina, que depois passou para a de uma central telefônica, de um computador e, finalmente, a internet. Esta última está associada ao cérebro como rede e aparece refletida nas faces deste Cubo. A ideia de rede

ajuda no entendimento das características de neuroplasticidade e das associações das populações de neurônios. Outra metáfora apresentada por eles é desenvolvida por um dos consultores do Museu do Amanhã, o neurocientista Miguel Nicolelis:

Para ilustrar sua perspectiva associacionista, ele [Nicolelis] se utiliza da metáfora da orquestra, onde o trabalho é realizado em rede e o resultado, a sinfonia – uma sinfonia neuronal –, é muito mais complexo do que a mera soma das partes. Outra metáfora utilizada pelo neurocientista é a de uma manifestação popular em que o coro de vozes obtém maior ressonância do que cada voz isoladamente. (LISBOA, ZORZANELLI, 2014, p. 369)

A mesma metáfora serve para explicar o percurso narrativo do museu que, segundo o diretor de Criação do Museu, Andres Clerici, “assim como uma sinfonia, a expografia alterna movimentos mais intensos e outros mais suaves, momento de concentração e de relaxamento” (MUSEU DO AMANHÃ, 2017a, p.14). O material de divulgação explica que o projeto arquitetônico acompanha essa ideia, marcada pelas ondas do teto do museu.

Uma dessas partes de concentração individual são os interativos da Íris, que, nesta área da exposição, permitem que o visitante navegue pelas estruturas e capacidades do cérebro, expressando mais uma forma da centralidade desse órgão. Lisboa e Zorzanelli (idem) mostram que a literatura internacional tem colocado o cérebro como lugar central da origem da mente, comportamentos, escolhas e desejos.

Depois dos Cubos da Matéria e da Vida, o Cubo do Pensamento é a última resposta do Museu para a pergunta “Quem somos?”. É aqui que a humanidade aparece representada pela primeira vez na resposta para essa pergunta. Somos pensamento. O cérebro aparece como o principal definidor do que é o ser humano.

Para Geertz (1989), um dos problemas da antropologia é distinguir o que é universal para o ser humano e o que é local e variável. Uma de suas primeiras preocupações é estabelecer uma unidade básica, para não cair em “águas bem perigosas”, e essa unidade básica é percebida no sistema nervoso da nossa espécie, que dá a todos as mesmas capacidades “inatas” de resposta. Porém, ele argumenta que a cultura surgiu antes do desenvolvimento do córtex cerebral do ser humano moderno, o que significa que o cérebro foi sendo modificado na interação com os processos culturais. Assim, o que distinguiria a nossa espécie é a aquisição da cultura.

A perspectiva do Museu está bem próxima aos argumentos de Geertz, como pode ser compreendido da seguinte fala de seu curador, o físico Luiz Alberto Oliveira: “Se um anatomista marciano nos examinasse, iria achar que somos todos clones uns dos outros, pois as diferenças dos nossos sistemas nervosos são insignificantes. No entanto, dessa unidade

básica vai ser gerada a mais incrível diversidade de culturas.” (MUSEU DO AMANHÃ, 2017b). Além disso, percebendo que este Cubo segue a mesma proposta dos outros, de mostrar a unidade por fora e a multiplicidade por dentro, fica evidente que o cérebro é tomado como a unidade e a cultura como multiplicidade.

Sá (2005) expõe que o pensamento antropológico tem sua gênese na tentativa lidar com a questão da existência de uma “natureza humana” e definir um conceito de humanidade. Ele explica que a alteridade, a percepção do “outro”, envolve tanto a delimitação do que é “semelhante” quanto do que é “diferente” e é nessa relação que se situa a categorização do que é humano. Ao longo dos séculos, no pensamento ocidental, as fronteiras entre humanos e animais não-humanos foram se modificando. Enquanto a ciência do século XVIII considerava essas duas categorias como antagônicas, ao longo do tempo, ela passou a adotar uma perspectiva mais gradualista, considerando animais mais “culturais” ou mais “naturais”.

Explorando o interativo da Íris sobre cérebro, me deparei com a seguinte frase, para falar sobre capacidade cerebral: “O tamanho do cérebro comparado à massa do corpo já foi usado para analisar a inteligência das espécies”. Apesar de explicar que não é uma questão simplesmente do tamanho do cérebro, ilustrando o conceito de coeficiente de encefalização, o Museu perde a oportunidade de falar sobre como essas medições de tamanhos de cérebro também eram feitas entre seres humanos, em um contexto racista.

Durante esses meses que estive no museu, o único interativo dessa área era esse sobre cérebro. Segundo o gerente de Exposições, outro interativo iria ser inaugurado em breve para falar sobre cultura. Uma das telas da Íris do lado de fora do Cubo exibe um vídeo do antropólogo Luiz Fernando Dias Duarte, que argumenta que: “A cultura é praticamente tudo o que somos. Não há nenhuma dimensão da experiência humana que não seja mediada pelo significado. Não há experiência absoluta da natureza que não sofra o crivo, a tela, das representações e dos valores que cada cultura tem e explora no mundo que a cerca. [...] E um dos grandes desafios na análise da cultura é encontrar qual é a parte da universalidade e qual é a parte da especificidade, da singularidade, na manifestação de cada cultura”.

Mais uma vez, é possível perceber a proximidade dessas narrativas do Museu com as análises de Geertz (1989). Para o autor, a cultura é uma rede simbólica, que orienta o comportamento humano, e é pública, no sentido de que as ações têm significados interpretáveis pelos outros de acordo com seus contextos. Além de argumentar que não existem seres humanos que não sejam amarrados por essa teia de significados que eles mesmos criam, que é definidora de sua espécie, ele afirma que esses sistemas de signos se

apresentam das formas mais variadas. Olhando pelas frestas das cortinas pretas deste último cubo, o primeiro pilar que avistamos tem escrito essa palavra – cultura – estabelecendo o tema desse espaço. O texto explicativo desse pilar aponta para mais semelhanças com a antropologia simbólica de Geertz:

Somos humanos porque imaginamos e utilizamos linguagem simbólica. Com a palavra e a técnica, migramos para todas as regiões do planeta, criando a diversidade de culturas. Vivemos em sociedade e pertencemos a famílias, grupos e comunidades com os quais nos identificamos. Cada cultura possui um repertório de conhecimentos e comportamentos comuns, renovados pela história e por experiências coletivas. Fazemos as mesmas coisas, de modos sempre distintos. Sensações, emoções, gostos, crenças, línguas e costumes formam o imenso caleidoscópio da riqueza cultural dos povos. Somos humanos porque formulamos e compartilhamos ideias capazes de transformar a realidade em que vivemos. Somos humanos porque somos culturais.

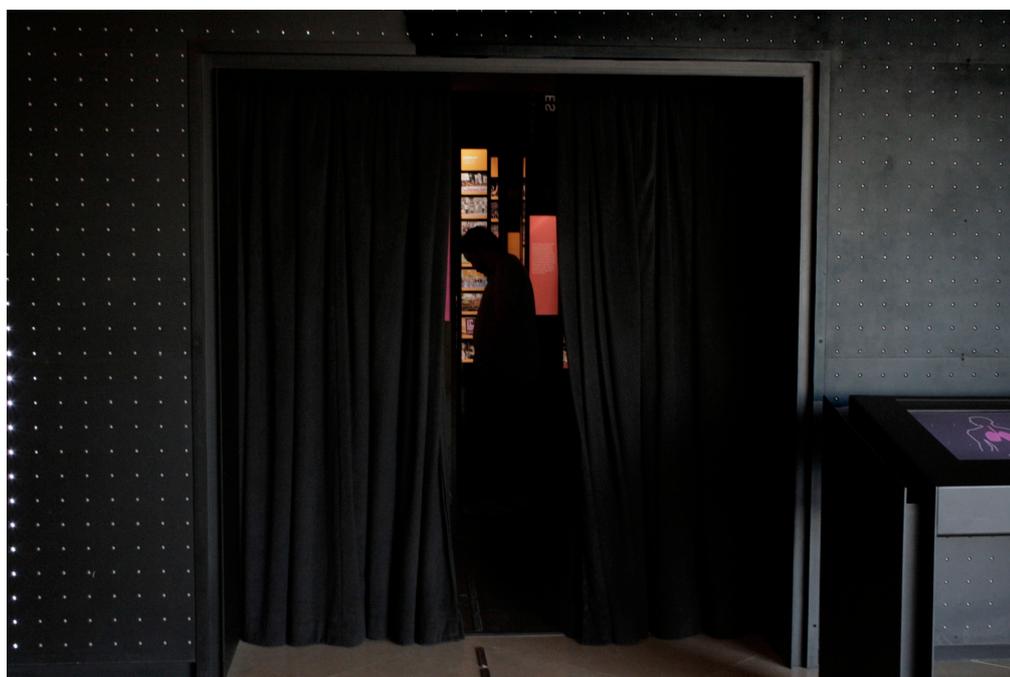


Figura 19: Foto da entrada do Cubo do Pensamento

O cubo é escuro e a única fonte de luz são os 40 pilares ali instalados, que exibem 1100 fotos diferentes. A ideia de que esses pilares formam um labirinto de imagens está presente nas diferentes perspectivas parciais que compõem o Museu: desde a concepção do curador e dos diretores, passando pelo discurso dos educadores nas visitas, até as falas dos visitantes sobre suas percepções.

As paredes internas são espelhadas, de modo a mostrar que as formas de existência são múltiplas e se estendem para além dos limites do cubo. O labirinto de pilastras

junto com o espelho servem para confundir, pois o pensamento também é confuso, como me conta um dos educadores. Ele avisa aos visitantes: “tomem cuidado! Porque tem gente que não vê que são espelhos e bate contra eles”.

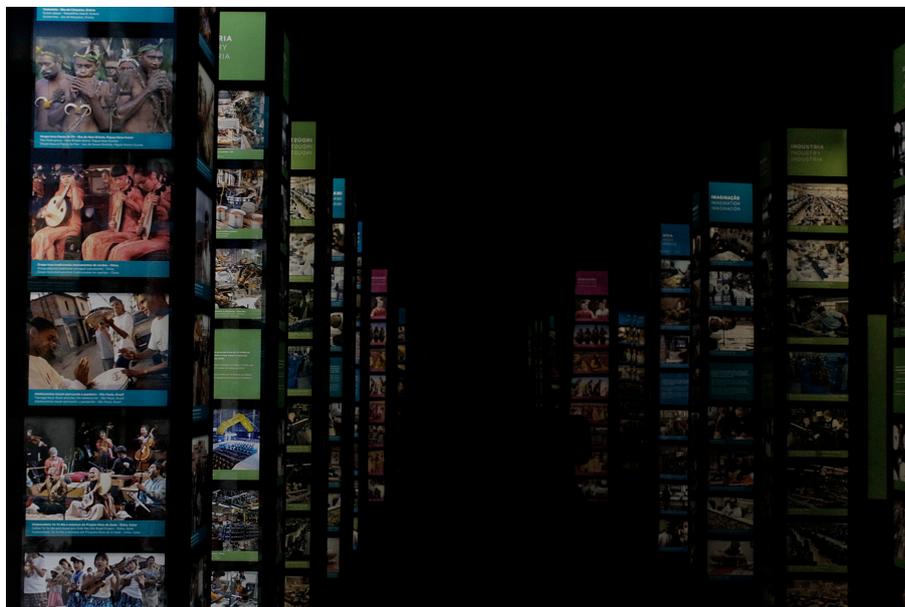


Figura 20: Foto das colunas no interior do Cubo do Pensamento

Em um jogo de espelhos de alteridade e identidade, outra proposta na concepção desse Cubo é que o visitante se identifique com algumas imagens, e reconheça a diversidade em outras. Se ele achar que não se identifica com nada, ao menos vê sua própria imagem refletida nos espelhos. A sensação de labirinto, de estar perdido no tempo e no espaço, contribui para o estranhamento tanto da diferença quanto de si. Uma experiência similar acontece no Musée du Quai Branly, em Paris:

O espaço é adivinhado, explorado, experimentado. Sua influência é forte, como se a agência dos espaços - ao mesmo tempo abertos e fechados - estivesse guiando os visitantes em direção a um ponto desconhecido, reforçando a impressão de estranheza: "Você tem a liberdade de ir onde quiser, se é você que pode chamar de 'liberdade' sentir como se estivesse dentro de um labirinto!" (Pablo, 31, diretor artístico). De certos ângulos, as exposições parecem esticar-se infinitamente. O campo de visão é ininterrupto. Os visitantes precisam avançar para que o espaço se revele. Eles correm o risco de entrar em território desconhecido. (DEBARY; ROUSTAN, 2017)

As imagens que se multiplicam, as 10 trilhas sonoras diferentes e o fluxo incessante de visitantes muitas vezes me deixaram perdida nesse labirinto de informações. Em uma visita com um grupo de crianças, elas corriam e gritavam, esbarrando em mim e dizendo “aqui tem muito pouco espaço”. Fiquei atordoada. Quando o Museu está cheio, esse espaço

pode ficar bem apertado. Alguns educadores criticaram esse espaço, por acharem que, apesar da proposta de mostrar tanta diversidade, o acesso a ele é difícil para quem tem mobilidade reduzida. No entanto, segundo o gerente de Exposições, o espaço permite a entrada de cadeira de rodas. Um caminho reto, na diagonal da entrada até a saída, e a redução de 50 para 40 colunas foram pensados justamente para isso. Ele comentou que “a popularidade do Museu, infelizmente, acabou impactando numa experiência que a gente achava que ia ser mais agradável, nesse cubo especificamente, para quem é cadeirante”.

As fotos e *selfies*, uma constante nesse museu, são tiradas até dentro desse cubo escuro. Várias pessoas exploram as colunas, leem os pequenos textos e legendas, e outras só admiram as imagens. Algumas conversam, rindo de algumas fotos, se identificando com outras, se emocionando. Para mim, a imagem e os vários sons são mais impactantes, só depois penso em ler os textos. Uma visitante comenta: “com a música e os sons, dá pra você ver e é quase como ver aquilo ao vivo”.

“Eles pegam um tema e mostram como é em vários lugares do mundo”, comenta uma visitante com outra, e assim resume a ideia deste cubo. O Cubo do Pensamento pode ser identificado como o Cubo da Antropologia, tanto pelo tema, e as discussões ali apresentadas, quanto por ter um de seus principais consultores o antropólogo Luiz Fernando Dias Duarte.

Para Geertz, a antropologia precisa procurar “[...] relações sistemáticas entre fenômenos diversos e não identidades substantivas entre fenômenos singulares.” (1989, p.32). Acredito que o Museu se propõe a fazer isso nos pilares desse Cubo, distribuindo os fenômenos em dez grandes grupos: Culturas; Pertencemos; Amamos; Celebramos; Criamos; Produzimos; Sentimos; Disputamos; Habitamos; Lembramos. Essas palavras são escritas em neon e são grandes, enquanto os temas menores, a elas associados, ocupam cada lado das colunas retangulares. No grupo “Amamos”, por exemplo, o texto explicativo descreve que:

O amor e o afeto ocorrem de inúmeras maneiras. As relações conjugais, a familiaridade e o *parentesco* São os ingredientes básicos sobre os quais se assentam nossas vidas e estão presentes, de modos variados, em todas as culturas. Por isso, os *ritos* e *costumes* relativos à vida dos casais e à criação dos filhos são componentes essenciais de cada cultura. A *sexualidade* é um dos traços fundamentais da nossa experiência. Amar também é reconhecer e respeitar a diversidade de orientações sexuais e os direitos de homens, mulheres e crianças, em todo o planeta.¹⁰

Esse texto deixa mais evidente a relação dessa área da exposição com a Antropologia. As palavras em itálico remetem a várias áreas da Antropologia, como os

¹⁰ Grifos meus.

estudos de parentesco, de rituais e de gênero. As mais de mil fotos já poderiam ser tema de vários estudos.

Essa relação com a Antropologia e suas áreas e conceitos se mostra diferente de um museu etnográfico como o Musée du Quai Branly. Debary e Roustan (2017) descrevem que esse museu enfrenta basicamente três grandes dificuldades de articulação: entre escalas – universalismo e particularismo; entre disciplinas – antropologia e arte; e entre territórios – cultura Ocidental e culturas não-ocidentais. Os autores explicam que os museus etnográficos, inicialmente, se propunham à reconstituição dos estilos de vida de sociedades não-europeias, a partir de seus objetos, dentro de um contexto naturalista (séc. XIX) e culturalista (séc. XX). A partir da década de 1980, esses museus passam a ser contestados, e a discussão muda de um representacionalismo para debates sobre autorias compartilhadas, e até mesmo a posse, de ideias e coleções. Porém, esse museu francês, ao invés de incorporar as demandas de povos indígenas e das ex-colônias, acabou escolhendo não contextualizar as coleções e suas histórias, invisibilizando todos os atos de violência que marcam a história dos museus etnográficos. Ele recebeu muitas críticas por isso, porque, além de invisibilizar a violência, acaba ignorando as populações envolvidas e o próprio projeto colonialista (DEBARY; ROUSTAN, 2017).

Outra crítica à exposição principal desse museu é que, embora estabeleça a arte como uma atividade universal de todas as culturas, ele mercantiliza as culturas não-ocidentais, reduzindo-as a uma legitimação artística e separando-as de seu passado. Além disso, a cultura Ocidental não é representada, o que mostra uma persistência de ideias colonialistas. No Museu do Amanhã, essa separação entre culturas ocidentais e não-ocidentais é menos marcada. No pilar que tem como tema “Família”, uma mulher indígena do Peru ao lado de uma lhama coexistem com uma mulher australiana segurando seu gato. Apesar de algumas imagens estarem ali para evocar certo exotismo, elas estão lado a lado de imagens cotidianas de culturas Ocidentais, para aportar uma perspectiva de que essas duas categorias de imagens são ao mesmo tempo familiares e exóticas.

Segundo um dos educadores, a ideia do curador Luiz Alberto com as imagens é que cada vez que uma pessoa entre, veja e perceba alguma coisa diferente. Um dos pilares que afeta muitas pessoas e gera comentários contém uma série de imagens que apresentam várias formas de amor e família.

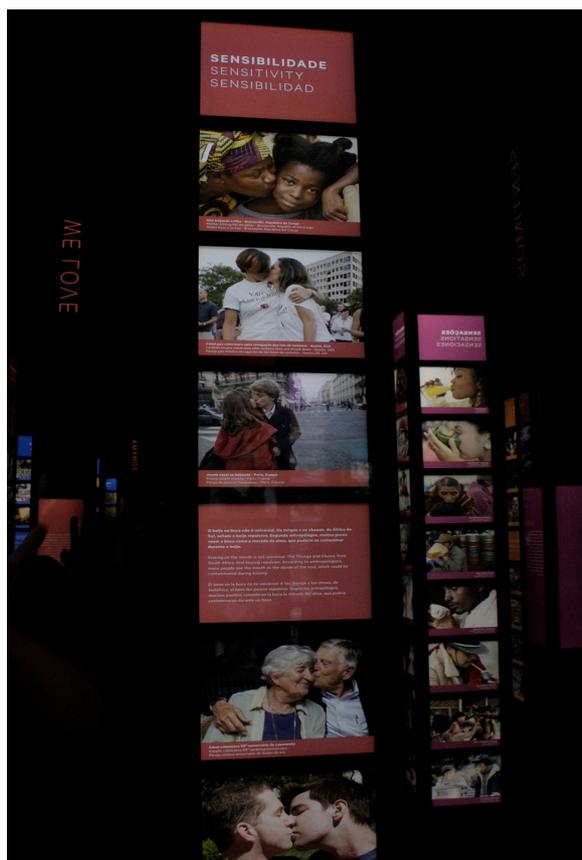


Figura 21: Foto do pilar “Sensibilidade”, do grupo “Amamos”, no interior do Cubo do Pensamento

Durante uma visita, esta coluna impulsionou uma discussão sobre família afetiva. Essa visita fazia parte do projeto “Vamos falar sobre isso?”, que é uma parceria do Museu do Amanhã com a Defensoria Pública. O grupo que fez a visita era composto por de alunos de ensino médio, que estavam conhecendo a exposição para refletir sobre o conceito de família e depois discutir esse tema com defensores públicos, assistentes sociais, psicólogos e educadores. Os jovens defendiam a ideia de que a família é definida por relações sócio-afetivas e aceitavam com naturalidade aquelas formadas por casais homo-afetivos.

Já em outra visita com um grupo de senhoras idosas, quando o educador perguntou o que tinham achado desse cubo, uma delas disse que sentiu vergonha porque viu dois homens se beijando, e outra completou dizendo que não achava bonito. O educador respondeu a elas: “eu sou gay, eu tenho um namorado. Isso me faz diferente de vocês?”. “Não!”, responderam as duas. “É por isso que eu me senti com vergonha, porque eu sabia que você era que nem eles”, disse a primeira das senhoras. Ele explicou que “aqui no Museu, a gente trabalha essas diferenças e o objetivo desse cubo é que a gente reflita como a gente lida

com elas”. Ele continuou falando sobre como elas não precisavam achar bonito ou feio, mas sim respeitar formas de vidas diferentes das delas.

Apesar dessas fotos possivelmente passarem despercebidas por vários visitantes, espero que esse contato das senhoras com o educador tenha afetado a forma de pensar delas. Em vários momentos, as vidas e existências dos educadores resultavam em interações desse tipo – observando que a equipe do educativo tem pessoas negras, homoafetivas, trans, com deficiência – e, para mim, é em contatos como esse que o valor ético de convivência do Museu vai se desenvolvendo.

Em relação ao propósito do Museu de pensar o futuro, Luiz Fernando Dias Duarte (2015) argumenta que o desequilíbrio resultante da ação humana no mundo precisa de uma reestruturação radical de valores e de formas de reprodução social se quisermos um amanhã menos devastador. Argumenta ainda que as relações humanas com o meio ambiente e a sustentabilidade são culturais, não bastando apenas que novas tecnologias sejam desenvolvidas. Esse desequilíbrio é exacerbado pela potência tecnocientífica contemporânea, o que levou ao surgimento do termo Antropoceno. Esse conceito nos conduz para fora do Cubo do Pensamento para avistar as estruturas gigantescas do Antropoceno.

3 ANTROPOCENO – ONDE ESTAMOS?

“Onde estamos?”

Hoje estamos no Antropoceno, a Era dos Humanos, um novo momento na história do planeta. Somos bilhões de pessoas ocupando todos os continentes, fabricando tecnologias mais eficientes, mas consumindo vastos recursos e produzindo muito lixo. Em poucas gerações, tornamo-nos uma força global que transformou a Terra e as condições de vida de outras espécies. Nossas ações têm consequências significativas que se estenderão pelos próximos séculos. Nós e nossos descendentes viveremos em um mundo profundamente modificado pela nossa própria presença.” (Texto da exposição principal do Museu do Amanhã)

Chegamos ao centro do Museu do Amanhã, tanto espacialmente quanto em sua temática. A pergunta aqui é: Onde estamos? E a resposta é essa nova época geológica, o Antropoceno.

Na parede oposta à palavra Antropoceno com seu texto explicativo, pode-se ler o poema Rosa de Hiroshima de Vinícius de Moraes, de 1954, também famoso na voz de Ney Matogrosso na banda Secos e Molhados. O poema, pacifista e anti-nuclear, fala sobre os efeitos das bombas nucleares lançadas no final da Segunda Guerra Mundial, e dá o tom do Museu para pensar o Antropoceno.

O primeiro impacto que essa área provoca é sentir o som altíssimo, que muitas vezes se escuta de outros espaços do museu, não sendo preciso sequer encostar na sua estrutura para sentir a vibração das ondas sonoras. O som vem dos seis totens enormes de 10 metros altura e três de largura, que apresentam um conteúdo audiovisual, dirigido por Vicente Kubrusly e Melissa Flores.

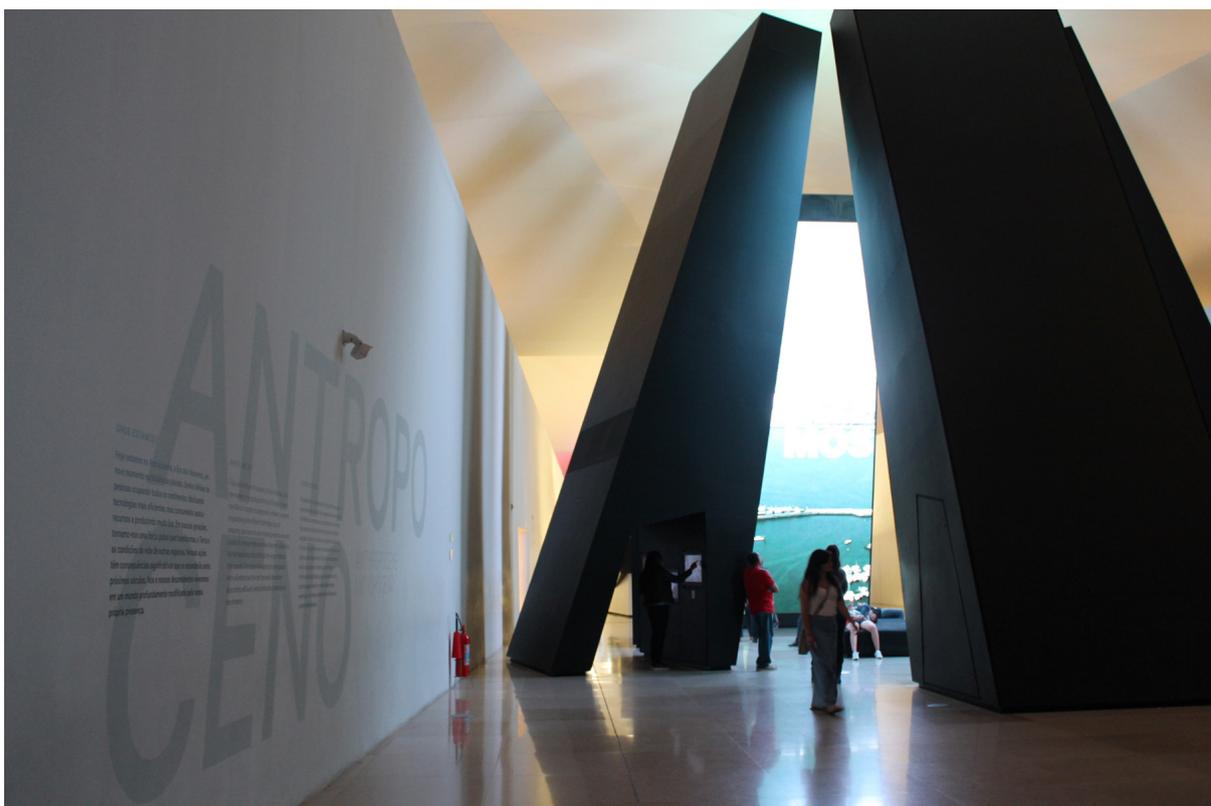


Figura 22: Foto da estrutura do Antropoceno

Os totens estão dispostos em círculo – em alusão ao monumento de Stonehenge na Inglaterra (MUSEU DO AMANHÃ, 2017a) – com um sofá no centro, que permite aos visitantes assistir ao vídeo exibido nas telas de LED sentados ou deitados, uma vez que as telas se inclinam sobre os visitantes. O vídeo, que tem cerca de seis minutos, passa em um *loop* contínuo, não tendo um início marcado.



Figura 23: Foto dos visitantes assistindo ao vídeo do Antropoceno

Durante a visita guiada, um dos visitantes comenta “é muito grande, é muito impressionante, né? Parece que não tem limites”. Um dos educadores responde que “o Antropoceno é para fazer a gente se sentir pequeno”, e é essa a sensação causada pelas telas gigantes.

O vídeo exibe imagens de plantações, agricultura, indústria, cidades, prédios, luzes, e fluxos de pessoas, carros e outros meios de transporte, produção e consumo. Várias imagens são de vista aérea, para criar uma noção de panorama, e outras são aceleradas, para reforçar o movimento dos fluxos. São apresentados dados sobre a população mundial, urbanização, transportes, turismo, comunicações, crescimento econômico e PIB mundial, consumo, desmatamento, poluição de rios e oceanos, mudanças climáticas e mortes tanto de seres humanos, quanto de outras espécies, causadas em função de desastres ambientais. Esses dados são constantemente atualizados, de acordo com as instituições de pesquisa que servem de fonte para o Museu.

Palavras também aparecem no vídeo – em português, inglês e espanhol, como todo o conteúdo do museu – e narram que habitamos a Terra há 200 mil anos e a transformamos cada vez mais. Fato este que nos torna uma força planetária, intensificada a

partir da década de 1950 (a grande maioria dos gráficos exibidos apresenta um aumento exponencial a partir dessa data). O Museu narra que “Nós fazemos, e o planeta reage. Nos tornamos uma força geológica. Vivemos no Antropoceno”. As palavras “Nós” e “Mais” são as que têm maior destaque e isso contribui para a fixação da mensagem de um crescimento exacerbado e da participação dos indivíduos nesse sistema. Após perguntar sobre o que desejamos para o Amanhã, o vídeo “termina” exibindo seis rostos humanos de diferentes etnias encarando os visitantes. Essa é a única vez que aparecem rostos humanos identificáveis no vídeo.



Figura 24: Fotos das telas do vídeo do Antropoceno, destacando a palavra “mais”

Vários autores (HARAWAY et al., 2015; MOORE, 2017; DESCOLA, 2017; LATOUR, 2017a) apontam Crutzen e Stoermer (2000) como os primeiros a sugerir o conceito de Antropoceno. Eles propõem que os impactos das atividades humanas sobre a Terra e a atmosfera atingiram uma escala global, o que marca o reconhecimento da humanidade como uma força geológica. Os exemplos de expansão da humanidade e a exploração dos recursos naturais, tanto em número absolutos quanto proporcionais, apresentados por esses autores parecem estar todos contemplados nos dados, gráficos e imagens do vídeo do museu.

Atualmente, o conceito de Antropoceno está em processo de reconhecimento pela Comissão Internacional de Estratigrafia da União Internacional de Ciências Geológicas como uma época geológica autêntica. Essa Comissão está analisando o potencial do termo Antropoceno de fazer parte da Escala de Tempo Geográfico e, para isso, estabeleceu o Grupo de Trabalho do Antropoceno (AWG, do inglês *Anthropocene Working Group*). No último Congresso Geológico Internacional, esse grupo de trabalho (AWG) publicou duas constatações preliminares e recomendações para o reconhecimento do termo enquanto época geológica.

Em uma conferência sobre o Antropoceno, Latour (2017a) fala sobre a aceitação ou não do termo pela Comissão. Ele fala sobre o impacto dessa discussão, pois ela estabelece uma mudança de paradigma na noção de tempo geológico, uma vez que a força humana passa a ser reconhecida como capaz de moldar a Terra. Latour fica encantado que essa discussão ocorra nas ciências geológicas, que por muito tempo eram indiferentes às investigações das ciências humanas. Ele considera impressionante que as ciências geológicas defendam que as ações humanas – relações de poder, desigualdades, episódios históricos – influenciem na Terra e na atmosfera assim como impactam os rios, vulcões e erosões.

O marco de início para o Antropoceno vem sendo amplamente debatido. Crutzen e Stoermer (2000) inicialmente propuseram o final do século XVIII, pois, a partir dessa época, os efeitos globais da ação humana teriam se tornado notáveis. Eles argumentam que essa data aponta um início no aumento da concentração de gases de efeito estufa na atmosfera e coincide com a invenção da máquina a vapor de James Watt, em 1784. Latour (2017a) menciona que alguns estudiosos defendem esse início com o começo da era nuclear em 1945, o que reforça o sentido da poesia da Rosa de Hiroshima na entrada dessa área do museu. Os resíduos nucleares, cujo o impacto segue presente em toda a biosfera por muito tempo, são um dos principais argumentos utilizados para justificar o registro da ação humana.

Haraway (2016), More (2017) e Descola (2017) consideram importante historicizar esse conceito. Descola (idem) estabelece uma diferença entre os conceitos de Antropização e Antropoceno. Ele explica que a Antropização é o resultado do processo de coevolução dos seres humanos e não-humanos há 200 mil anos, a partir do surgimento da nossa espécie. Esse processo sempre causou impacto no planeta, alterando ecossistemas e condições de funcionamento às vezes de forma irreversível e regional. Já o Antropoceno é um efeito sistêmico e mais global, cujo resultado é uma transformação acumulativa e a aceleração do funcionamento climático do planeta. Assim, os seres humanos já modificavam seu ambiente antes, mas o Antropoceno se distingue pelas implicações da ação humana sobre o clima e pelo efeito deste nas condições de vida do planeta. Para Descola:

A causa principal da entrada no Antropoceno, como disse no preâmbulo, é o desenvolvimento, desde alguns séculos atrás, primeiro na Europa ocidental e logo em outras regiões do planeta, de um modo de composição do mundo que chamamos de diversas maneiras, segundo os aspectos do sistema que queremos mostrar: capitalismo industrial, revolução termodinâmica, Tecnoceno, modernidade ou naturalismo. (2017, p. 21)

Descola (Idem) explica que esse sistema é baseado na ontologia “naturalista”, que pressupõe uma afirmação de uma diferença de natureza, e não de grau, entre humanos e não-

humanos. Junto com o desenvolvimento do capitalismo e a monetização da energia, essa ontologia torna possível entrar no que ele chama de a maior ilusão dos últimos séculos: a noção da natureza como um recurso infinito que permite um crescimento igualmente infinito, graças ao aperfeiçoamento infinito das técnicas. Ele defende que a principal vantagem desse conceito é marcar quem é esse *antropos*, pois a humanidade como um todo não é a origem do aquecimento global ou da extinção das espécies.

Moore (2017) reconhece que a discussão sobre o Antropoceno ultrapassou a academia e passou a incidir sobre o lugar da humanidade na teia da vida. Porém, ele argumenta que considerar o início dessa era com a Revolução Industrial é negar uma história mais longa do capitalismo que começa na época das Grandes Navegações, e essa negação reflete como se deu o desenvolvimento das políticas ambientalistas. Ele defende que esse sistema passou a modificar naturezas globais muito antes da máquina a vapor, e é importante reconhecer os primeiros sinais de transformações globais das paisagens como as revoluções da agricultura inglesa e holandesa e a conquista das Américas e o colonialismo. Logo, ele identifica como essas transformações estão inseridas em padrões de poder, capital e natureza estabelecidos no século XV. Dessa forma, para não invisibilizar essas relações de poder, ele defende o uso do termo Capitaloceno.

Apesar de os principais marcos da narrativa do Museu do Amanhã para o Antropoceno se situarem a partir da segunda metade do século XX, é possível explorar essa história mais longa em uma das “cavernas” do Antropoceno. Quatro dos seis totens dessa área da exposição têm “cavernas” nas quais o visitante pode entrar e explorar o conteúdo interativo da Íris. É interessante que no vídeo do Cosmos, a primeira alusão aos seres humanos são as pinturas rupestres em cavernas.

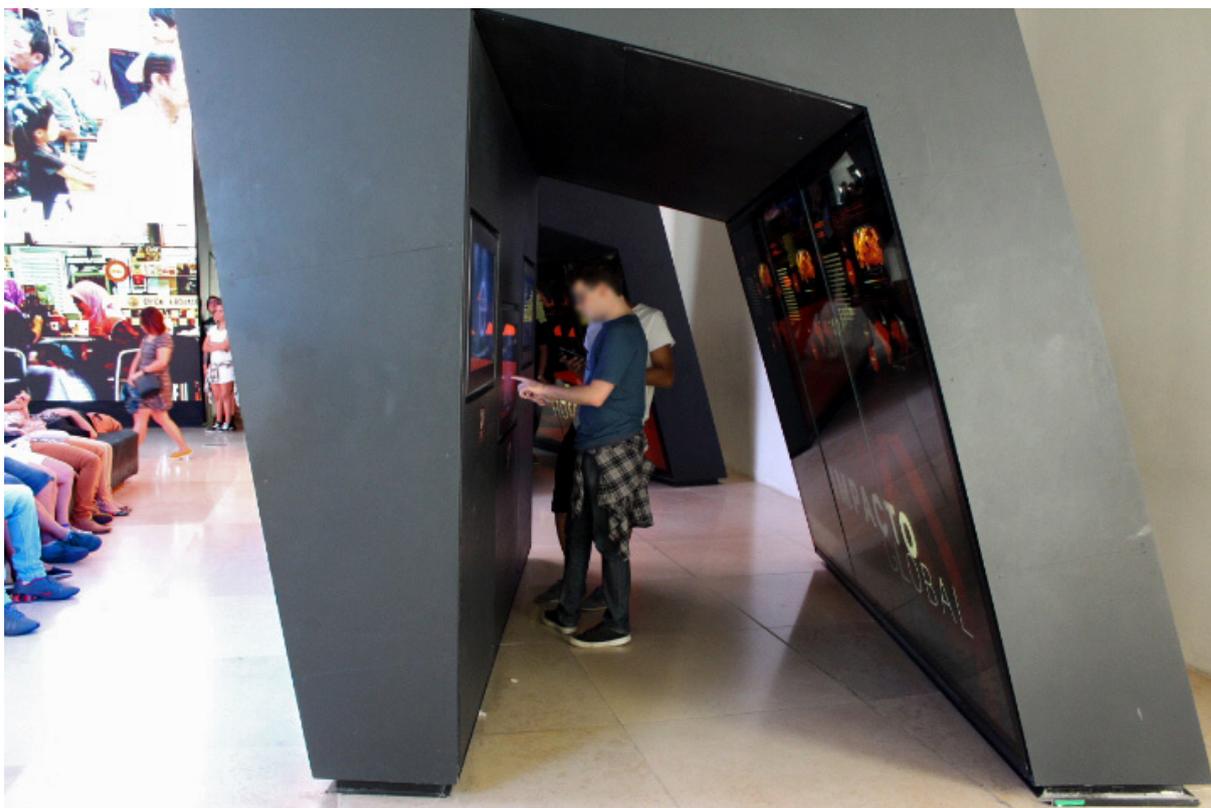


Figura 25: Foto de um visitante dentro de uma das cavernas do Antropoceno, interagindo com o conteúdo da Íris

A caverna com o título “Expansão Humana” é a que tem mais conteúdo textual no interativo da Íris. O conteúdo é dividido em População, Urbanização, Conhecimento e Consumo. Na parte de População, o Museu narra a história da humanidade, estabelecendo como marco importante a origem da agricultura. Depois, parte para o “Domínio Europeu”, que é dividido em Revolução na Agricultura e Colonialismo. Este subtópico é o único lugar em que a escravidão é mencionada no Museu.

Para Dona Haraway (HARAWAY, 2017; HARAWAY et al. 2015) a agricultura escravista constitui essa chave de transição, e não o carvão da Revolução Industrial. O principal termo que ela defende é “Capitaloceno”, pois o seu uso insiste em marcar que esses processos são historicamente situados e têm metabolismos e composições complexas. Além disso, esse termo especifica como causa uma determinada forma de vida e de exploração de recursos que têm uma história e não são resultantes dos atos de toda a espécie humana. Contudo, ela propõe outros termos para fazer pensar, como “Plantationcene” – que marca essa mudança trazida pela agricultura escravista.

Essa autora também vem trabalhando com o nome de “Chtuluceno”¹¹, que aporta a ideia de um processo ainda inacabado e estende seus tentáculos por uma miríade de temporalidades e espacialidades – sendo um termo simultaneamente para o passado, presente e o que está por vir. Ela argumenta que o Chtuluceno depende dos conceitos de Antropoceno e Capitaloceno, mas ele é uma forma de nomear as épicas e temerosas destruições que estão acontecendo, que também pode oferecer outros arranjos de convivências possíveis. Haraway (2014) usa o Chtuluceno para reconhecer as mitologias em desenvolvimento nesses processos apocalípticos de fins e continuidades de mundo, apesar desses fins. Essa figura mitológica pode ajudar a pensar sobre a fluência temporal e a precariedade da vida no planeta. Para ela, essa série de nomes possíveis – Antropoceno, Capitaloceno, Chtuluceno – mostram as múltiplas compreensões sobre o Capital e essa era em que vivemos, e essas compreensões são uma parte crucial daquilo que é preciso se engajar para resistir.

Mesmo sendo amplamente debatido, “ame ou odeie-o, o Antropoceno está emergindo como uma palavra inescapável para (e do) momento atual” (HARAWAY at al. 2015). Suas discussões estão acontecendo nos mais variados campos científicos – das revistas “Nature” ao “The Economist”, da Geologia à Antropologia – e é justamente nessa multiplicidade de saberes e nas suas contradições e incoerências que Tsing (HARAWAY at al. 2015) vê o potencial desse termo. Ela acredita que a promessa desse conceito é promover pensamentos críticos para além das fronteiras das disciplinas e que ele permite pensar seriamente sobre coisas que não seriam pensadas sem ele.

A caverna ao lado dessa tem como título “Impacto Global”, que é dividido em Mudanças Climáticas; Atmosfera; Rios; Biodiversidade e Impactos no Antropoceno. Esse espaço marca a importância das mudanças climáticas e seus impactos na biosfera, que para Descola (2017) são fatores que distinguem essa época. Já Noboru (HARAWAY at al. 2015) explica como os fluxos e ciclos de capital e dinheiro se articulam com os ciclos do Carbono e Nitrogênio. Apesar de não estabelecer essa relação com o sistema capitalista, o Museu explica os ciclos desses dois elementos, no subtópico Atmosfera, e aponta para os impactos do Antropoceno sobre eles.

Embora não esteja escrito no conteúdo das telas interativas, a associação com o capitalismo e suas formas de exploração está presente nos discursos dos educadores nas visitas guiadas. Depois de deixar os visitantes assistirem ao vídeo, os educadores costumam promover uma reflexão sobre essa área, sentados em roda no chão frio no espaço entre o

¹¹ Alusão ao conto de H. P. Lovecraft “The Call of Cthulhu”.

Antropoceno e os Amanhãs. O educador surdo sinaliza para um grupo de crianças o desmatamento de árvores e outras destruições e explorações, que fazem parte desse sistema. Depois, explica sobre a cultura do consumo, usando o celular como exemplo, expressando em Libras a relação da produção desses aparelhos com formas contemporâneas de trabalho escravo e trabalho infantil.

Do lado oposto, encontram-se as duas outras cavernas. Uma delas tem como título “Crescimento da Compreensão”, que propõe que nossa espécie se tornou consciente de nosso impacto no planeta. “Governos, sociedade civil, indivíduos, entendemos que hoje é o lugar da ação”, as telas nos informam, e depois mostram o surgimento das organizações de proteção à natureza, a partir da segunda metade do século XX. Será que chegamos a esse nível de conscientização? E se chegamos, o que fazer com essa compreensão?

Descola (2017) argumenta que, embora essas discussões nos ajudem a pensar sobre o sistema, a ideologia, o modo de vida e formas de dar sentido ao mundo que resultam no Antropoceno, a principal dificuldade que esse conceito aporta é o desafio do que fazer com esses saberes. Ele reconhece que, por um lado, a escala global desses fenômenos exige mecanismos de resposta e ação globais. Por outro lado, não é possível dissociar o destino sistêmico do planeta do destino dos coletivos humanos e não-humanos. Os problemas são globais, mas não afetam esses coletivos da mesma forma.

Embora o Museu reconheça as diferentes e desiguais formas que esses coletivos são e serão afetados pelas consequências do Antropoceno – tema que será mais desenvolvido na área dos Amanhãs –, o discurso do Museu é principalmente de levar o visitante à ação, enquanto indivíduo, e não como coletivo. Quando conversei com o gerente de Exposições sobre essa minha percepção, ele ressaltou que essa caverna traz o histórico dos movimentos coletivos de atuação e lutas, mas é complexo retratá-los na contemporaneidade porque, devido ao movimento contínuo de disputas, é difícil saber quais seguirão significativos. Além disso, ele falou que o Museu está trabalhando em propostas coletivas de ação. Um dos exemplos é o projeto de inteligência artificial, construído com o IBM Watson, em que uma das ideias é trazer a partir dos dados de uso da Íris quais foram os temas que mais interessaram o visitante e, a partir daí, apresentar organizações, fundações e instituições do Brasil, que trabalhem com essas temáticas, como forma de propor possibilidades de atuação e engajamento. Essa nova funcionalidade da Íris foi inaugurada em dezembro de 2017 durante nas comemorações de dois anos de abertura do Museu, momento em que eu já tinha terminado meu trabalho de campo.

Essa perspectiva de necessidade de ação e engajamento é importante porque, como argumenta Latour (2017b), ao alegar que a agência humana se tornou a principal força moldando a Terra, surge a questão da responsabilidade, uma vez que os envolvidos não são mais uma entidade passiva de agentes “naturais”. A ação humana, inevitavelmente, faz parte de contextos e disputas morais e políticos. Porém, o autor ressalta que não faz sentido achar que existe uma responsabilidade indiferenciada para a toda a humanidade.

No Museu do Amanhã, a necessidade de ação e responsabilidade parece ser indiferenciada para todos os visitantes, o que me causa certo estranhamento. Para Latour, essa responsabilidade é extremamente localizada em redes de alguns indivíduos. Na visita guiada, um educador pergunta “e aí, bateu? Bateu o Antropoceno pra vocês?”, e depois continuou “quem é esse ser humano do Antropoceno? É um pouco geral esse ser humano né? Parece que a gente não faz parte. Não é pra gente se culpar por tudo de errado, mas eu acho importante a gente identificar como nós trabalhamos isso”.

A quarta caverna tem o título de “A grande aceleração”. O destaque aqui, seguindo a proposta do vídeo do Antropoceno, mencionado anteriormente, é a palavra “mais”: mais numerosos; mais eficientes; mais conectados. As telas mostram um fluxo de invenções desde o final do século XIX até hoje, contemplando o desenvolvimento da agricultura, das máquinas, da ciência e da comunicação.

Danowski e Viveiros de Castro (2014) descrevem que vivemos “tempos interessantes” e um dos aspectos mais “interessantes” e remarcáveis desses tempos é a sua aceleração. Eles explicam que essa aceleração não diz respeito somente ao aumento na magnitude de mudança em certos valores de referência sobre os limites do sistema planetário, mas sim de sua aceleração e intensificação constante, que levam à perda de valores de referência. Eles argumentam que essa aceleração relativa do tempo e compressão correlativa do espaço é vista habitualmente como uma condição “existencial” da época contemporânea, e essa caverna do Museu passa essa visão através de suas telas. Essa aceleração resulta que “praticamente, tudo o que *pode ser* dito sobre a crise climática se torna, por definição, anacrônico; e tudo o que *deve ser feito* sobre esse assunto é necessariamente *too little, too late*” (idem, p. 226).¹²

Esses autores percebem que o aumento das evidências sobre a gravidade da crise ambiental e civilizacional provocou uma proliferação de produções sobre a ideia de “fim do mundo”, tanto na academia quanto nas consciências populares. Eles buscam levar a sério os

¹² Palavras destacadas pelos autores.

discursos sobre o fim do mundo, considerando-os como tentativas de invenção de uma mitologia sobre esse momento de crise. O desastre do fim do mundo muitas vezes é imaginado como um megaevento repentino; porém, é mais realista, segundo os autores, descrevê-lo como uma degradação progressiva, mas intensa e inexorável, e o Antropoceno faz parte dessa mitologia. Para eles, o Antropoceno é uma forma de apocalipse, porque existe a consciência de que as coisas estão mudando rapidamente – em uma escala que pode provocar a extinção da humanidade – mas ainda não sabemos lidar com isso.

Uma outra forma de nomear esse momento de crise é o que Stengers (2015) chama de intrusão de Gaia, como foi explicado no Cubo da Terra. Danowski, Viveiros de Castro e Latour organizaram em 2014 um colóquio com o título “Os Mil Nomes de Gaia: do Antropoceno à Idade da Terra”, em que definem esses dois conceitos, Antropoceno e Gaia, como emblemáticos para o pensamento contemporâneo da crise:

O primeiro termo designaria um novo tempo, ou antes um novo conceito e uma nova experiência da temporalidade, nos quais a diferença de magnitude entre a escala da história humana e as escalas cronológicas da biologia e das ciências geofísicas diminuiu dramaticamente, senão mesmo tendeu a se inverter, com o “ambiente” mudando mais depressa que a “sociedade” e o futuro próximo se tornando, com isso, cada vez mais imprevisível e ominoso. O segundo, “Gaia”, nomearia uma nova maneira de ocupar e de imaginar o espaço, chamando a atenção para o fato de que nosso mundo, a Terra, tornado, de um lado, subitamente exíguo e frágil, e, de outro lado, suscetível e implacável, assumiu a aparência de uma Potência ameaçadora que evoca aquelas divindades indiferentes, imprevisíveis e incompreensíveis de nosso passado arcaico. (2014, p.1)

Eles argumentam a favor da ideia de Gaia, pois ela marca a realidade ameaçadora desses tempos e as responsabilidades frente a isso. Expressam que esses conceitos evidenciam como a crise ambiental objetiva reflete na subjetividade contemporânea na criação das narrativas éticas, políticas, estéticas, metafísicas e até teológicas sobre o “fim do mundo”. Danowski e Viveiros de Castro (2014) perguntam, contundo, para quem esse mundo vai acabar, uma vez que o mundo já acabou para várias criaturas, humanas e não-humanas, em uma série de apocalipses e genocídios.

Haraway (2016) ressalta que uma imensa destruição está acontecendo, não só para as bilhões de pessoas que habitam a Terra, mas também para uma miríade de outros seres. Tsing (2015 apud HARAWAY, 2016) sugere que essas transformações em curso podem eliminar a maior parte dos refúgios, a partir dos quais coletivos humanos e não-humanos podem se reconstituir após eventos extremos, como a desertificação e o desmatamento. Ela argumenta que o Holoceno foi um período em que os lugares de refúgios ainda existiam e

eram abundantes, o que permitia a reformulação da diversidade cultural e biológica; mas a destruição desses espaços faz com que a Terra esteja cheia de refugiados sem refúgio.

O Museu abordou essa questão dos refugiados na exposição temporária “Vidas Deslocadas”, realizada em parceria com a Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) e da Agence France-Presse (AFP). Apesar de os refugiados apresentados serem só os humanos, a exposição se propôs a explorar o tema dos refugiados ambientais que, segundo os textos explicativos, não ficaram imunes aos resultados da ação humana como uma força planetária e foram diretamente afetados pelos problemas ambientais acentuados pelas mudanças climáticas.



Figura 26: Foto da entrada da exposição temporária “Vidas Deslocadas”

O Museu fala que a maioria dos refugiados vêm de países em desenvolvimento, que já são afetados pela pobreza, desigualdade e conflitos. Isso mostra como a responsabilidade, para além das causas, também recai sobre a ação humana. Mesmo que esses desastres sejam inevitáveis, os seus impactos sobre as populações não poderiam ter sido mitigados? As políticas de prevenção e recuperação estão focadas para quem mais necessita? Esses refugiados são acolhidos em outros lugares? O que podemos fazer? Como podemos reagir?

O futuro, para o Museu do Amanhã, depende muito das respostas que dermos ao Antropoceno. E é pensando nisso que saímos do Antropoceno e avistamos a pergunta “Que Amanhãs podemos imaginar?”, que nos conduz para a próxima área da exposição.

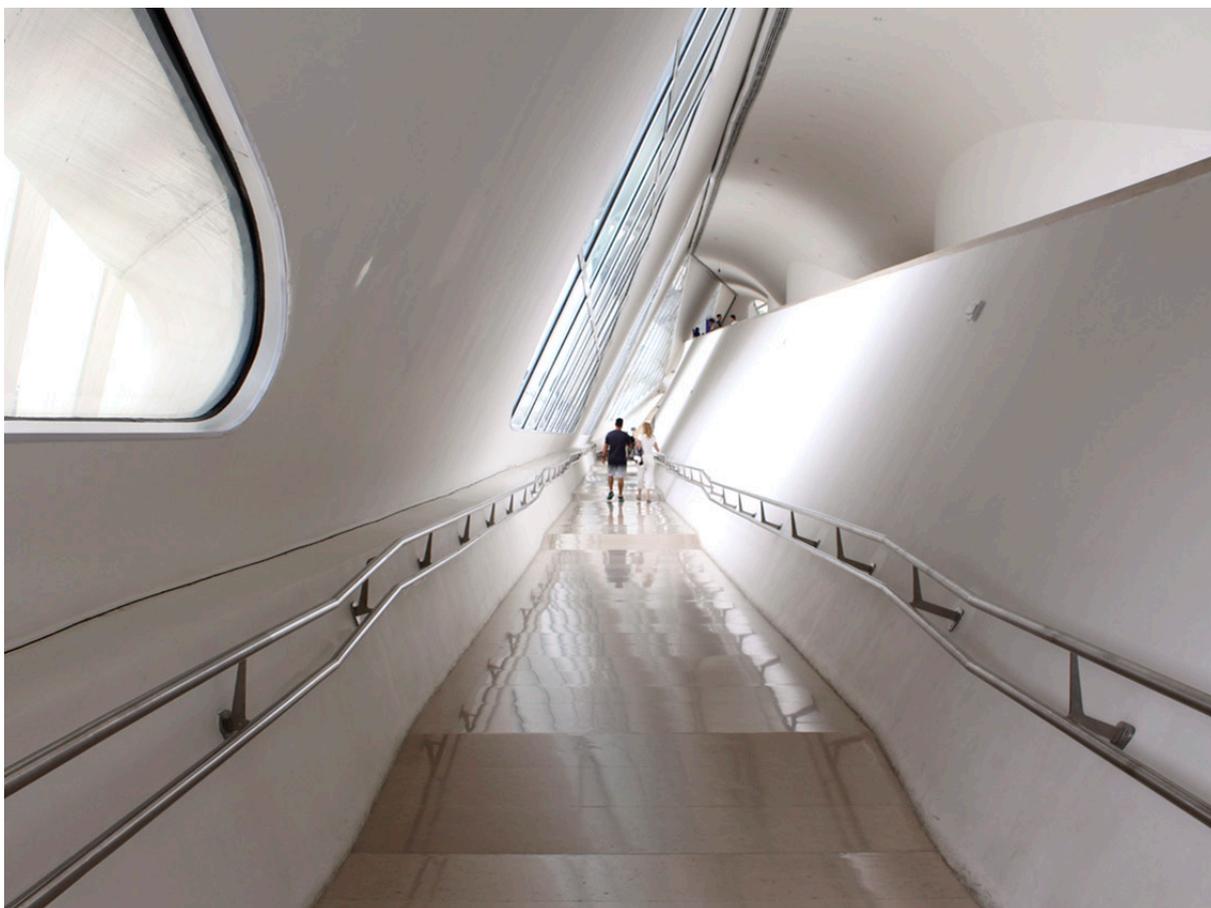


Figura 27: Foto de um dos corredores do Museu do Amanhã. Que Amanhãs podemos imaginar?

4 AMANHÃS – PARA ONDE VAMOS?

“Para onde vamos?”

O futuro não está pronto e acabado. A cada dia, a cada escolha, o rio do Tempo se abre em um delta de Amanhãs possíveis. O curso que a realidade irá seguir depende cada vez mais de nós, como atores do Antropoceno, na construção do porvir. Sabemos que a única certeza sobre o futuro é que haverá o inesperado, mas as Ciências nos indicam as grandes tendências que muito provavelmente moldarão as próximas décadas: seremos ainda mais numerosos, com alguns vivendo por muito tempo; habitaremos um mundo mais urbano e interconectado, porém mais desigual; experimentaremos intensas modificações do clima e alterações da biodiversidade; estenderemos aceleradamente as fronteiras do conhecimento; multiplicaremos tecnologias para aplicá-las a nossos corpos, mentes e vidas. Como sociedade, como seres vivos, como rotas e caminhos para navegarmos entre o que somos hoje e o que poderemos vir a ser. Curiosidade, espírito, imaginação: é o que precisamos para nos lançar ao mar.” (Texto da exposição principal do Museu do Amanhã)

A pergunta “Que Amanhãs podemos imaginar?” está exposta ao lado de uma fotografia da Terra vista do espaço, em um painel fixado em uma das dobras da estrutura dessa área, que foi feita de modo a lembrar um origami. Essa estrutura se desdobra em três espaços – Planeta, Sociedade e Humano – que apresentam futuros possíveis para a pergunta “Para onde vamos?”.

Em cada um deles, uma série de painéis com um fluxo de conteúdo audiovisual apresenta simulações e projeções de tendências para os próximos cinquenta anos, abordando os seguintes temas: mudanças climáticas; alteração da biodiversidade; crescimento da população e da longevidade; maior integração e diferenciação de culturas; avanço da tecnologia; e expansão do conhecimento (MUSEU DO AMANHÃ, 2017a).

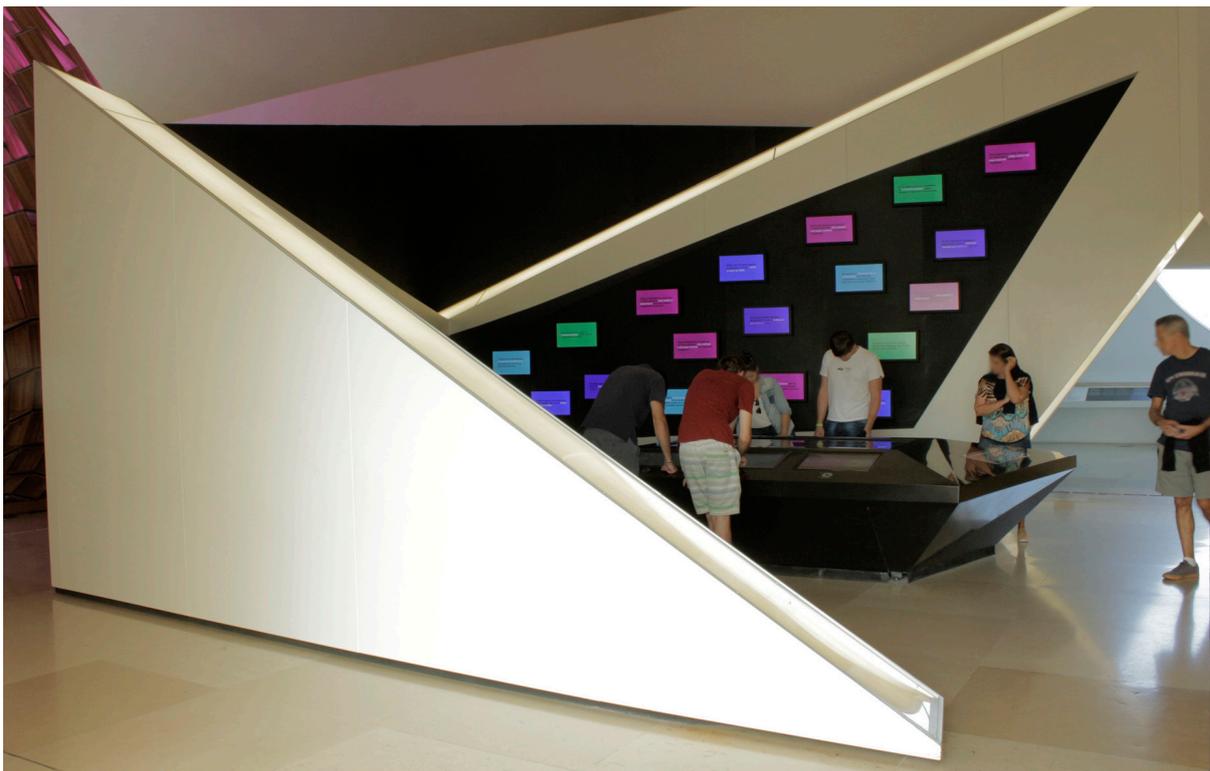


Figura 28: Foto da área dos Amanhãs

O visitante é convidado a pensar sobre essas questões por meio de três jogos, um para cada área. Como o foco é a interação individual com os jogos, na visita mediada não se costuma entrar nesse espaço, e os educadores conduzem o grupo direto para a última parte da exposição, o Nós. Contudo, quando o museu está muito cheio, é difícil achar uma tela livre para jogar. De acordo com os dados da pesquisa realizada em janeiro de 2016 pela equipe de Pesquisa e Engajamento de Público do Museu, metade das pessoas que passaram por ali não jogaram esses jogos porque a quantidade de pessoas dificultava o acesso.



Figura 29: Foto de um dos jogos dos Amanhãs em um dia cheio.

Apesar de não constar na visita mediada, esses temas são centrais para o Museu e compõem o conteúdo das outras áreas da exposição, afinal, este é o Museu do Amanhã. Além disso, esses temas são discutidos nas ações do Educativo, nos eventos do Observatório do Amanhã e no Laboratório de Atividades do Amanhã.

Uma dessas ações do Educativo que pude acompanhar foi o Encontro de Educadores. Um educador me explicou que esse encontro faz parte do programa “Perspectivas para poder respirar” e a ideia é promover um momento de conversa, que é tanto uma pausa para a reflexão, quanto um momento para inspirar coisas novas. Segundo ele, os encontros não são voltados apenas para a educação formal e sim para todo mundo que está envolvido com educação, “e aí eu acho que é todo mundo mesmo, de fato”, conta ele. Eles já receberam vários professores municipais, estaduais, mas também educadores de ONGs e de outros projetos. A temática dos encontros muda de dois em dois meses e, por isso, eu tive a oportunidade de observar encontros com dois temas diferentes. O primeiro chamava-se

Oráculo. Esses encontros aconteciam em um espaço do museu denominado “Terreiro de Curiosidades”, e nesse museu “branco”, esse nome me causava certo estranhamento.

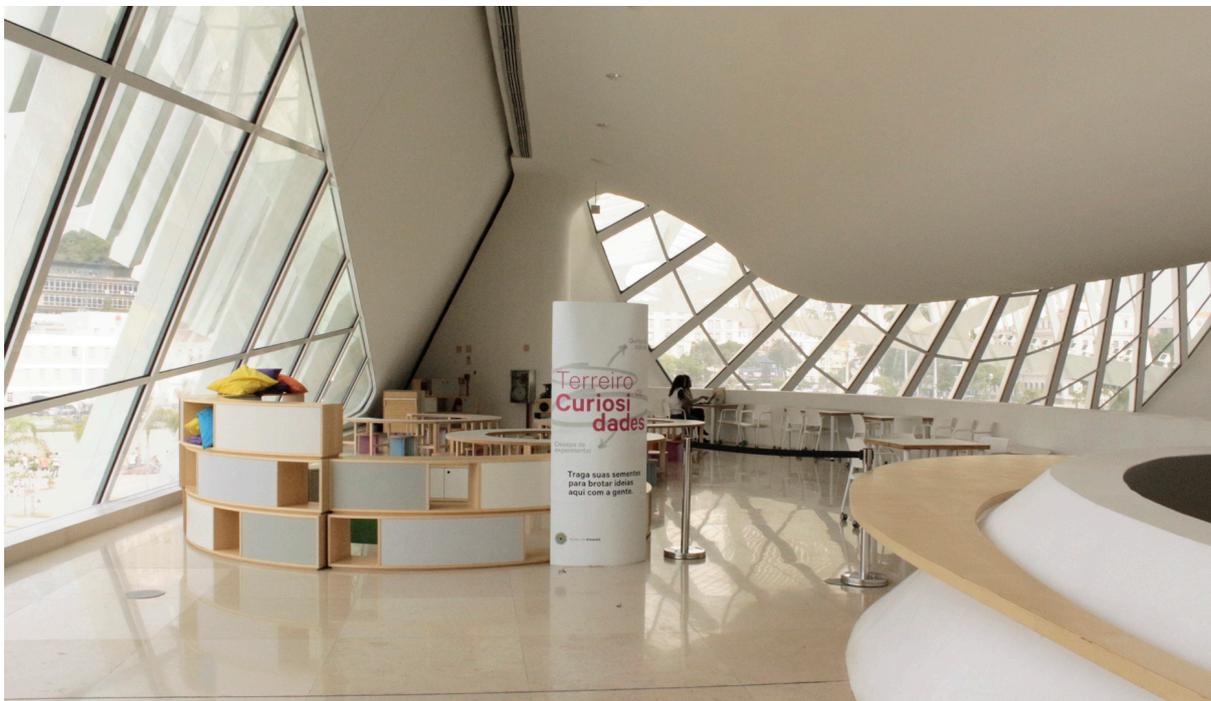


Figura 30: Foto do espaço “Terreiro de Curiosidades”.

O encontro foi conduzido por dois educadores, e consistiu em uma roda de conversas e algumas dinâmicas, tais como tirar um tarô customizado. Apesar de ter sido planejado para vinte pessoas, a única participante desse dia foi uma professora de ensino médio da rede pública, a Catarina¹³. No primeiro mês que acompanhei os encontros, o baixo número de participantes era uma preocupação para os educadores; já na segunda vez, o encontro estava bem mais cheio, com cerca de 15 pessoas, talvez por ser um mês de férias. As inscrições para esses encontros são feitas online, apesar de ser possível se inscrever na hora. Eles são divulgados pelo site e *Facebook* do museu.

Um dos educadores explicou que o tema do “oráculo” é voltado para as ideias de “perspectiva, previsão, prognóstico, acaso, e como o que a gente espera está ligado ao que a gente já vive”. Segundo ele, essa perspectiva oracular está presente também fora do místico ou metafísico. “A gente tem contato com previsões o tempo todo. Desde a previsão do tempo, que tá imaginando, a partir de fatos científicos e análises, até o diagnóstico de um médico, que nada mais é do que uma especulação. E a nossa ideia aqui é como a gente pode relacionar

¹³ Nome fictício

isso com a educação”. A atividade central do encontro consistia em tirar cartas customizadas pelos educadores inspiradas nos arcanos do tarô. Os educadores me explicaram que preferiram o nome de “oráculo” à tarô pois acreditavam que esse nome poderia afastar algumas pessoas. A proposta era de que as cartas fossem tiradas para pensar o passado, presente e futuro de alguma pergunta proposta pelo visitante relacionada à educação.

Em um determinado momento do encontro em que se discutia sobre o papel educativo do Museu do Amanhã, Catarina expressou que se preocupava se as pessoas ficavam impactadas ou não depois de passar pela exposição. Como discutido anteriormente, essa é uma preocupação recorrente para a equipe e dessa vez foi enunciada por uma visitante. Será que o Museu consegue provocar reflexões para a mudança de ação de seus visitantes? Afinal, seu slogan é “o amanhã é hoje, e hoje é o lugar da ação”.

Catarina acha que ficou tão impactada porque já se interessava por temas relacionados à sustentabilidade antes de ir ao museu. Ela disse que quando veio ao Museu pela primeira vez, para visitar a exposição principal, ficou com medo de sair deprimida, mas achou que a perspectiva de ação do Museu não deixa a pessoa assim. Ela completou que não é pessimista e acredita que o Museu do Amanhã pode impactar alguma coisa na vida dos visitantes. Um dos educadores concordou, dizendo que acha que as pessoas não são as mesmas quando saem do museu.

Um dos educadores partiu dessa fala para pensar em como a experiência com o museu está relacionada ao que a pessoa já viveu. “É como se a gente fosse um nó de presente, passado e futuro. As nossas expectativas não existem sem as nossas experiências, a gente tá unido”, argumentava ele. Ele continuou, falando de como as expectativas também marcavam sua experiência nesse lugar, mesmo indo trabalhar ali todos os dias, e disse que “o que eu espero de uma visita, está conectado às coisas que eu já trago”. Para ele, todas as expectativas, mesmo quando não sabemos que são expectativas, podem ser frustradas e estão conectadas com experiências anteriores. “O museu é feito do que a gente traz pra cá, o museu é feito pelas nossas experiências. A expectativa muda a experiência e o contrário também”, completou ele. Essas reflexões se relacionam com as minhas experiências nesse espaço e com o processo de fazer pesquisa, marcado por composições de passado, presente e futuro.

O outro educador relacionou essa ideia de expectativas para pensar as previsões feitas na exposição principal na área dos Amanhãs, perguntando: “e se a previsão que a gente faz é ruim, o que a gente pode fazer para mudar ela?”. Para ele, o Museu se apresenta como uma diretriz de onde a gente quer chegar e como a gente pode chegar. Em um dos ambientes que se desdobram do origami dos Amanhãs, chamado Planeta, essas previsões aparecem no

conteúdo audiovisual divididas em três cenários de futuros possíveis para os próximos cinquenta anos – suave, intermediário e intenso.

A influência do Antropoceno no Amanhã é tão forte que o som do vídeo domina essa área e um grupo de meninas dança com essa trilha sonora, enquanto exploram as estações interativas. Além disso, nesse espaço Planeta, os temas discutidos são as mudanças climáticas e as alterações na biodiversidade e esse conteúdo – junto com a frase “os cenários futuros dependem das nossas ações conjuntas no presente”, que aparece nas telas – mostra uma continuidade com a área anterior da exposição.

No centro desse ambiente, uma plataforma de telas interativas apresenta ao visitante o primeiro dos três jogos, o Jogo das Civilizações. Nesse jogo, baseado em um algoritmo da NASA, o jogador toma decisões que têm impacto sobre o clima, biodiversidade, população e cidades, e o resultado dessas decisões influencia na estabilidade social e sustentabilidade do planeta.



Figura 31: Foto do espaço “Planeta” na área dos Amanhãs

Todos os ambientes dos Amanhãs têm uma proposta mais individual, que busca situar o visitante no mundo, como agente e parte da construção do futuro (MUSEU DO AMANHÃ, 2017a). O gerente de Pesquisa e Engajamento de Público descreve que, enquanto o foco do Antropoceno está no coletivo, por mostrar um panorama global, o Amanhãs tem a proposta de “empoderar” as pessoas, para que elas percebam que fazem parte dessa construção. Ele descreve que, no Antropoceno, o visitante é uma pessoinha muito pequena diante das estruturas que dão o panorama global; já nos Amanhãs, a interação mostra que as decisões individuais são parte e afetam esse sistema global.

Ele admite que os jogos têm alguns problemas como, por exemplo, colocar os visitantes de costas para as informações. Para ele, o Amanhãs é a área mais importante da exposição, mas também a mais complicada, porque é o principal espaço de proposta para a ação. Ele afirma que se pudesse mexer em alguma coisa da exposição, seria nessa área, porque acha que tem muito potencial, muito conteúdo, mas que esse conteúdo não está sendo completamente passado para os visitantes. Apesar disso, defende que os jogos são bons e passam coisas interessantes.

Esse gerente destaca o espaço Sociedade dentro dos Amanhãs, porque aqui a desigualdade é colocada como um tema fundamental e o eixo ético da convivência está mais em evidência. O gerente de Exposições e do Observatório também percebe que é nessa parte que a perspectiva da convivência ganha mais visibilidade. Ele descreve que na abordagem do tema da longevidade, por exemplo, não se trata apenas de conseguir chegar a 90, 100 anos mas sim de atingir essa idade com qualidade de vida.

Enquanto estava em campo, a minha percepção era de que apesar desses destaques apontados pelos gerentes, o foco na convivência era pouco nítido. No entanto, durante o processo de escrita, ao olhar novamente para minhas anotações sobre esse espaço, acabei concordando que, apesar de ainda sentir uma certa falta, esse é um dos poucos espaços do museu que aborda mais diretamente a questão da convivência.

Além de longevidade, essa outra dobra do origami, o espaço Sociedade, aborda temas como população, modos de vida, cidades e identidades. As telas de conteúdo audiovisual nas paredes disparam várias perguntas para os visitantes: “Seremos mais plurais? Como conseguiremos viver com tantas diferenças? Seremos mais numerosos? Seremos mais consumidores? Envelhecemos com qualidade? Como consumir com sustentabilidade? Seremos mais urbanos?”. Como os visitantes não ficam parados para ler todas, cada um é impactado por perguntas diferentes.

Essa área apresenta a problemática do crescimento constante da população mundial, com o aumento da longevidade e com taxas de natalidade ainda altas, alertando que esse crescimento está relacionado a um aumento no consumo e ao esgotamento dos recursos naturais. As previsões mostram que esse crescimento populacional também resulta em uma intensificação dos efeitos apresentados no Antropoceno.



Figura 32: Foto do espaço “Sociedade” na área dos Amanhãs

No centro da sala, o Jogo da Pegada Ecológica traz essa questão para o visitante e, depois uma série de perguntas sobre seus hábitos de vida e consumo, apresenta quantos planetas seriam necessários para sustentar seu padrão de vida. A ideia é que alguns estilos de vida têm um impacto maior sobre o planeta e, para evitar o esgotamento dos recursos, precisamos revertê-los; para isso, propõe-se a conscientização e mudança de hábitos de cada um.

As perguntas abordam desde o consumo de compras de roupas, eletrodomésticos e equipamentos eletrônicos até hábitos de reciclagem e uso de meios de transporte, como uso do carro e avião. Isso mostra como a pegada ecológica está associada a um certo nível de

consumo. O jogo segue os dados da ONG Global Footprint Network, que aponta a China e os Estados Unidos como os países com a maior pegada ecológica¹⁴. Porém, países em desenvolvimento, como o Brasil e a Índia, têm piorado sua pegada, em função da inserção de mais pessoas a um maior nível de consumo.

O Museu alerta que o crescimento – marcado pelo aumento da longevidade, expansão das cidades e aumento do consumo – é desigual e injusto. Porém, o que fazer com essas previsões? Por um lado, queremos melhorar a qualidade de vida das pessoas e diminuir a desigualdade. Por outro, como melhorar a qualidade de vida das pessoas sustentavelmente, sem esgotar os recursos do planeta?

Stengers (2015) percebe que as previsões e ameaças da “intrusão de Gaia” chegam ao consumidores com mensagens de que é preciso “modificar nosso modo de vida”, que convidam as pessoas a medirem sua pegada ecológica e a pensarem sobre o caráter “egoísta e irresponsável” de seus modos de consumo. Porém, ela ressalta que:

Há um apelo à boa vontade em todos os níveis, mas o desespero dos políticos é quase palpável. Como conciliar o imperativo de “soltar as rédeas do crescimento”, de “ganhar” na grande competição econômica, e o desafio de ter que pensar um futuro que define esse tipo de crescimento como irresponsável, até mesmo criminoso? (Idem, p.11)

Outro desafio para o futuro apresentado nessa área é como compatibilizar o respeito à diferença com as exigências da vida coletiva. Para o gerente de Exposições e do Observatório é com essa preocupação que o museu pensa as cidades, que são apresentadas como tendo o potencial de serem locais de encontro e valorização das diferenças. Ele acredita que as diferenças podem ser uma potência para permitir novos encontros, contatos e debates sobre os futuros possíveis.

Em uma das visitas que acompanhei, a conversa sobre o Antropoceno acabou abordando as tendências do Amanhã, pois estávamos sentados na frente do seu painel inicial. O educador falou dos dados do Antropoceno e perguntou como isso afetava a vida de cada um, perguntando “o que te preocupa?”. Ele abordou a questão da desigualdade dos impactos do Antropoceno em diferentes grupos e falou, então, que para ele a questão LGBT era muito importante, porque ele é um rapaz trans. Segundo ele, “uma pessoa LGBT é morta a cada 5 horas no Brasil, e o próximo pode muito bem ser eu. Como eu posso transformar isso? Qual o sentido de a gente estar aqui? Como vocês vão transformar essas coisas? Para mim, só faz sentido se a gente tentar transformar as coisas que nos preocupam, que nos afetam”. Em outro

¹⁴ Pegada ecológica é uma expressão traduzida do inglês, Footprint, que se refere à quantidade de recursos materiais e energéticos necessários para sustentar uma determinada população.

momento, eu perguntei para esse educador a respeito da falta de questões de temática LGBT e racial na exposição. Ele me respondeu que: “Olha, é pra isso que a gente tá aqui. Se não for para ser isso, eu não sei porque eu estou aqui. Eu, como um jovem trans, não posso não trazer essas questões”.

Essa é a única parte da exposição com uma pequena menção à questão LGBT, dentro do subtópico no interativo da Íris que aborda identidades e um amanhã mais plural. Na tela ao lado, o psicanalista Benilton Bezerra Júnior é um dos especialistas que fala sobre Sociedade e aborda a questão do conceito de normalidade.

A temática de gênero também aparece em uma tela da Íris no último ambiente do Amanhãs, chamado Humano, dentro do tópico de educação. Aqui, o destaque é para a importância da educação das mulheres para combater as desigualdades de gênero. Durante meu trabalho de campo, pude acompanhar o projeto “10 meninas na construção dos amanhãs”, cujo o foco era a educação de meninas para combater as desigualdades de gênero.

Esse projeto foi uma parceria do Museu do Amanhã com o Fundo de População da ONU – UNFPA. Durante três sábados, em maio, a equipe do Educativo promoveu encontros com dez meninas de 6 a 12 anos de diferentes partes da cidade do Rio de Janeiro para discutir questões de gênero e pensar em como elas afetavam seus presentes e futuros. Os encontros também visavam preparar as meninas para um seminário em parceria com a ONU, que aconteceu no dia 26 de maio de 2017, no qual elas apresentaram dois vídeos como resultado dos encontros, participaram de uma roda de debates e conversaram com a astrônoma Duília de Mello, que também participou do evento.

O seminário abordou o relatório do UNFPA sobre a situação da população mundial, que ressalta que é muito importante investir e proteger as meninas na faixa etária de dez anos para garantir que elas possam desenvolver todo seu potencial ao longo da vida e para que os objetivos de desenvolvimento do milênio sejam alcançados. Segundo o representante da UNFPA, que falou durante o seminário, a idade de dez anos é considerada um marco porque indica a entrada das meninas na puberdade, quando elas passam a ser mais vulneráveis a questões como casamento e gravidez precoces e violência sexual.

Nos encontros com as meninas, a equipe do Educativo promoveu discussões sobre sororidade, machismo, desigualdade salarial e como pensar a trajetória delas para o futuro a partir dessas questões. Segundo uma das educadoras envolvidas com o projeto, “a gente tinha uma estrutura para os encontros, mas a gente foi sendo levada pelos encontros e afetos com as meninas”.

Quando voltei a segunda vez para campo, o tema do Encontro de Educadores tinha mudado para “Educar para equidade, educar para autonomia”, que foi inspirado no projeto “10 meninas na construção dos amanhãs”. Dessa vez, o encontro estava mais cheio e tinha cerca de quinze participantes. Além dos participantes inscritos, os Encontros de Educadores passaram a ter intérpretes de Libras, apesar de não ter nenhum surdo participando nesse dia. A intérprete comentou comigo que muitas vezes esses eventos não alcançavam a comunidade surda. Segundo ela, temas como feminismo e questões de gênero ainda têm poucos espaços de discussão na comunidade surda e a iniciativa do Museu de tornar esses eventos acessíveis é muito importante.

As atividades usadas para promover as discussões foram as mesmas do projeto com as meninas, como a construção de linhas do tempo sobre sua trajetória de vida e um jogo de memória das profissões. Esse jogo apresentava pares de homens e mulheres em uma mesma profissão, associados à respectiva faixa salarial por gênero, mostrando sua desigualdade salarial. Sobre essa desigualdade, uma das educadoras contou que dados mostram que as mulheres têm uma escolarização maior do que os homens, mas ainda assim as empresas preferem contratar homens, especialmente para cargos mais altos; logo, em uma mesma profissão, as mulheres ganham menos do que eles. Ela alertou que “a gente tá se perguntando onde estão as mulheres nesses cargos, mas a gente encontraria menos ainda se a gente perguntasse aonde estão as mulheres negras”.

Ao observar as telas da Íris com os especialistas ao longo de toda exposição principal, reparei que nenhum deles é negro. Conversando com o gerente de Exposições e do Observatório, ele confirmou essa minha percepção. Apesar de terem tentado estabelecer uma certa paridade de gênero, eles se desculpam por não conseguirem encontrar pesquisadores negros que tivessem o mesmo reconhecimento na academia. Ele reconhece que isso é um problema e que deveriam haver pesquisadores negros nessas telas.

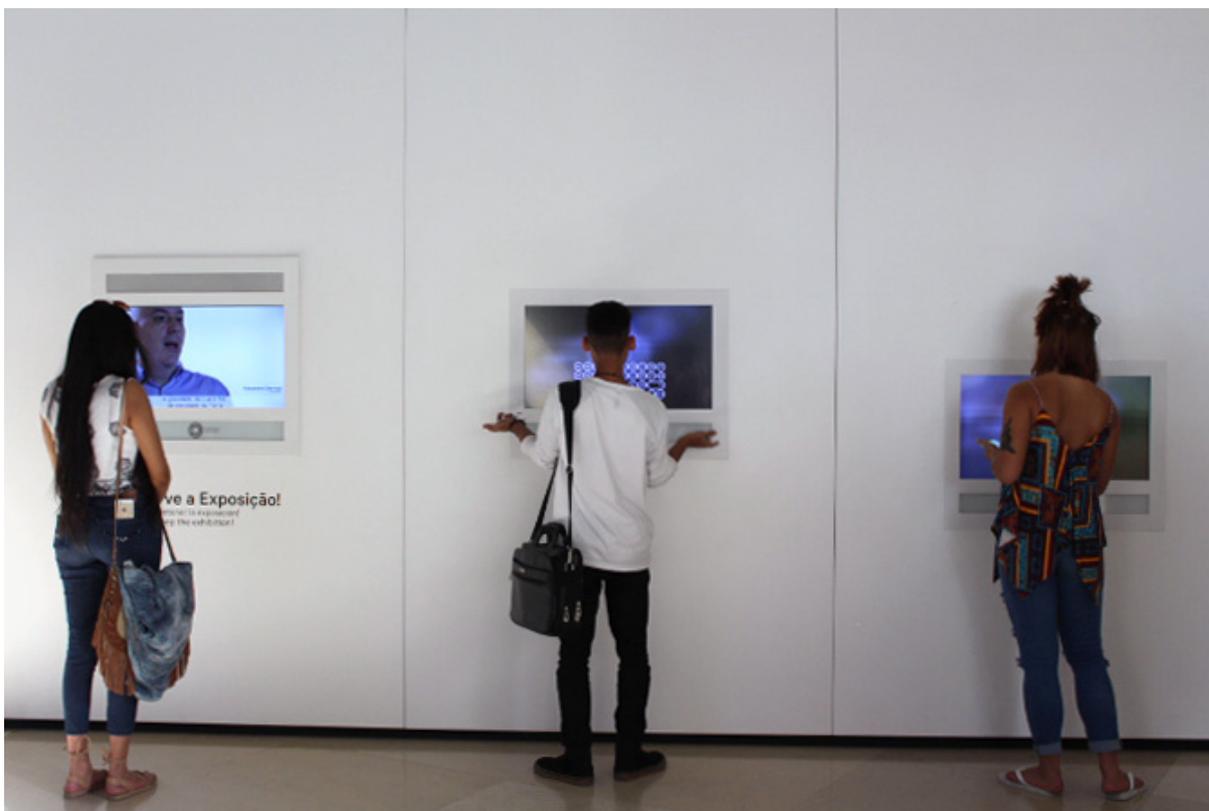


Figura 33: Foto de visitantes do Museu do Amanhã interagindo com as telas da Íris.

Ao contrário de questões de gênero que, embora com pouco destaque, são abordadas na exposição principal, a questão racial não é apresentada diretamente em nenhum momento. Acredito que essas ausências e esquecimentos também fazem parte do museu e constituem sua narrativa. Debary (2001) mostra como o museu, além de um lugar de memória, é um espaço de esquecimento. Para esse autor, ao analisar o Museu de Auschwitz, a reordenação, a organização e a artificialidade tornam impossível a reconstituição de algumas memórias, como o horror dos campos da morte. Porém, os museus não devem esquecer, pois têm um dever de memória.

Debary argumenta que os museus e outros “lugares de memória” permitem o esquecimento e expõe aquilo que uma sociedade deve esquecer para existir, o que ela não quer mais, mas não pode destruir. Logo, muitos museus são espaços de reparação e redenção da história, como o Museu de L’Homme de Paris, para o colonialismo, e o Museu de Auschwitz, para o Holocausto. Pensando em relação ao Museu do Amanhã, as suas ausências e faltas de respostas também são significativas. O que não está neste museu e sua ausência de respostas também compõem a narrativa de sua exposição.

Para questionar essas disputas de poder e silêncio que constroem as narrativas dos museus, o Instituto Brasileiro de Museus – Ibram propôs o tema “Museus e histórias controversas: dizer o indizível em museus” para a 15ª Semana de Museus, que aconteceu de 15 a 21 de maio de 2017. A ação proposta pelo Museu do Amanhã para essa Semana de Museus chamou-se “Sobre Damas e Camélias” e tinha como foco a questão racial e as permanências culturais africanas.

Uma educadora me explicou que a ação do Museu do Amanhã buscava evidenciar a história do quilombo abolicionista que existia no Leblon, no qual ex-escravos plantavam camélias como forma de esconder que eram escravos que tinham fugido. As camélias viraram um símbolo da luta abolicionista e eram usadas por pessoas como a princesa Isabel, mas, como ressaltou a educadora, a ideia era mostrar a pluralidade da luta e focar nas resistências dos escravizados. O título da ação foi baseado em uma música de Caetano Veloso, “As Camélias do Quilombo do Leblon”, e no livro sobre a história desse quilombo, “As camélias do Leblon e a abolição da escravatura”, de Eduardo Silva.

As ações aconteceram no corredor próximo ao belvedere e no “Terreiro de Curiosidades”. No belvedere, a ação consistia em um painel de fotos antigas de mulheres escravizadas, exercendo a função de babá de crianças brancas, com uma pequena descrição da ação ao lado das fotos. Essas fotos com o texto explicativo ficaram por um bom tempo na exposição, e quando voltei na segunda vez para campo, ainda estavam lá. O texto explicativo era pequeno, pois sua função era a de provocar as pessoas que passassem por ali.

Enquanto isso, em um stand móvel, um educador e uma educadora recebiam o fluxo de visitantes que se interessava na ação e propunham ensinar a fazer camélias de origami, enquanto discutiam o tema. Depois, era indicado que as flores de origami fossem coladas em algum lugar do museu em que esse tema estivesse presente. A maioria das pessoas escolhia colar nas fotos, até porque já tinham outras coladas. Não sei se foram vistas camélias em outro lugar do museu. Algumas pessoas preferiam levá-las para casa. A foto abaixo foi tirada no início da ação e ao longo da semana, mais camélias foram coladas.



Figura 34: Foto do painel de fotografias da ação “Sobre Damas e Camélias”.

Entre o fluxo de visitantes, suas interações com os educadores e conversas entrecortadas por outros visitantes que chegavam, eu observava a ação em cuja proposta incluía articular as palavras chave “trabalho” e “família” com as relações raciais. “O que parece esse origami?”, começou a educadora, para depois falar sobre o símbolo de resistência da camélia. “Essas damas”, disse ela apontando para a foto, “ainda estão no Leblon. Não é mais trabalho escravo, mas muitas ainda vivem em condições de trabalho que são formas de exploração humana”. “Você já viu o museu? Em que lugar tem algo relacionado ao que a gente tá falando aqui? Por algum motivo, esse imenso museu não toca nesse assunto”, disse a educadora um dos visitantes.

A outra parte da ação ocorreu no “Terreiro de Curiosidades” e tinha o processo de inscrições pelo site. Novamente, a ação teve o problema de poucos inscritos e a única participante foi Odete, cuja presença em dois eventos mencionei na parte sobre a área da Terra. Não sei quantos anos ela tinha, mas falou que se formou em enfermagem em 1963 e deu aula na UFF de Rio das Ostras. Hoje em dia é aposentada, e falou que frequenta inúmeros eventos em museus, espaços acadêmicos, festivais de cinema, e outros espaços culturais.

Sentadas em ao redor de uma mesa, começamos a fazer origamis das camélias, eu, Odete, um educador e uma educadora. Enquanto fazíamos as dobraduras, a educadora, que é formada em história, contou mais sobre a parte histórica da ação. Segundo ela, no século XIX aconteceram várias mudanças em relação à escravidão, em especial o fortalecimento do movimento abolicionista, mas questionou “até que ponto a gente superou a escravidão ou não?”. Ela continuou, explicando que até o século XVIII, eram mais comuns quilombos como o de Palmares, chamados de quilombos de rompimento, que atuavam clandestinamente. Já no século XIX, surgem quilombos urbanos, chamados quilombos abolicionistas, e eram notórios na cidade. O Quilombo do Leblon pertencia a um notório comerciante de malas, abolicionista, que abrigava ex-escravos em sua chácara, onde cultivava flores.

“Essas Damas que existem no Leblon estão lá ainda, fazendo o trabalho doméstico né? Tem gente que chama de trabalho escravo. Mas eu não acho que é trabalho escravo, acho que é uma forma de exploração. E essa nova reforma trabalhista, por exemplo, vai criar muitas situações para novas formas de trabalhos escravos. Essa modernização da CLT na verdade é desconsiderar a constituição, que é a nossa garantia de direitos humanos”, continuou a educadora. Odete respondeu a ela “O golpe é isso também. O golpe continua”.

O educador, que é negro, em reação a isso, contou “eu tenho uma história pessoal disso. Uma das minhas tias era doméstica e acabou que ela nunca teve tempo de ter filhos. Quando ela se deu conta, ela não tinha mais tempo de ter os filhos que ela sempre quis. Hoje em dia, os filhos dela são os filhos do patrão”. A educadora continuou a fala dele com a provocação: “porque isso é indizível dentro do Museu? Aqui perto a gente tem: o Cais do Valongo, o Instituto dos Pretos Novos e a Pedra do Sal. Porque nenhum desses lugares é mencionado na exposição?”

A equipe do Educativo percebe que esse é um assunto que falta no museu, que não tem na exposição principal, e questiona isso frequentemente. Um dos educadores me explicou que existe uma Comissão da Matriz Africana para tratar da questão das evidências da cultura negra, porque eles sabem que isso é uma questão que falta no museu. Segundo ele, eles preferiram o termo “evidências” do que “consciência” porque antes de ter consciência é preciso evidenciar. Além disso, preferiam esse termo do que “heranças” do período da escravidão, porque esse último traz um sentido positivo.

Essa comissão foi formada por colaboradores e equipe – o curador, membros da equipe de Relações Comunitárias e do Educativo – do Museu do Amanhã, por membros da sociedade civil e por representantes de três instituições da região portuária dedicadas à preservação e divulgação da cultura negra, como Afoxé Filhos de Gandhi, Quilombo da Pedra

do Sal e Instituto dos Pretos Novos – IPN. A comissão organizou um grande evento de uma semana para falar sobre as matrizes africanas, chamado “Vivências no tempo – Matriz Africana”. O evento incluía rodas de conversa, manifestações artísticas, eventos ao ar livre, ações educativas, gastronomia e debates¹⁵.

Por sua vez, o gerente de Exposições e do Observatório destaca que sua equipe tem se esforçado editorialmente, em outras exposições e atividades, para que o eixo da convivência ganhe mais destaque. Entre elas, ele enfatiza a exposição temporária “Inovações – criações à brasileira”, que ficou exposta de 25 de abril de 2017 a 18 de fevereiro de 2018.



Figura 35: Foto da exposição temporária “Inovações – criações à brasileira”

O título da exposição vem da palavra inovação, que é apresentada pelo Museu, logo no primeiro painel, pela palavra tupi-guarani “Pyahu-Açu” que anuncia uma grande novidade. A exposição traz um panorama de inovações contemporâneas e históricas, com ênfase naquelas produzidas por brasileiros, com seus “múltiplos sentidos, e que refletem

¹⁵ Infelizmente, esse evento foi realizado do dia 24 de junho ao dia 1º de julho, período em que eu estava em Brasília e não pude acompanhar como foram as discussões.

diferentes *Brasis*”¹⁶. Em outro painel, as palavras “Awani jö”, escritas em ioruba, propõem que “estamos juntos” e o texto que segue desenvolve a proposta de colaboração, abordando exemplos que vão desde práticas desportivas como o Frescobol a softwares livres, como o sistema Linux.

A proposta da exposição é abordar a inovação desde a indústria de ponta às artes e às chamadas tecnologias sociais. As tecnologias sociais são definidas como produtos, técnicas e metodologias que apresentam soluções efetivas para a transformação social de comunidades locais, de forma sustentável. Esse conceito pressupõe as comunidades como parte ativa na elaboração, pesquisa e implementação dos projetos.

Essa proposta de compartilhamento, integrando pesquisadores e comunidade, busca questionar a primazia do conhecimento científico “formal” ou “acadêmico” e visibilizar outras possibilidades de produzir inovação e transformação social, baseadas no saber local ou na experiência acumulada de comunidades tradicionais. A apresentação de outras possibilidades de saberes e experiências, valorizadas nessa exposição temporária, não é desenvolvida na exposição principal.

É por esse rumo que essa exposição temporária aborda algumas das ausências e silêncios da exposição principal. São apresentadas algumas “inovações” indígenas, cujas as práticas e saberes não são apresentadas como possibilidades na exposição principal, sendo elas: uma parceria entre a Google e os índios Paiter (Rondônia) para monitorar e combater o desmatamento ilegal; um videogame desenvolvido na parceria do antropólogo da USP, Guilherme Meneses, e indígenas do grupo Huni Kuin (Acre/Peru); e o aplicativo para dispositivos móveis “Alerta Clima Indígena”, criado pelo Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia – Ipam com a colaboração de grupos indígenas de Arariboia (Maranhão), Caiapó (Mato Grosso) e Raposa Serra do Sol (Roraima), com informações sobre as alterações climáticas adaptadas à linguagem de diferentes povos. A área onde o aplicativo “Alerta Clima Indígena” está exposto chama-se “Inexpectata” e discute a perspectiva dos imprevistos e sua relação com as inovações e a ciência, com o foco nas alterações climáticas e desastres ambientais, que são centrais nas discussões do Antropoceno.

¹⁶ Texto da exposição.



Figura 36: Foto de uma instalação no teto da exposição temporária “Inovações”.

Entre os inesperados dessa exposição, vi alguns visitantes se surpreenderem com a presença de personagens como a Tia Ciata, mulher negra, cozinheira e mãe de santo que teve um papel fundamental na promoção e desenvolvimento do samba. Além dessa personagem importantíssima para o samba, músicos como Naná Vasconcelos, Hermeto Pascoal e Sabotage, o jogador de futebol Garrincha, e o repentista Patativa do Assaré também estão presentes e são destacados como mestres do improviso, para além das inovações em suas áreas.

Além do improviso, a exposição mostra a questão do erro e de caminhos inesperados para a construção de novos saberes, na área “Errâncias”. A narrativa exposta enfatiza as possibilidades, apresentando sempre “porque é inovador?” e “outras aplicações” para as tecnologias e inovações expostas. A multiplicidade exemplos expostos nessa exposição busca incluir e reconhecer metodologias e práticas de grupos tradicionalmente marginalizados, como os indígenas, moradores de favelas, populações ribeirinhas e a comunidade surda.

Além disso, a exposição aborda, na área “Inspirações”, a questão da inspiração, especialmente na natureza, que é conhecida na área de tecnologias como biomimética¹⁷. A biomimética não propõe necessariamente replicar a natureza, mas sim combinações que levem a um material ou uma ideia com múltiplas propriedades. Um dos exemplos é a própria

¹⁷ Área da ciência que estuda as estruturas e funções biológicas para tentar encontrar soluções e estratégias para diferentes domínios da ciência.

arquitetura do Museu do Amanhã que, segundo seu arquiteto, foi inspirado nas bromélias do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.



Figura 37: Foto de uma das instalações da exposição temporária “Inovações”

Tive a oportunidade de assistir à palestra “Inovações brasileiras” com o consultor técnico da exposição temporária, Jorge Lopes, que é professor de design na PUC – Rio e pesquisador do Instituto Nacional de Tecnologia – MCTIC. A palestra abordou diversas tecnologias, especialmente as de ponta, conhecidas como *High Tech*, mostrando como elas e suas mudanças fazem parte das nossas sociabilidades, realidades e subjetividades.

No final de sua fala, o palestrante convidou a todos para visitar o Laboratório de Atividades do Amanhã. O Laboratório é dedicado à inovação e à experimentação dos avanços tecnológicos. Suas áreas principais de atuação são: “os efeitos e resultados das tecnologias exponenciais¹⁸ – como inteligência artificial, internet das coisas, robótica, genômica,

¹⁸ Destaco que as tecnologias exponenciais são aquelas que obedecem à Lei de Moore, que prevê que o número de transistores em um chip dobra, pelo mesmo custo, a cada 18 meses.

impressão 3D, nano e biotecnologia – e o futuro de determinados temas, como trabalho, urbanização, fabricação e alimentação” (MUSEU DO AMANHÃ, 2018). O Laboratório atua nas frentes de educação e popularização da ciência e tecnologia; na realização de palestras, workshops e encontros; em um programa de residência criativa; e na realização de exposições temporárias. O Laboratório promove uma série de conexões e encontros entre pessoas que trabalham com tecnologia e inovação.

O Laboratório fica no entrepiso entre o térreo e o primeiro piso, onde existe uma área de trabalho. Quando chegamos lá, a equipe estava trabalhando em um workshop com um grupo de pessoas. A diretora nos explicou que era parte do workshop “Tecnologia na Moda”, que foi desenvolvido com profissionais da moda e tecnólogos de áreas de programação e eletrônica por cerca de quatro meses. O workshop foi desenvolvido em parceria com O Cluster – uma plataforma colaborativa de empresas de moda – e a Biotecam – empresa de desenvolvimento de tecnologias para a melhoria do meio ambiente. O objetivo do workshop era explorar possibilidades de uso de tecnologias vestíveis (*wearables*), técnicas sustentáveis, biotecidos, modelagem e impressão 3D para repensar as formas e funcionalidades daquilo que vestimos.

Assim como todo o Museu, a proposta desse espaço é ser transdisciplinar. Um dos membros da equipe contou que uma das investigações foi o desenvolvimento de um tecido feito de kombucha, que é um tecido biológico desenvolvido a partir de bactérias, que geram uma espécie de couro vegetal biodegradável. Nessa pesquisa sobre a kombucha, eles integraram outras investigações que já estavam fazendo sobre origami e cortadora a laser, e aplicaram como possibilidade no workshop de tecnologia na moda. Segundo ele, “é aí que entra a poesia, na verdade. Coisas que aparentemente não teriam nada a ver, a gente junta tudo e resolve um problema que não tinha nada a ver”.

A diretora do Laboratório explicou que eles têm como propósito “prototipar um futuro mais sustentável e social, usando tecnologias tradicionais e exponenciais, de uma forma transdisciplinar”. Ela explicou a noção de protótipo, que seria uma versão inicial de um produto, desenvolvido com o mínimo viável, para mostrar como ele poderia funcionar. Um dos membros da equipe completou que a etimologia da palavra vem de *proto* – primeiro e *tipo* – forma, então “prototipar é criar tipos novos. E um tipo é uma marca, um parâmetro. Então a ideia é criar novos parâmetros”. Falando sobre a relação disso com o workshop e a indústria da moda, ele questionou: “como a gente prototipa esse futuro? Como a gente faz uma provocação à indústria da moda, do jeito que ela está hoje em dia? Como a gente faz essa provocação? A moda é o segundo maior poluente do mundo né, ela só perde para o petróleo.

O rumo que a moda tomou hoje em dia e o rumo que a moda vai tomar não pode ser esse, ela precisa ser algo sustentável, algo diferente”.

O resultado desse workshop foi apresentado na exposição temporária “Interface/Interlace”, que foi exposta no espaço de exposições do Laboratório, a qual pude visitar na segunda vez que fui a campo. Uma passarela vermelha conduzia o visitante através de um corredor que dava acesso à exposição. Antes de virar para a entrada da exposição o corredor acabava em uma parede com vários espelhos, que provavelmente carregava a mesma ideia do Cubo do Pensamento – para que o visitante se reconheça como parte da exposição.

Em uma das paredes desse corredor, uma projeção audiovisual introduz o tema da indústria da moda. As primeiras imagens mostram uma série de desfiles e modelos. A trilha sonora vai crescendo em intensidade e o fluxo de imagens passa a mostrar cenas de consumo desenfreado. Esse crescendo chega ao máximo com um barulho de explosão, a partir do qual imagens de poluição, trabalhos análogos à escravidão e miséria passam a ser apresentadas, mostrando outro lado da indústria da moda. Uma orientadora de público, que estava trabalhando nessa exposição quando visitei, opinou que: “acho que esse vídeo não reflete o que tem aqui dentro da exposição. Não leva você a pensar como o que está exposto aqui tem relação com esses problemas do vídeo. A exposição foca muito em tecnologia e acaba que não dá para pensar em exploração, em trabalho escravo. E também não tem nenhum texto sobre isso”. Vários problemas da indústria da moda, de fato, não estavam representados dentro dessa sala de exposições temporárias, que estava cheia das criações dos alunos do workshop. A questão do impacto sobre o meio ambiente foi desenvolvida em algumas das criações que, além do uso da kombucha, exploravam diferentes possibilidades de sustentabilidade. Contudo, a ideia de tecnologias vestíveis era central na narrativa da exposição. Essas tecnologias, chamadas de *wearables*, eram definidas na exposição como a introdução de componentes eletrônicos a acessórios e roupas.

Tamminen e Holmgren (2016) descrevem que o “movimento dos *wearables*” começou na segunda metade do século XX como um sonho de ficção científica de uma humanidade aprimorada. Destaca-se que a ficção científica, em especial os super-heróis, ainda é a principal referência para pensar essa categoria. Contudo, os autores ressaltam que o crescimento do mercado dos *wearables* torna menos nítidas as fronteiras entre o ser humano e a tecnologia. Por isso, pensar em como esses dispositivos afetam e mediam nossas relações com o mundo é uma questão filosófica, política e ética. Essa questão concerne as perspectivas de futuro que contém seres humanos com capacidades corporais aumentadas. Tamminen e Holmgren (idem) argumentam que essa vasta categoria de novos produtos digitais

considerados *wearables* levanta questões fundamentais sobre os limites dos corpos individuais e até mesmo da nossa espécie. Eles apontam que, por um lado, o valor dos *wearables* está relacionado a como essa tecnologia pode aumentar, alterar e estender as capacidades dos corpos de serem afetados e agirem no mundo. Por outro lado, alterar essas capacidades em um contexto globalizado, digitalizado e capitalizado provoca preocupações sobre o biopoder e a governança social. Dessa forma, assinalam como centrais as seguintes questões: porque nós gostaríamos de modificar ou aumentar as capacidades dos seres humanos; e quais capacidades queremos modificar.

Essas perguntas se desdobram no último espaço da área dos Amanhãs, chamado “Humano”, no qual o texto explicativo parte da difusão de objetos técnicos miniaturizados, que se aproximam cada vez mais de “nossos corpos e mentes” para questionar “o que é, o que será, ser humano?”. O jogo dessa área, desenvolvido em parceria com o jornalista e ator Marcelo Tas, propõe sete perguntas para traçar diferentes perfis de ser humano do futuro; assim, o visitante pode descobrir se é um “militante rabugento”; um “marciano melancólico”; um “androide visionário” ou um “ciborgue ambicioso”. Na minha vez de fazer o teste, o resultado foi “militante rabugento”, com a seguinte descrição:

Você se preocupa com o planeta mas não tem paciência para papo de sonhador. Seu negócio é agir. Não se importa em ser chamado de extremista. Até gosta. Alguns amigos gostariam de condecorá-lo com uma medalha de ranzinza. Que tal surpreendê-los sendo mais flexível?

Será que o jogo acertou? Talvez.



Figura 38: Foto do espaço “Humano na área dos Amanhãs.

Explorando o interativo da Íris desse espaço, a primeira categoria apresentada é a de “híbridos”, que enfatiza a seguinte pergunta: “Natural ou artificial? Com o desenvolvimento de novas tecnologias, será cada vez mais difícil distinguir uma coisa da outra”. O interativo aborda como esses híbridos estão cada vez mais presentes em nosso dia a dia, interferindo nas formas que sentimos e estabelecemos relações. Apresenta o exemplo de membros artificiais fabricados por impressoras 3D, entre outras extensões corporais, propondo que “aplicadas à saúde, a tecnologia pode ser usada em extensões que mudam a relação com nosso próprio corpo. Algumas podem transformar a vida de quem não pode andar ou enxergar, por exemplo. Outras sugerem que o corpo que conhecemos está obsoleto”. Quais corpos estariam “obsoletos”? Quais corpos poderiam pagar por essas tecnologias? O otimismo frente aos avanços na tecnologia e na ciência invisibiliza o fato de que esses avanços também podem contribuir para intensificar desigualdades.

Donna Haraway (2009) constrói um mito político a partir desses seres híbridos, os ciborgues, como sendo uma ficção que marca nossa realidade social e corporal, mas que também pode ser um recurso imaginativo capaz de mudar o mundo. O ciborgue, que é uma imagem tanto da imaginação quanto da realidade social, se apresenta como uma possibilidade

para a transformação histórica, que, para a autora, deve ser feminista, socialista e materialista. O ciborgue corporifica as rupturas e imprecisões nas fronteiras entre alguns dos dualismos centrais da epistemologia ocidental, marcadamente as fronteiras entre humano/animal, humano/máquina e o físico/não-físico. Logo, esse mito é proposto para a confusão de fronteiras e para potentes fusões e perigosas possibilidades. Essa metáfora, criada para pensar possibilidades de transgressões políticas, é importante para contrapor as explorações e redes de poder que persistem e se reestruturam nas novas relações sociais provocadas pelos avanços da ciência e tecnologia. Dessa forma, percebendo que essas mudanças não são neutras nem em termos de gênero nem em termos de raça, é preciso ter responsabilidade pelas relações sociais da ciência e da tecnologia e, assim, “[...] abraçar a habilidosa tarefa de reconstruir as fronteiras da vida cotidiana, em conexão parcial com os outros, em comunicação com todas as nossas partes” (idem, p.99).

Pensando nessas possibilidades de transformação política e na necessidade de responsabilidade frente à construção da realidade social e de seus futuros, nos encaminhamos para a última área da exposição com a pergunta: Como queremos ir?

5 NÓS

“Como queremos ir?”

Nossas ações, por menores que pareçam, são capazes de mudar o mundo. A cada momento, fazemos escolhas sobre nossos modos de vida. Se nos conectarmos com o planeta e uns com os outros, seremos uma ponte para um futuro sustentável. Cada um de nós faz o seu Amanhã. E juntos fazemos os nossos – os Amanhãs que queremos.” (Texto da exposição principal do Museu do Amanhã)

Para terminar a visita, os educadores nos conduzem para a última área da exposição principal, o “Nós”. Sua estrutura tem nove metros de altura e 17 metros de comprimento e é feita de losangos de madeira conectados, que remetem a “uma oca, uma noz, uma colmeia, tudo que seja coletivo e, por isso, Nós”, como me explica um dos educadores. A iluminação e a trilha sonora produzem um ambiente acolhedor e aconchegante das primeiras horas do amanhecer: depois de um silêncio na penumbra, as luzes vão se acendendo em tons pastéis com tonalidades de azul, rosa, roxo, laranja e vermelho que vão variando junto com a trilha sonora: uma música instrumental minimalista e suave. A iluminação tem um papel fundamental para passar a ideia de um constante amanhecer.



Figura 39: Foto da estrutura da área do Nós

Dentro dessa estrutura de madeira, ao centro, está um dos poucos objetos físicos do Museu. Trata-se de uma Churinga, um objeto sagrado para vários povos aborígenes australianos, que foi adquirida em um antiquário em Paris. Um dos educadores explica para o grupo que: “A churinga é um símbolo de várias temporalidades, pois ela promove que histórias do passado sejam contadas no presente para pensar sobre o futuro”. O fato de o único objeto museográfico ser justamente um artefato sagrado de aborígenes australianos, além da associação desse espaço do Nós com uma oca indígena, poderia gerar um desdobramento fértil para a discussão em uma outra pesquisa. Em um momento que se discute a repatriação de objetos coletados em contextos colonialistas, a presença da churinga no Museu do Amanhã pode ser muito contestada. Além disso, as churingas são decoradas com motivos gráficos totêmicos e ela está associada a rituais de iniciação masculina, sendo o acesso a elas proibido para mulheres e homens não iniciados (BERNARD, 1998).

A churinga está disposta em uma base branca circular, que possui algumas palavras escritas com a caligrafia de Mana Bernardes: “O amanhecer é sempre igual e sempre diferente. Está sempre amanhecendo em algum lugar do planeta.”. A ideia dessa área é que os visitantes conversem com um dos dois orientadores de público, que estão sempre à disposição nesse lugar, para saber mais informações sobre o objeto exposto. Esse é o espaço preferido de vários orientadores, pois é onde conseguem interagir e se conectar com os visitantes que demonstram interesse. O Nós é a única área da exposição principal que não possui telas interativas e conteúdo digital, uma vez que o objetivo é promover a interação entre pessoas. Porém, a maioria dos visitantes acaba passando por ali sem perguntar nada aos orientadores.

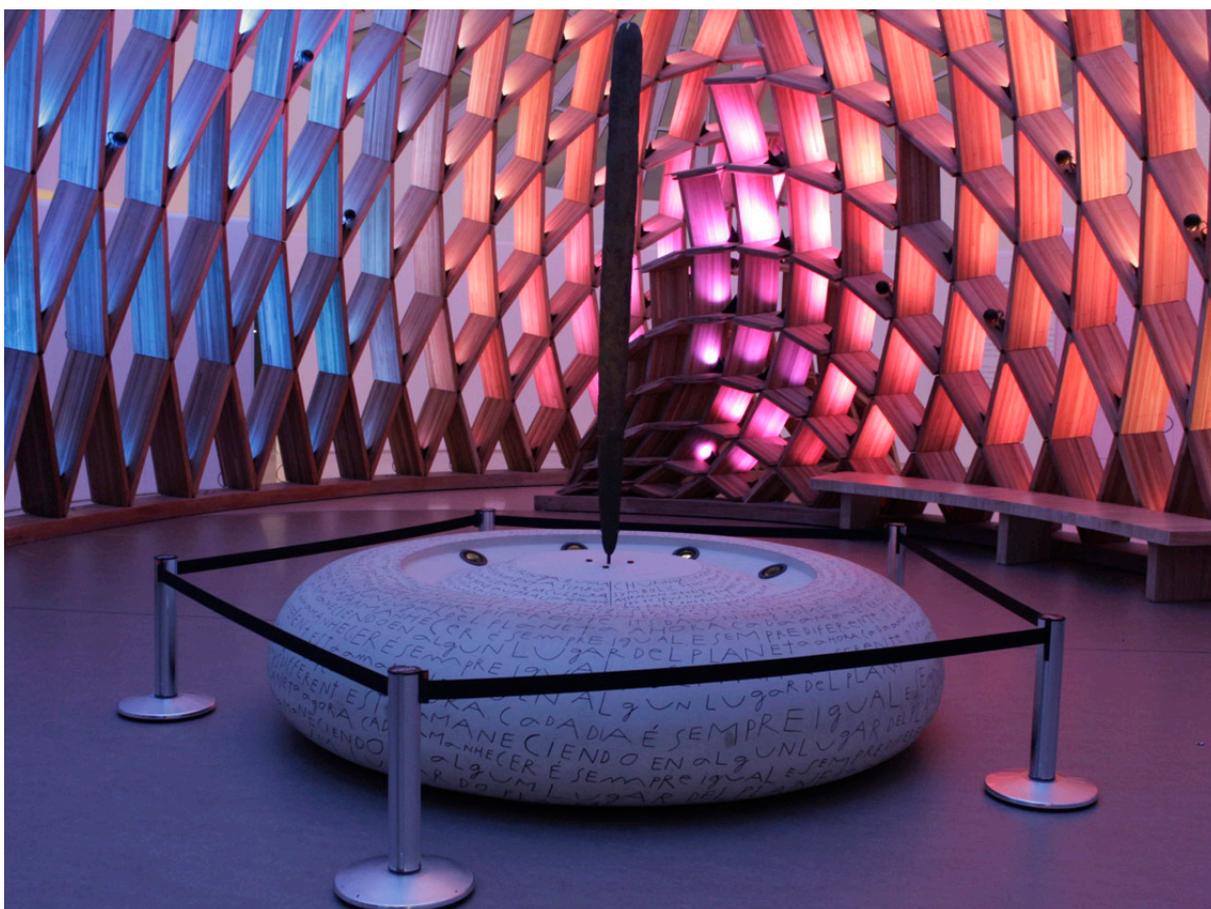


Figura 40: Foto da Churinga

Nas visitas mediadas, esse espaço funciona como uma reflexão final sobre as experiências que os visitantes tiveram no Museu e é a partir dele que faço minhas considerações finais.

A última pergunta, “Como queremos ir?”, é respondida pela palavra “Nós” que indica um pertencimento, uma perspectiva de construção coletiva para o futuro. Mas, como explica um educador, “o Museu do Amanhã não acredita no amanhã do futuro, acredita nesse amanhã do presente, que a gente está construindo junto e está sempre mudando”. Assim, a proposta do Museu é de que o visitante não apenas conheça os problemas dos tempos em que vivemos, concentrados em especial na área do Antropoceno, mas que se mobilize para algum tipo de ação. Embora o Museu seja assertivo de que é necessária uma resposta coletiva, sua narrativa é vaga acerca de que caminhos tomar, deixando a reflexão para os visitantes. Essa perspectiva de união é, de certa forma, inconsequente, pois, ao colocar todos como tendo as mesmas possibilidades de ação, ignora as desigualdades e diferenças de responsabilidade nesse processo.

Apesar de não marcar as diferentes responsabilidades, a perspectiva do Museu de propor o engajamento do visitante na construção dos Amanhãs é importante, pois, como defende Stengers (2015), seria um suicídio acreditar que não podemos fazer nada. Ela defende que é necessário experimentar a capacidade de pensar e agir juntos, como forma de luta política não para “melhorar as coisas”, mas para experimentar alternativas às impossibilidades criadas tanto pelo Estado quanto pelo capitalismo. A importância e o potencial do Museu do Amanhã podem ser resumidos na seguinte citação de Stengers: “A luta política deveria passar por todos os lugares onde se fabrica um futuro que ninguém ousa realmente imaginar, não se restringir à defesa dos sentimentos adquiridos ou à denúncia dos escândalos, mas se apoderar da questão da fabricação desse futuro.” (2015, p.149).

A Antropologia pode ajudar nesse processo de lutas, pois evidencia que outras formas de existir no mundo são possíveis e que o futuro não é um simples prolongamento do presente (DESCOLA, 2017). Além disso, podemos aprender com povos cujos mundos e suas formas de existir neles já desapareceram (DANOWSKI; CASTRO, 2014). Desse modo, acredito que seja importante discutir os futuros possíveis do Museu do Amanhã como uma forma de se apoderar da fabricação desses futuros. A crítica ao Museu pode moldar seus amanhã, uma vez que seu acervo virtual faz com que ele esteja sempre se modificando. Como me disse um educador: “se eu tivesse que definir o Museu em uma palavra seria contradição”. Essas contradições revelam tanto dominações quanto possibilidades de subverter e mudar suas narrativas.

Uma das educadoras explica que: “O museu não está no espaço, o museu está nas pessoas. Quem faz esse museu é a gente. Não tem sentido nenhum esse tanto de concreto aqui. Só faz sentido quando as pessoas entram aqui.” Ao longo da minha experiência no museu, pude perceber como a equipe está constantemente lutando para subverter e diversificar esse espaço, para abordar questões que a exposição principal não contempla.

Em uma conversa com um dos educadores, perguntei se ele achava que existia esse espaço de crítica, principalmente a partir de dentro do Museu. Ele respondeu que acha que existe não pelo que é dado, pelo que tem na exposição principal, mas pelo que é feito e pelas pessoas que estão ali: “Existe espaço para a crítica, desde que existam pessoas dispostas a fazê-lo. Nós somos os *hackers*, nós somos a falha no sistema deles. A gente tem que ser um fio desencapado, que chama atenção, que causa problema. É importante ocupar esse espaço, para transformá-lo e questionar se o Museu pode ser de outra forma”.

Para ele, outro problema é o caráter messiânico do Museu, que se apresentaria como resposta e salvação: “Porque constrói-se uma ideia de salvação, de que ao percorrer

todo o Boulevard Olímpico e chegar aqui, vai encontrar uma pedra filosofal. Esse discurso tem que ser dialético. A gente tem que fazer com que o museu não neutralize a crítica e a gente não aceite seus discursos sem refletir. Até que ponto o Museu está me convidando a refletir? Até que ponto a crítica não está sendo escondida por esse espetáculo? A crítica existe mas ela está sendo exposta por telas que nos colocam no lugar de espectador. Eu acho que existe sim uma crítica, mas não existe uma crítica que quebre as estruturas”.

Durante o trabalho de campo, conversas como essa me afetaram e foram alterando minhas formas de pensar, não apenas sobre o Museu do Amanhã. Certamente, se eu voltasse em outro momento, essa monografia tomaria outros caminhos. Cada experiência nesse Museu é única, e as possibilidades de pensar sobre ele são múltiplas e situadas. O meu percurso foi marcado por discussões com as quais tive contato ao longo de toda a graduação, que me levaram a refletir e dialogar sobre as oposições, associações e justaposições entre os temas expostos no Museu do Amanhã e suas discussões com parte da teoria antropológica.

As conexões que estabeleci ao longo desta pesquisa – com o museu, com as pessoas, com as narrativas da exposição, com a antropologia – fazem agora parte das minhas imaginações, desejos e possibilidades para o futuro. A última pergunta que o Museu do Amanhã propõe é “Que Amanhãs podemos imaginar?”, ao lado das janelas de vidro de um belvedere. Daqui, podemos ver a escultura abstrata no espelho d’água, que se confunde com o mar, e aponta para múltiplas possibilidades no horizonte.

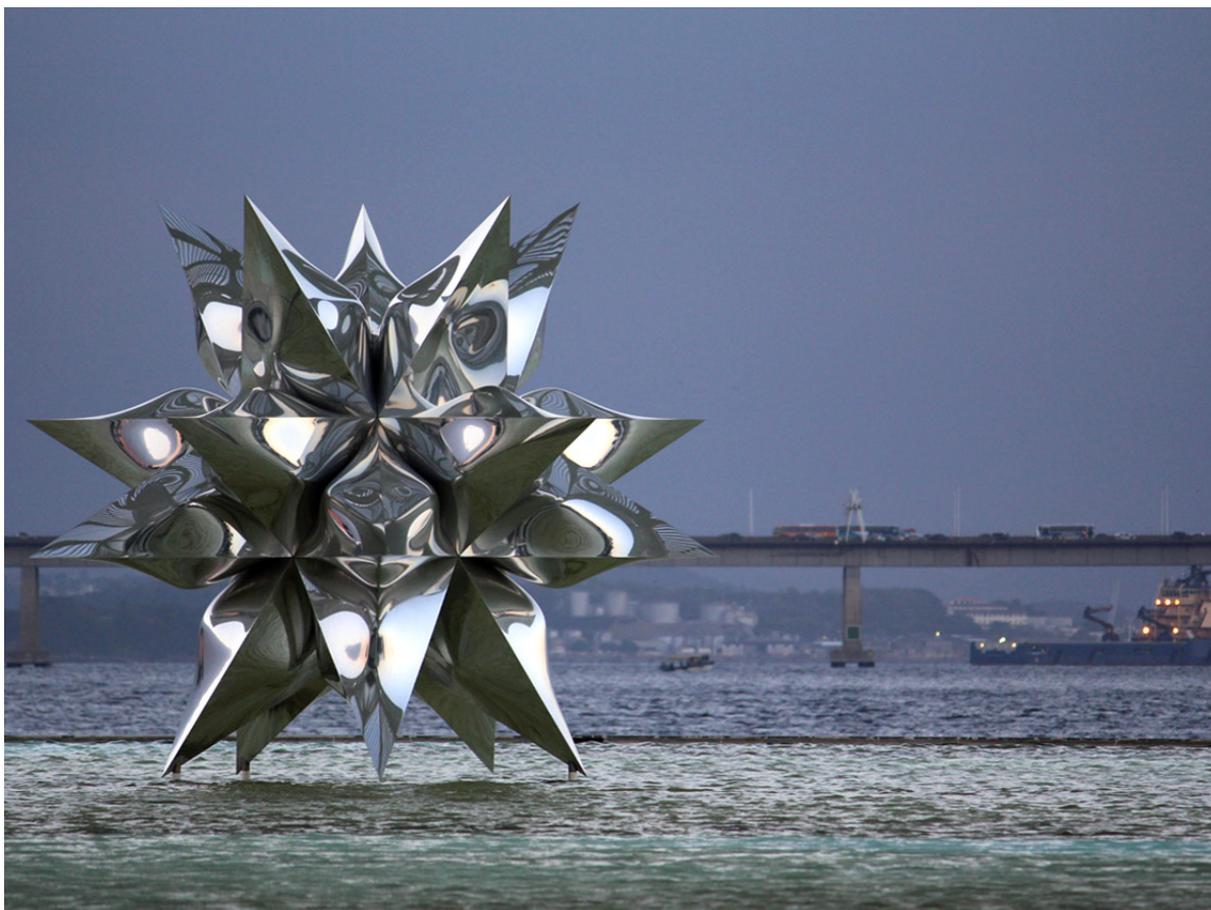


Figura 41: Foto da escultura Puffed Star II de Frank Stella

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AEON. **We are born of supernovas:** our spectacular and totally ordinary origin story. Disponível em: <<https://aeon.co/videos/we-are-born-of-supernovas-our-spectacular-and-totally-ordinary-origin-story>>. Acesso em: 14 set. 2017.

AMARAL, Dianna Izaías. **Novos Museus de Arte:** entre o espetáculo e a reflexão. 2014. 186 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

BERNARD, Moizo. Rôles et usages contemporains d'un objet culturel aborigène: le Churinga. In: DOMINIQUE, Guillaud; ANNIE, Walter (Ed.). **Le voyage inachevé... à Joël Bonnemaison.** Paris: Éditions de l'orstom, 1998. p. 669-674.

CRUTZEN, Paul J.; STOERMER, Eugene F.. The "Anthropocene". **Global Change Newsletter**, [s.l.], v. 1, n. 41, p.17-18, maio 2000.

DANOWSKI, Deborah; CASTRO, Eduardo Viveiros de. L'arrêt de monde. In: HACHE, Emilie (Org.). **De l'univers clos au monde infini.** Paris: Dehors, 2014. p. 221-339.

DANOWSKI, Deborah; CASTRO, Eduardo Viveiros de; LATOUR, Bruno. **Position Paper:** The Thousand Names of Gaia. From the Anthropocene to the Age of the Earth. Rio de Janeiro, set. 2014. Disponível em: <https://osmilnomesdegaia.files.wordpress.com/2014/07/position-paper-os-mil-nomes-de-gaia_port.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2017.

DEBARY, Octave. Oublieuse Mémoire. **French Politics, Culture & Society**, [s.l.], v. 19, n. 2, p.102-113, 2001.

DEBARY, Octave; ROUSTAN, Mélanie. A Journey to the Musée du quai Branly: The Anthropology of a Visit. **Museum Anthropology**, [s.l.], v. 40, n. 1, p.4-17, mar. 2017. Wiley-Blackwell. <http://dx.doi.org/10.1111/muan.12127>.

DESCOLA, Philippe. **Outras naturezas, outras culturas.** São Paulo: Editora 34, 2016.

DESCOLA, Philippe. Más allá de la naturaleza y la cultura. **Etnografías Contemporáneas**, n. 1, Buenos Aires, Escuela de Humanidades, UNSAM, 2005.

DESCOLA, Philippe. ¿Humano, demasiado humano? **Desacatos**, [s.l.], v. 1, n. 54, p.16-27, maio 2017.

DESCOLA, Philippe; PÁLSSON, Gísli. Introduction. In: DESCOLA, Philippe; PÁLSSON, Gísli (Ed.). **Nature and Society: Anthropological perspectives.** Londres: Routledge, 2004. p. 1-24.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. Todo amanhã emerge na cultura. In: AMANHÃ, Museu do; OLIVEIRA, Luiz Alberto (Org.). **Museu do Amanhã**. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2015. p. 54-57.

GABRYS, Jennifer; YUSOFF, Kathryn. Arts, Sciences and Climate Change: Practices and Politics at the Threshold. **Science As Culture**, [s.l.], v. 21, n. 1, p.1-24, mar. 2012.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

HARAWAY, Donna. **Entrevista com Donna Haraway**: exibida no Colóquio Internacional Os Mil Nomes de Gaia: do Antropoceno à Idade da Terra no dia 18/09/2014. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1x0oxUH0IA8&feature=youtu.be>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. **Climacom Cultura Científica: pesquisa, jornalismo e arte**, [s.l.], v. 1, n. 3, p.139-146, abr. 2016.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz (Org.). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 33-118.

HARAWAY, Donna et al. Anthropologists Are Talking – About the Anthropocene. **Ethnos**, [s.l.], v. 81, n. 3, p.535-564, 5 nov. 2015. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/00141844.2015.1105838>.

INGOLD, Tim. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2015.

LATOUR, Bruno. **Cara a cara con el planeta**: Una nueva mirada sobre el cambio climático alejada de las posiciones apocalípticas. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2017. (Spanish Edition) Kindle Edition.

LATOUR, Bruno. Anthropology at the Time of the Anthropocene: A Personal View of What Is to Be Studied. **The Anthropology Of Sustainability**, [s.l.], p.35-49, 2017. Palgrave Macmillan US. http://dx.doi.org/10.1057/978-1-137-56636-2_2.

LISBOA, Felipe Stephan; ZORZANELLI, Rafaela Teixeira. Metáforas do cérebro: uma reflexão sobre as representações do cérebro humano na contemporaneidade. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 24, n. 2, p.363-379, 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-73312014000200003>.

LOUREIRO, José Mauro Matheus. Museu de ciência, divulgação científica e hegemonia. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 1, n. 32, p.88-95, jan./abr. 2003. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1022/1077>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

LOVELOCK, James. Gaia: The living Earth. **Nature**, [s.l.], v. 426, n. 6968, p.769-770, 18 dez. 2003. Springer Nature. <http://dx.doi.org/10.1038/426769a>.

MARTINS, Mayã. Entre Memórias e Futurismos: Enquadramentos Sobre o Projeto Porto Maravilha, Cidade do Rio de Janeiro. **Ponto Urbe [online]**, São Paulo, v. 2015, n. 16, p.1-19, 2015. Disponível em: <<http://pontourbe.revues.org/2584>>. Acesso em: 10 out. 2016.

MOORE, Jason W.. The Capitalocene, Part I: on the nature and origins of our ecological crisis. **The Journal Of Peasant Studies**, [s.l.], v. 44, n. 3, p.594-630, 17 mar. 2017. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/03066150.2016.1235036>.

MUSEU DO AMANHÃ. **Plano Museológico do Museu do Amanhã**. Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/sites/default/files/expomus_planomuseologico_digital_160219_Otimizar.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2016.

MUSEU DO AMANHÃ. **O amanhã é hoje: um giro pelos primeiros 365 dias**. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/sites/default/files/O_Amanha_e_hoje.pdf>. Acesso em: 14 set. 2017.

MUSEU DO AMANHÃ. **Material de Divulgação**. Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/sites/default/files/Mda_BookConteudo_jan2016.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2017.

MUSEU DO AMANHÃ. **Cérebro: nosso senso de ser e existir**. Disponível em: <<https://museudoamanha.org.br/pt-br/cerebro-nosso-senso-de-ser-e-existir>>. Acesso em: 01 dez. 2017.

MUSEU DO AMANHÃ. **Um lugar para experimentar: Laboratório de Atividades do Amanhã**. Disponível em: <<https://museudoamanha.org.br/pt-br/laboratorio-de-atividades-do-amanha>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

OLIVEIRA, Luiz Alberto (Org.). **Museu do Amanhã**. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2015. Disponível em: <<https://museudoamanha.org.br/livro/>>. Acesso em: 14 set. 2017.

PINHEIRO, Márcia Leitão; CARNEIRO, Sandra Sá. Urban revitalization, heritage and memories in Rio de Janeiro: uses and appropriation of Valongo Wharf. **Estud. hist. (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 57, p. 67-86, abr. 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21862016000100067&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 28 nov. 2016.

SÁ, Guilherme José da Silva e. Da cultura da diferença à diferença das culturas: A apropriação do conceito de cultura no discurso de primatólogos. **Ilha: Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 7, n. 2, p.257-278, fev. 2005.

SÁ, Guilherme José da Silva e. The return of what never left: animals present in future natures. **Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology**, Brasília, v. 14, n. 2, p.58-71, 28 ago. 2017. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1809-43412017v14n2p058>.

STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

SOUZA, Daniel Maurício Viana de. Museus de ciência, divulgação científica e informação: reflexões acerca de ideologia e memória. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p.155-168, mai./ago. 2009. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/719/585>>. Acesso em: 30 out. 2016.

TAMMINEN, Sakari; HOLMGREN, Elisabet. The Anthropology of Wearables: The Self, The Social, and the Autobiographical. **Ethnographic Praxis In Industry Conference Proceedings**, [s.l.], v. 2016, n. 1, p.154-174, nov. 2016.

THE GUARDIAN. **Just 100 companies responsible for 71% of global emissions, study says**. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/sustainable-business/2017/jul/10/100-fossil-fuel-companies-investors-responsible-71-global-emissions-cdp-study-climate-change>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

VALADÃO, Regina Coeli Mendes; DODEBEI, Vera Lucia Doyle Louzada de Mattos. “Porto Maravilha”: tradição e inovação nos museus da zona portuária do Rio de Janeiro. **Revista Musear**, Ouro Preto, v. 1, n. 1, p.13-24, jun. 2012. Disponível em: <<http://www.museologia.ufop.br/musear/wp-content/uploads/2012/06/3-Porto-Maravilha-tradição-e-inovação-nos-museus-da-zona-portuária-do-Rio-de-Janeiro.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2016.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 113-148, Abr. 2002.